



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ROSILÂNDIA FLÁVIA DE LIMA RAMOS

EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA: o papel da leitura na formação da competência
linguístico-discursiva dos educadores do campo

JOÃO PESSOA
2016

ROSILÂNDIA FLÁVIA DE LIMA RAMOS

EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA: o papel da leitura na formação da competência
linguístico-discursiva dos educadores de campo

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Linguística -
PROLING, para obtenção do grau de
Doutora.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria de Fátima Almeida

JOÃO PESSOA
2016

R175e Ramos, Rosilândia Flávia de Lima.
Educação para a cidadania: o papel da leitura na
formação da competência linguístico-discursiva dos
educadores de campo / Rosilândia Flávia de Lima Ramos.-
João Pessoa, 2016.
183f.
Orientadora: Maria de Fátima Almeida
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHL
1. Linguística. 2. Linguagem. 3. Concepção de leitura.
4. Educação do campo. 5. Formação docente.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

ROSILÂNDIA FLÁVIA DE LIMA RAMOS

EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA: O PAPEL DA LEITURA NA FORMAÇÃO DA
COMPETÊNCIA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DOS EDUCADORES DO CAMPO

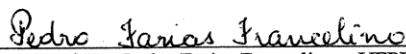
Aprovada em 29 / 02 / 2016.



Profª. Drª. Maria de Fátima Almeida - UFPB
Orientadora

Prof. Dr. Severino Bezerra da Silva – UFPB
Membro Interno

Profª. Drª. Maria Bernadete da Nóbrega – UFPB
Membro Interno



Prof. Dr. Pedro Farias Francelino – UFPB
Membro Interno

Profª. Drª. Eliete Correia dos Santos – UEPB
Membro Externo

AGRADECIMENTOS

Ao Pai, à Mãe Santíssima e a toda e qualquer Força do Bem que agiu para o sucesso deste momento, que me trouxe conforto e esperança nos momentos de dificuldade.

À professora Maria de Fátima Almeida, pelo compromisso e acuidade com que me orientou durante estes anos, pelo carinho e respeito com que sempre me recebeu, pela generosidade em compartilhar, com humildade e sabedoria, seus conhecimentos, pela parceria e pela amizade.

À Severino Bezerra da Silva – tio, amigo, parceiro, por sempre acreditar que daria certo, por não medir esforços para isto!

À minha avó Maria das Dores Bezerra (vó Dora), por tudo!

Aos alunos, professores e coordenadores do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), pelas aprendizagens e ensinamentos recíprocos.

Aos movimentos sociais que lutam pelas causas do campo, sobretudo por uma educação justa, igualitária, uma educação que considere os sujeitos do campo como agentes de suas histórias, que considere o campo como espaço de sociabilidades próprias.

Aos professores Ana Cristina Aldrigue de Sousa, Maria Bernadete da Nóbrega, Eliete Correia Santos e Pedro Francelino pela amizade, pela leitura criteriosa deste texto e por todas as contribuições dadas.

A todos que lutam pela educação com a consciência e o compromisso de ensinar a ler e a escrever não apenas as palavras do mundo letrado, mas aquelas impressas nas relações estabelecidas no convívio social.

“Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao riso e à aventura do espírito.”

Paulo Freire – Pedagogia da Autonomia

RESUMO

Esta pesquisa versa sobre a concepção de leitura de educadores e educadoras do campo, do curso Magistério, em nível médio, promovido pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. O eixo teórico-metodológico é de caráter qualitativo e interpretativo. Tal posicionamento, ao ser assumido, pressupõe que o homem não é um ser passivo, mas interpreta o mundo consecutivamente. O instrumento de pesquisa foi um questionário aplicado no final do curso. Este questionário consta de vinte e quatro questões, divididas em duas partes. Foi aplicado a vinte e três alunos. Foram feitas análises das questões pertinentes à pesquisa e agrupamos as respostas de acordo com as categorias analisadas: formação docente e concepção de leitura. A fundamentação teórica baseou-se em Bakhtin e o Círculo (2003, 2006); Almeida (2004, 2013); Freire (1980, 1987 1996), Silva (1987); Batista (1991); Arroyo (1999); Caldart (2004). A abordagem teórica respaldada em Bakhtin que concebe a linguagem como lugar da interação entre os sujeitos, o que resulta em práticas mais abrangentes e significativas do ato de ler, em condições especiais, em que a leitura envolve elementos do contexto sócio-histórico e ideológico dos indivíduos. Constata-se que o ensino de leitura não pode se realizar fora do contexto dialógico, pois esta perspectiva proporciona aos educandos do campo posturas críticas e reflexivas. Não interessa, em tal abordagem, somente o reconhecimento da forma linguística, mas a construção de sentido entre autor, texto e leitor.

Palavras-chave: **Linguagem. Concepção de Leitura. Educação do Campo. Formação docente.**

ABSTRACT

The main objective of this research is to analyze the conception of reading the field educator. The specific objectives seek to investigate the course of the contributions to a educational formation in accordance with the specifics of the field and check the reading activities, held in the Portuguese language discipline, developed in a dialogical perspective. The theoretical methodological axis is a qualitative character and interpretative. In undertaking such a positioning, we assume that man is not a passive being, but interprets the world consecutively. The research instrument was a questionnaire applied at the end of the course. This questionnaire consists of twenty-four questions, divided into two parts. It was applied to twenty-three students. We do analysis of issues relevant to research and grouped the answers according to the categories analyzed: educational formation and design of reading. The theoretical foundation based on Bakhtin and the circle (2003, 2006); Almeida (2004, 2013); Freire (1980 1987 1996)Silva (1987); Batista (1991); Arroyo (1999); Caldart (2004).The supported theoretical approach Bakhtin that conceives language as a place of interaction between subjects, resulting in more comprehensive and meaningful practice the act of reading, on special terms in that reading involves elements of the socio-historical context and ideological of individuals. Verified that the teaching of reading may not be performed outside the dialogical context, because we believe that This perspective provides students the critical and reflective postures field.

Keywords: Language. Reading conception. Field education. Educational formation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	09
1.2 ORGANIZAÇÃO DA TESE.....	15
2 EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	17
2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL.....	17
2.2 EDUCAÇÃO DO CAMPO: SUJEITOS E PRÁTICAS.....	21
2.3 PRONERA: UMA POLÍTICA DE DEMOCRATIZAÇÃO DO/ NO CAMPO	23
2.4 FORMAÇÃO DOCENTE: ALGUNS DIÁLOGOS.....	26
3 CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM E DE LEITURA NA PERSPECTIVA DIALÓGICA.....	31
3.1 GÊNEROS DISCURSIVOS.....	44
3.2 A LEITURA NA ESCOLA DO CAMPO	50
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	58
4.1 LOCAL E SUJEITOS.....	58
4.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA.....	59
4.3 RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA.....	61
5 ANÁLISES E CARACTERIZAÇÕES DA FORMAÇÃO E DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO.....	66
5.1 QUANTO À CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO.....	66
5.2 QUANTO À CONCEPÇÃO DE FORMAÇÃO DO EDUCADOR DO CAMPO ...	75
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS.....	88
APÊNDICE.....	92

1 INTRODUÇÃO

Se o Brasil não tem podido ficar surdo ao movimento social do campo pelo que incomoda, questiona e afirma – o direito à terra, ao trabalho, à dignidade, à cultura, à educação –, também os educadores e os pesquisadores e as políticas públicas, os currículos, a gestão escolar e a formação de professores não poderão mais ficar surdos ao conjunto de práticas inovadoras, sérias, que emergem coladas ao movimento social e cultural do campo. A educação rural ignorada e marginalizada está mostrando seu rosto, o verdadeiro, não a caricatura tão repetida: reduzir a educação à escolinha rural, à professora desqualificada, às massas de analfabetos. Uma visão preconceituosa que os educadores rurais vão desconstruindo.

(MIGUEL G. ARROYO 1999)

O texto da epígrafe acima nos convida a refletir sobre as ações dos movimentos sociais que vêm promovendo discussões e mudanças na forma de se perceber e de se fazer educação do/no campo, compreendendo a singularidade de seu espaço e de seus sujeitos, sobretudo provocando, nesses sujeitos, a capacidade de desconstrução de práticas preconceituosas voltadas a essa modalidade e à construção e fortalecimento de práticas competentes, envolvidas com o projeto de educação, verdadeiramente, do/no campo.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Desde muito cedo, ainda criança, o magistério estava presente em minha vida, refletido nas brincadeiras de menina, nos exemplos de um tio professor e na minha própria subjetividade que já despertava para o desejo de “ensinar”. Na escola, o anseio pela descoberta do funcionamento da língua através dos estudos gramaticais e o fascínio pela peculiaridade presente nos textos literários, apontavam-me a direção. Sendo assim, em 1999, ingressei no curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba.

Contudo, foram nas aulas de estudos linguísticos, sobretudo aquelas relacionadas ao uso social da língua, que pude agregar anseio e fascínio. Se por um lado, compreendi que não eram apenas os estudos gramaticais que me explicavam o funcionamento da lingual, por outro lado comecei a entender a subjetividade implícita em seus usos. Mas são muitas as vertentes linguísticas. Ainda não havia encontrado minha linha de pensamento em nenhuma delas, até me deparar com os textos bakhtinianos. A partir deste encontro, pude entender que nossas

escolhas, mesmo no universo da academia, não são aleatórias. Elas representam também o sujeito que somos, aquilo que acreditamos, e com o que sonhamos.

A perspectiva teórica mostrada a mim através dos textos do pensador russo, representou (e representa) mais que uma teoria para ser aplicada a um *corpus*, mas me possibilitou um olhar cuidadoso para minha construção enquanto sujeito ativo na relação comigo, com minha história de vida, e na relação com os sujeitos do meu convívio, entremeadas pelos diversos contextos em que estamos inseridos.

Em meados do ano 2004, tendo concluído o curso de Letras, fui convidada por professores do Centro de Educação - CE, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB a participar, como professora de Língua Portuguesa, do curso de formação do Magistério para educandos e educandas do campo, promovido pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Este programa é responsável por desenvolver projetos em áreas de assentamento e de acampamento desde a alfabetização até o nível superior. E se desenvolve na perspectiva da pedagogia da alternância¹ com base no tempo-escola e tempo-comunidade.

Em dezembro de 2004, na cidade de João Pessoa – PB, iniciou-se o curso de formação do Magistério, porém os encontros de planejamento e de visitas às comunidades tiveram início meses antes do começo das aulas. O Magistério surgiu com o objetivo de formar educadores e educadoras capazes de trabalhar a partir da realidade do povo do campo em áreas de assentamento² e de acampamento³, considerando a singularidade desse lugar e dos

¹ Em seu artigo 23, a LDB propõe a educação do campo em alternância regular de períodos de estudo sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar, o que para os cursos do PRONERA tem se traduzido em tempo-escola e tempo-comunidade... Com a pedagogia da alternância, trabalho e família passam a ser incorporado como elementos formativos do processo de aprendizagem do educando, implicando em valorização do lugar de moradia também do ponto de vista educacional, quebrando a lógica de que é necessário sair do campo, morar fora, para estudar. A pedagogia da alternância trata de construir com os sujeitos locais, relações sociais, políticas e pedagógicas, entre escola, comunidade, conhecimento, saber, trabalho, trabalhos escolares, etc. (Brasil, 2004, p.148);

² **Assentamento rural:** Em documento oficial de meados da década de 2000, o Estado brasileiro define o projeto de assentamento como [...] um conjunto de ações planejadas e desenvolvidas em área destinada à Reforma Agrária, de natureza interdisciplinar, integrada ao desenvolvimento territorial e regional, definidas com base em diagnósticos precisos acerca do público beneficiário e das áreas a serem trabalhadas, orientadas para a utilização racional dos espaços físicos e dos recursos naturais existentes, objetivando a implementação dos sistemas de vivência e produção sustentáveis, na perspectiva do cumprimento da função social da terra e da produção econômica, social e cultural do trabalhador rural e de seus familiares. (Caldart, 2013, p.108);

³ **Acampamento:** É um espaço de luta e resistência. É a materialização de uma ação clicaotética que torna pública a intencionalidade de reivindicar o direito à terra para a produção e moradia. O acampamento é uma manifestação permanente para pressionar os governos na realização da Reforma Agrária. Parte desses espaços de luta e resistência é resultado de ocupações da terra; outra parte está se organizando para preparar a ocupação da

sujeitos que lá vivem, e compreendendo o processo educacional como o caminho para o exercício da cidadania. No Estado da Paraíba, os assentamentos e acampamentos dos quais faziam parte os alunos organizavam-se em polos, conforme quadro que segue:

Quadro 1 – composição dos polos

Polo	Assentamentos/Acampamentos	Número de alunos
Sertão	Acauã Bom Jesus	3 alunos
Agreste	Almir Muniz Benta Hora	4 alunos
Guarabira	Limão Santa Lúcia Socorro União	5 alunos
Várzea	Nova Vivência Dona Helena	4 alunos
Litoral Sul	Árvore Alta Gurugi Frei Anatócio Apasa Engenho Palmeira Ponta de Gramame	9 alunos
Litoral Norte	Antônio Chaves Boa Esperança Jardim	4 alunos

Fonte: CPT – Comissão Pastoral da Terra (2008).

O Magistério, incluindo o tempo de encontros, viagens e planejamentos dos professores e coordenação, teve início em meados de 2004 e terminou em maio de 2008. A primeira etapa do curso de Magistério foi realizada no mesmo local de hospedagem dos alunos, o RCETERA – alojamento situado no bairro Portal do Sol, na cidade de João Pessoa, que dispunha de amplo espaço para as aulas e acolhimento dos discentes. Houve ainda uma etapa realizada em outro local de hospedagem, uma pousada na praia do Cabo Branco, também na cidade de João Pessoa. As aulas deveriam ser, desde o início, ministradas na própria Universidade, entretanto, foram inviabilizadas tendo em vista questões administrativas. Assim sendo, a coordenação do curso responsabilizava-se em conseguir outro local para as aulas, de forma que não comprometesse o calendário do curso. Após as primeiras etapas de aula, o curso de Magistério, finalmente, passou a ser realizado na Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

terra. [...] Os acampamentos são espaços e tempos de transição na luta pela terra. São, por conseguinte, realidades em transformação, uma forma de materialização da organização dos sem-terra, trazendo em si os principais elementos organizacionais do movimento. ((Caldart, 2013, p.21).

O contato com a educação do campo e seus sujeitos me trouxe algumas inquietações a respeito das disparidades entre os conteúdos que se ensinam aos sujeitos nas escolas e as reais necessidades desses sujeitos a partir de seu contexto socio-histórico. Passei então, a perceber a necessidade de uma proposta de ensino, especificamente em língua portuguesa, desenvolvida e pensada para a participação daqueles sujeitos do campo, considerando suas experiências e suas necessidades.

Assim, lembrei-me das lições de Bakhtin sobre a perspectiva dialógica do ensino de língua e pude compreender a dimensão do campo de trabalho que tinha a minha frente. No que se refere ao espaço para estudo, aplicação teórica e à complexidade das construções sociais envolvidas no lugar daqueles sujeitos. Um campo de interações, de sujeitos atentos a um projeto de educação voltado ao fortalecimento das dimensões socio-históricas do seu espaço, da construção e valorização de seus saberes e de suas dinâmicas.

Nesse contexto, as experiências vivenciadas, como professora de língua portuguesa, oportunizaram-me reflexões acerca da importância do processo de formação para o desenvolvimento de uma compreensão dialógica do ato de ler do educador do campo. Surgiu, a partir daí, o interesse de realizarmos essa pesquisa.

A Educação do Campo é um assunto, relativamente, recente no Brasil. É a partir da década de 1990, com a realização, no ano de 1998, da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, que observamos um crescimento nas discussões acerca desse tema, sobretudo no que tange à propagação, questionamentos, reivindicações e reformulação de políticas públicas educacionais voltadas aos povos do campo. Vale salientar que o conceito de educação vem sendo engendrado pelos movimentos sociais com o objetivo de alcançar melhorias das condições de vida, de trabalho, de direitos e de aprendizagem dos povos do campo.

Para conhecer o estado da arte da educação do campo no Brasil, fizemos uma pesquisa no banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Primeiramente, fizemos uma busca quanto aos trabalhos desenvolvidos na área de educação do campo. Foram encontrados três mil, novecentos e vinte e quatro registros. Na área de educação do campo e ensino, encontramos dois mil, duzentos e oito trabalhos desenvolvidos.

Ao restringirmos nossa pesquisa para a questão do ensino de língua portuguesa na educação do campo, encontramos apenas três títulos:

As práticas da leitura e escrita nas escolas do campo: uma experiência da fazenda Escoval, dissertação apresentada por Thays Macedo Mascarenhas, no ano de 2011, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Este trabalho teve como objetivo levantar e compreender criticamente as práticas de leitura e de escrita vivenciadas por alunos de uma escola do campo e a relação dessas práticas com a cultura local;

O aluno da escola rural: a influência do contexto no desenvolvimento das práticas de leitura, dissertação apresentada por Idelvone Fátima dos Santos, no ano de 2011, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Esta dissertação objetivou investigar a influência do contexto sociocultural dos alunos da escola rural no desenvolvimento de suas práticas de leitura;

A língua como prática social: leitura e escrita em escola Ribeirinha, no ano de 2012, dissertação apresentada por Janes Angie Moreira de Abreu, da Universidade Federal de Rondônia. O objetivo desta dissertação é analisar as práticas sociais de leitura e de escrita na escola Ribeirinha.

Dos três trabalhos citados, os dois últimos utilizam Bakhtin em seu aporte teórico, o que nos leva a pensar que a perspectiva de leitura adotada foi a dialógica. Contudo, notamos o número reduzido de trabalhos nesta área de ensino de língua na educação do campo, sendo assim, percebemos a contribuição da nossa tese a esta área, sobretudo porque entendemos que apenas uma concepção de trabalho com a leitura em uma perspectiva dialógica, pode implicar na construção de sujeitos ativos, participativos, capazes de refletirem suas condições de existência no mundo a partir do diálogo consciente com a realidade que o cerca, promovendo mudanças significativas nessa realidade, tornando esse sujeito capaz de construir seu próprio projeto de educação em consonância com as peculiaridades e necessidades desse espaço.

Além disso, a trajetória educacional do nosso país mostra que a educação camponesa esteve focada em experiências urbanas, negando o campo como espaço de atuação de sujeitos ativos na construção de sua identidade e do seu projeto educacional, conforme suas particularidades. As ofertas de educação para esse segmento, tendo como parâmetro a cidade,

em nada contribuíram para seu crescimento como lugar de sociabilidades próprias, portanto, torna-se imprescindível um projeto de educação que se desenvolva conforme os interesses dos camponeses.

Em nossa concepção, o trabalho com a leitura, nas aulas de língua portuguesa, é fundamental para uma percepção do ato de ler como processo interativo que envolve não apenas o texto, mas seu autor, seus interlocutores e suas condições de produção. Por isso, é essencial a maneira como o profissional formador concebe a linguagem para que os sujeitos participantes do processo de formação possam apreendê-la.

Sob essa ótica, a concepção de linguagem do educador responsável pelo trabalho com a língua portuguesa, nesse curso de formação, é essencial, visto que o docente que compreende a linguagem como um conjunto de códigos utilizado para expressar o pensamento ou como um instrumento de transmissão de conteúdos, limita o trabalho com a leitura à mera decodificação do texto. Entretanto, o educador que percebe a linguagem como o lugar da interação compreende que o trabalho com a leitura deve propiciar ao aluno condições para que ele desenvolva sua competência linguístico-discursiva, permitindo, dessa forma, a prática da leitura em condições sociais de uso.

Assim sendo, o objetivo principal é analisar a concepção de leitura do educador do campo. Como objetivos específicos, tencionamos averiguar a contribuição do curso para uma formação docente de acordo com as especificidades do campo e verificar se as atividades de leitura, realizadas na disciplina de língua portuguesa, se desenvolveram em uma perspectiva dialógica. A questão que se apresenta como problema é: o processo de formação dos educadores e educadoras do campo, do curso de Magistério – PRONERA, serviu para (re)definir sua concepção de leitura de acordo com seu contexto de atuação, ou seja, o campo? Apontamos a hipótese de que o curso de formação, para o aluno do campo, deve considerar o contexto social, histórico e ideológico desse lugar e de seus sujeitos como elementos fundamentais para o desenvolvimento eficiente de atividades de leitura.

Nossa pesquisa se respalda na Teoria Dialógica do Discurso, conforme representam as ideias de Bakhtin e o Círculo (2003 e 2006). Interessa-nos a concepção de linguagem adotada por este estudioso. Conforme Bakhtin (2006) a natureza da linguagem é dialógica, pois esta é fruto das relações entre o eu e o tu, portanto o outro exerce papel fundamental nesse processo.

A palavra dita no momento da enunciação estabelece as relações sociais entre os sujeitos, construindo uma teia comunicativa entre eles. Além dos postulados bakhtinianos sobre o funcionamento da linguagem, nos apoiamos nos estudos de Almeida (2004 e 2013) para quem o ensino de leitura se desenvolve em uma perspectiva dialógica. Freire (1980, 1987 e 1996) segundo o qual a leitura, enquanto prática consciente, pode promover transformações nas vidas dos sujeitos.

Ademais, os estudos de Caldart (2000, 2012 e 2014); Arroyo (1999); Kolling (1999 e 2002) foram imprescindíveis para as discussões sobre educação do campo, sua história, seus sujeitos, suas lutas e conquistas, seus desafios. Estas leituras contribuíram significativamente para fundamentação de nossa pesquisa quanto às propostas de ensino voltadas para os sujeitos do campo.

Também forma pertinentes as discussões sobre formação do campo abordadas em Almeida (2013); Maciel (2004) e Magalhães (2004) que apresenta um percurso dessa formação atrelada aos desafios enfrentados no cotidiano escolar, dialogando com as teorias e perspectivas de ensino voltadas à valorização dos sujeitos e seus contextos sociais, históricos e ideológicos.

1.2 ORGANIZAÇÃO DA TESE

A tese está organizada em cinco capítulos. O primeiro, constando a introdução, expõe a contextualização e a situação da pesquisa, a justificativa, os objetivos o problema e a hipótese e a fundamentação teórica adotada.

O capítulo 2, intitulado Educação do Campo, traz uma discussão sobre a educação do campo no Brasil, seus sujeitos e suas práticas. Ademais, apresenta o PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária como uma política de democratização da educação no/do campo. Após, discute a formação de professores como um aspecto fundamental para o desenvolvimento de uma educação de qualidade, voltada à realidade dos sujeitos desse processo, sobretudo aqueles do campo.

O terceiro capítulo faz uma discussão sobre as concepções de linguagem e de leitura à luz da perspectiva dialógica, trazendo importantes conceitos para a fundamentação deste

trabalho. No âmbito dessa discussão, a abordagem do ensino de língua a partir do trabalho com os gêneros discursivos, através do qual se pode desenvolver um ensino de leitura que considere contextos concretos, reais do uso da língua, ou seja, os aspectos ideológicos, históricos e sociais que envolvem os sujeitos.

O capítulo 4 trata dos aspectos metodológicos, abordando o tipo de pesquisa desenvolvido, o local e os sujeitos. Além disso, o instrumento e o procedimento de coleta. Ademais, expõe um relato de experiência de trabalho com a leitura, especificamente com o gênero discursivo crônica, realizada no curso de formação do Magistério – PRONERA, com os educadores. Atividade que tenciona elucidar a forma de trabalho na disciplina de língua portuguesa, com seus procedimentos e seus objetivos.

O capítulo das análises é o quinto que está dividido em duas partes. A primeira refere-se ao processo de caracterizações da formação do educador do campo, objetivando averiguar a contribuição do curso para uma formação docente de acordo com as especificidades do campo. A segunda parte das análises refere-se à concepção de leitura do educador do campo e propõe verificar se as atividades de leitura, realizadas na disciplina de língua portuguesa, se desenvolveram em uma perspectiva dialógica.

Posteriormente, chegamos à conclusão da pesquisa, averiguando se os objetivos foram alcançados, ou seja, apresentado os resultados do trabalho desenvolvido. E sugerindo, a partir dos resultados, da experiência vivenciada e do contexto da educação do campo, uma proposta de trabalhar a leitura que se desenvolva em uma perspectiva dialógica e considere a realidade e as necessidades dos sujeitos do campo.

2 EDUCAÇÃO DO CAMPO

Um dos objetivos políticos da Educação do Campo é ajudar na mobilização e organização dos camponeses em movimentos sociais que fortaleçam e identifiquem sua presença coletiva na sociedade e que sejam seu espaço principal de educação para a participação e para as lutas sociais necessárias.
(Roseli S. Caldart – 2004)

O tema da Educação do Campo, no Brasil, é, relativamente, recente. A partir do ano 1998, com a I Conferência Nacional por uma Educação Básica no Campo, vem crescendo as discussões sobre este assunto. Na base dessas discussões, atuam os movimentos sociais. Estes atores objetivam, não apenas disseminar discussões relativas à Educação do campo, mas questionar, reivindicar e reformular políticas públicas educacionais voltadas para os sujeitos do campo. Com isso, promover a melhoria das condições de vida, de trabalho e de direitos daqueles que habitam os espaços do campo.

2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL

Para compreendermos o momento atual da educação do campo é preciso lançar os olhos para o passado e enxergar o caminho percorrido pela constituição do sistema educacional brasileiro. Conhecer o passado torna-se a primeira condição necessária para podermos situar o tema da educação do campo, no Brasil, e compreender porque, atualmente, a população camponesa continua excluída do processo de escolarização e de um ensino de qualidade que considere suas especificidades.

A trajetória das políticas de educação voltadas para o campo, bem como as concepções pedagógicas que as nortearam, guarda restritos laços com os paradigmas de desenvolvimento socioeconômico do meio rural. Séculos de escravidão aliados a uma acentuada concentração agrária foram determinantes no processo de expulsão e expropriação das comunidades rurais, no entanto, por uma questão de sobrevivência, os camponeses desenvolveram estratégias de resistência que preconizaram políticas de desenvolvimento sustentável para os sujeitos do campo, entre elas, políticas de educação mais conscientes da singular existência do homem no/do campo.

No contexto histórico dessa resistência surgem os movimentos sociais como um movimento atuante na busca dos direitos e no combate à precária situação de vida do homem camponês. Porém, antes de adentrarmos as discussões sobre educação do campo, vamos lançar um olhar para o passado e discorrer sobre a educação oferecida aos povos do meio rural ao longo da história brasileira que teve seu início na divisão de terras no período colonial, através das capitanias hereditárias. A partir de então, notamos que só se acentuam o domínio latifundiário no Brasil e as desigualdades sociais provocadas por ele.

De acordo com Alentejano (2012, p. 355), no Brasil, apesar das inúmeras lutas e revoltas camponesas, da resistência indígena e quilombola, o latifúndio prevaleceu e impôs ao país a condição de um dos recordistas mundiais em monopolização da terra, a concentração fundiária segue sendo uma marca do campo brasileiro. Sabemos que quanto mais desigual é a distribuição de terra num país, mais fortalecida fica a estrutura fundiária, promovendo uma relação de poder entre grandes latifundiários e donos de pequenos portes de terra. Além disso, temos o impacto dessa distribuição desigual de terra nas consequências advindas da substituição dos trabalhadores rurais por modernos sistemas agrícolas, do êxodo rural, da exploração do meio ambiente, entre outras.

Neste contexto de discussão sobre as desigualdades provocadas pela concentração de terra, surgem as lutas sociais reivindicando uma distribuição mais justa das terras através da Reforma Agrária, cuja função é a democratização da terra como forma de garantir o acesso a todos que quiserem nela produzir e dela desfrutar. Conforme Stedile (2012), o processo de Reforma Agrária defendida pelos movimentos sociais brasileiros, entre eles o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), tem intenção popular que atenda às especificidades do país no contexto rural. É fundamental, porém, colocar que no centro dessa luta reside a necessidade da oferta de uma educação formal democrática que garanta o acesso à escola tanto na Educação Básica como no Ensino Superior, aos jovens do campo e aos demais sujeitos que se interessem pela docência no contexto do campo.

Ao retomar o percurso histórico observamos que a partir do século XX a educação rural começou a ser discutida. Na década de 1930, a educação rural entrou nos debates educacionais do país. Duas foram as razões principais para essa entrada: o exorbitante número de analfabetos, sobretudo no meio rural e saída em massa dos camponeses para a cidade em busca de trabalho nas indústrias, ocasionando o inchaço do espaço urbano. Temos, neste

período. Destaca-se, neste período, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, documento lançado, por intelectuais, em meio ao processo de reordenação política resultante da revolução de 1930, tornando-se que um marco do projeto de renovação educacional no país.

Além de constatar a desorganização do sistema escolar, sugeria que o Estado organizasse um plano geral de educação na defesa de uma escola pública única, laica, obrigatória e gratuita. Do manifesto, foi gerada a ideia de “ruralismo pedagógico”, uma proposta de educação direcionada ao trabalho no espaço rural, com o objetivo de manter o homem do campo no campo através de uma pedagogia que contemplasse um currículo escolar voltado a este sujeito as suas necessidades.

Entre as décadas de 1940 e 1950, vimos um período de desenvolvimento de projetos e programas educativos direcionados à população rural. Por um lado, esses projetos e programas procuravam valorizar o meio rural objetivando a permanência do camponês no espaço rural. Por outro lado, os projetos e programas tinham caráter assistencialista, pautavam-se nas experiências da cidade e em nada comungavam com a realidade rural da época.

Sendo assim, embora iniciativas de uma educação voltada aos povos do campo tenham surgido, elas pouco puderam contribuir de maneira satisfatória para a melhoria das condições de vida do camponês. Ao contrário disso, contribuíram ainda mais com a saída do camponês para a cidade em busca de trabalho.

Em 1960, a educação rural entra na agenda do governo, novamente, como estratégia de contenção do êxodo rural. O governo passa a ser cobrado por ações educacionais no meio rural. Assim, a publicação da Lei nº 4.024/1961, que dispunha das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, passou a ordenar que a zona rural mantivesse escolas rurais que estimulasse os dons profissionais do meio, com face tecnicista, e possibilitasse ao homem adaptação àquele meio (BRASIL, 1961).

Nesta ocasião, a Educação Popular, que tem como seu precursor e maior pensador o educador Paulo Freire, se apresenta como proposta de educação libertadora, conscientizadora, reflexiva e crítica. O objetivo é permitir uma educação de caráter problematizador que possibilitasse um olhar consciente, crítico e reflexivo sobre a realidade. Porém, até o final

década de 1970, com o regime militar no comando do país, pensadores e educadores que articulavam reformas na educação foram exilados.

Somente na década de 1980, o debate sobre educação popular volta a ocupar espaço nos debates, trazendo à tona a questão da educação do campo. A ideia era reivindicar e simultaneamente construir um modelo de educação, sintonizado com as particularidades culturais, os direitos sociais e as necessidades próprias à vida dos camponeses (MEC, 2007, p 11).

A Constituição Federal de 1988 passou a garantir a educação como direito de todos e a LDB/1996 regulamentou as ações educacionais nas esferas municipal, estadual e federal, dispondo ainda de medidas relacionadas às escolas rurais, nas quais deveriam ser promovidas as mudanças necessárias às especificidades de seus sujeitos.

Enfim, na década de 1988, a realização da I Conferência por uma Educação Básica do Campo, ocorrida em Luziânia – GO, unindo cinco entidades promotoras (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB; Movimento dos Trabalhadores sem Terra – MST; Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef; Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – Unesco; Universidade de Brasília – UnB), reabriu o espaço para as discussões sobre educação do campo e vem aumentando tal discussão agregando questionamentos, reivindicações e reformulações de políticas públicas educacionais voltadas aos povos do campo.

Três situações se destacam na ampliação das discussões acerca da Educação do Campo: os movimentos sociais e sindicais que aumentaram e tomaram como bandeira esta educação; as políticas públicas que, por ação do Estado foram criadas; e as discussões e grupos de pesquisa de instituições de ensino, universidades, contemplada por diversas áreas do conhecimento (MOLINA, 2010).

Em 2001, com a criação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, a Educação do Campo obteve ganhos no tocante às ações relacionadas às necessidades e especificidades dos seus sujeitos.

O Art. 2º das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, instituída em 2001, preconiza que a identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2001b).

Neste sentido, é necessário acompanhar as políticas públicas de oferta da educação básica designadas aos povos do campo, pois é notório que essas ofertas, nem sempre, estão em consonância com as reais necessidades e peculiaridades dos sujeitos do campo. Em crítica a esta situação Molina (2010, p. 105) refere-se ao “apartamento; a ruptura; a separação do campo da Educação do Campo” afirmando, desse modo, que as instâncias governamentais, em sua prática cotidiana, têm desconsiderado aquilo que, verdadeiramente, é constitutivo do campo. Assim, fazendo educação do campo sem o campo.

Este fato ilustra a educação levada ao campo meramente como rural e, muitas vezes, à parte das reais demandas dos sujeitos que habitam o campo. A seguir, discutiremos a Educação do Campo com ênfase em seus sujeitos e suas práticas.

2.2 EDUCAÇÃO DO CAMPO: SUJEITOS E PRÁTICAS

O campo enquanto espaço de produção e de mobilização social, rompe com a ideia de ser puramente uma dimensão geográfica. Para muitos, além disso, é cenário de reflexões, de lutas, de movimentos sociais. A essa discussão, vale a pena acrescentar uma reflexão sobre o sentido das preposições *para* e *no* campo. Esses usos revelam, de acordo com o Frigotto, (2010), uma intenção de natureza política embutida na educação ofertada ao meio rural, expressando um sentido de extensão conteudista e com métodos pedagógicos centralizados. Dessa forma, desconsidera a dinâmica dos movimentos sociais e produtivos do campo.

Nessa lógica, Martins, (2008), afirma que a distinção com a “educação rural”, o apreço pela apresentação gramatical da expressão educação DO campo, contrapõem-se à educação NO campo, por entender que mais que uma prática educativa realizada no meio rural, é uma prática educativa que se constrói a partir desse local. Sendo assim, usar educação Do campo em detrimento de educação NO campo é ter a consciência de uma educação pensada,

articulada e desenvolvida a partir dos sujeitos que habitam o espaço campo, com seus anseios, demandas, lutas e necessidades.

A educação do campo caracteriza-se por se constituir de sujeitos que residem no meio rural e lá trabalham, retirando, desse lugar, seu modo de sobrevivência e rendimento. Conforme Arroyo e Bernardo (1999), são camponeses, ribeirinhos, grupos indígenas e quilombolas, pessoas que arrendam terras, assentados, grupo acampados, sertanejos, moradores de sítios e colonos, pessoas que trabalham para proprietários ou que são pequenos proprietários, que residem e cuidam da lavoura e pecuária. Além disso, a educação do campo agrega os movimentos sociais, estudiosos, grupos e comunidades comprometidos com demandas desse lugar.

Contudo o campo é o lugar da produção de conhecimento orientado pela interdisciplinaridade, visto que se faz, de acordo com Souza (2010), mediante a análise histórica das contradições e conflitos sociais; da aprendizagem como construção social; da política como produto do trabalho coletivo e da dialogicidade; do movimento social como expressão de uma luta que é de classe; campo como expressão de territorialidades que enfrentam constantes disputas políticas.

A educação do campo com sua prática reflexiva e crítica vem conquistando seus objetivos e fundamentando uma pedagogia inovadora que rompe com o monólogo e instaura na prática dialógica. De acordo com Molina (2010, p. 107) na Educação do Campo as ações protagonizadas pelos sujeitos coletivos têm provocado e desencadeado processos que estão contribuindo com as "mudanças na realidade e nas próprias práticas educativas".

Assim, vem promovendo transformações da própria realidade a partir da atuação de seus sujeitos a partir das ações políticas e sociais para o fortalecimento dos processos educativos. Na base desse fortalecimento, a luta por escolas públicas cujo projeto político pedagógico agregue o contexto do campo. No âmbito das experiências coletivas, destaca-se o diálogo entre os movimentos sociais e as instituições acadêmicas na promoção de projetos voltados à educação do campo.

Resta-nos dizer que a educação do campo segue a trajetória histórica da educação no Brasil. Desse modo, o ensino acompanha as mudanças ocorridas na sociedade, seus desafios,

suas incertezas, suas lutas. Quanto ao professor, dois aspectos são importantes de mencionarmos. O primeiro alude ao professor que não recebeu formação quanto às especificidades do campo. O segundo se refere ao professor formado nos movimentos sociais, nas lutas do campo por uma vida mais justa.

Para discutirmos o primeiro, faremos referência à LDB nº 9.394/96, os Artigos 61 a 67 abordam a questão dos Profissionais da Educação, seu processo de formação e atuação, mas não se referem a um preparo educacional específico para o meio rural, para o campo, que atenda às singularidades deste espaço. Para tratarmos do segundo, faremos alusão à Caldart (2004), que coloca que na Educação do Campo as lutas e práticas necessárias a este contexto têm preconizado a defesa e a valorização do trabalho docente com um processo de formação específico a esta perspectiva.

Sendo assim, apontamos a importância de uma formação inicial e continuada com base no contexto do campo, ressaltando as vivências do professor em face às questões de diversidade, assim, voltada para uma prática educativa comprometida com a promoção de novos saberes.

2.3 PRONERA: UMA POLÍTICA DE DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO DO/NO CAMPO

Construído tardiamente, o sistema educacional brasileiro, a partir da lógica da educação europeia, revelou, ao longo da sua trajetória, certo desinteresse dos poderes públicos por uma educação voltada à formação crítica e consciente dos indivíduos, dessa maneira, o sistema educacional estabeleceu-se, no país, privilegiando os centros urbanos e negando o campo.

Esse paradigma contribuiu para a estruturação e materialização de uma cultura de submissão e dependência dos camponeses em relação aos interesses das elites agrárias do país. No entanto, os sujeitos do campo começaram a se organizar e a formar movimentos que despertaram para uma consciência outra sobre a dinâmica de vida do homem do campo no campo. A partir daí, os movimentos sociais do campo, entendendo a dívida educacional que o

país tem com a população campestre, desenvolveram novas alternativas para a educação de sua gente.

Após muitas lutas, surgiram diversos projetos que procuraram incluir o contexto sócio-histórico, político e ideológico da população campestre nas pautas de discussões do sistema educacional da nação, preconizando propostas de políticas públicas voltadas para esse segmento da sociedade.

Como resultado das reivindicações dos movimentos sociais, bem como de outros atores sociais da sociedade civil organizada em prol da construção de uma proposta educacional específica para o campo, surge, em 1998, o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Esse programa representa uma grande inovação com relação às políticas anteriores que não consideravam as especificidades do campo e a existência de sujeitos sociais com demandas específicas. Sujeitos estes que têm nome, rosto, sonhos, histórias, saberes, lutas, gêneros, raças e etnias diferenciadas.

O PRONERA se desenvolve considerando a identidade dos sujeitos do campo que se determina pela sua relação com os aspectos constitutivos de sua realidade como, por exemplo, a temporalidade e os seus conhecimentos próprios. Tais aspectos estão presentes na sua constituição e implantação.

Embora não contemple toda a população do campo, esse programa vem fornecendo subsídios para pensar, formular e estruturar políticas de educação para o campo. O PRONERA é uma política do Governo Federal, executada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), no Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Esse Programa visa à ampliação dos níveis de escolarização formal dos trabalhadores e trabalhadoras assentadas da Reforma Agrária.

O objetivo do PRONERA é fortalecer o mundo rural como território de vida em todas as suas dimensões: econômicas, sociais, ambientais, políticas, culturais e éticas. Esse programa representa o fruto da luta dos movimentos sociais pelo direito a uma educação que se desenvolva segundo os aspectos que identifiquem o espaço do campo, assim como sua gente.

Um dos aspectos mais relevantes do PRONERA está no seu caráter descentralizador, visto que as instituições públicas, parceiras desse programa, deverão desenvolver seus projetos em comunhão com os movimentos sociais e as organizações dos trabalhadores rurais, ou seja, o programa leva para dentro das instituições os representantes dos movimentos sociais e sindicais de trabalhadores e trabalhadoras rurais, e leva para o campo os representantes das instituições. O diálogo entre esses representantes configura-se em uma prática de interação necessária para o desenvolvimento de aspectos que abrangem o processo educacional, como, por exemplo, a cidadania.

O PRONERA, com suas parcerias, trabalha em função do desenvolvimento sustentável no campo, da cidadania, da solidariedade e da justiça social. Configura-se por ser um programa que, associado ao desenvolvimento territorial, contribui com a elevação das condições de vida dos sujeitos que vivem no campo. Ademais, compreende que o modo de vida dos camponeses possui especificidades quanto à forma de se relacionar com a família, o trabalho, a comunidade, o tempo, o meio ambiente, a educação e o lazer. As particularidades dos sujeitos do campo e a dinâmica da vida nesse espaço estabelecem uma identidade cultural, social e ideológica que lhes são próprias.

Sendo assim, o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária provoca reflexões inerentes tanto às questões teóricas quanto às questões práticas que envolvem a educação do campo. Em sua essência, esse programa aposta na formação humana como condição primeira capaz de possibilitar, aos seus sujeitos, uma atuação ativa na construção de sua história e tudo aquilo que demanda essa construção como, por exemplo, o desenvolvimento democrático, responsável e ético das relações dos camponeses entre si e das suas relações com o meio ambiente, portanto, ajudando a repensar e organizar o espaço socioterritorial em que vivem.

Os cursos promovidos pelo PRONERA se desenvolvem de acordo com a pedagogia da alternância, que teve início em meados de 1935, na França. Nesse período, camponeses da região de Lauzun perceberam o contrassenso da educação urbana no espaço do campo, pois compreendiam que este espaço necessitava de uma educação pensada, desenvolvida e realizada a partir de suas vivências. Essa percepção contribui para o camponês entender que seu aprendizado relaciona-se a sua realidade.

A pedagogia da alternância é uma maneira de dividir o tempo em que os alunos passam na Instituição de Ensino - tempo-escola, do tempo que eles passam em suas comunidades - tempo-comunidade. Trata-se, portanto, de uma dinâmica que envolve um tempo de formação e um tempo de prática: alternância. Dito de outra forma, o curso estabelece um tempo para a teoria, conhecimento acadêmico, sistemático, e outro para a prática, cotidiano, conhecimento popular.

O primeiro tempo-escola do Magistério teve início em dezembro de 2004. Vale ressaltar que, antes do início do curso, quando foram selecionados os professores, para trabalhar na formação, foram realizadas várias reuniões com os membros e parceiros do Programa, dessa forma, participavam dos encontros professores, coordenadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e coordenadores da Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Esses encontros discutiam as propostas do PRONERA, sua relevância para o desenvolvimento da educação camponesa, a metodologia e os conteúdos a serem trabalhados. Além de reuniões, as coordenações, juntamente com o corpo docente, realizaram algumas viagens para assentamentos com o intuito de promover uma interação, um diálogo construtivo e significativo entre os sujeitos envolvidos no processo de formação.

Sendo assim, antes do início das aulas do Magistério, já existia a preocupação de conhecer os indivíduos que participariam desse curso, seu lugar social, suas vivências, suas expectativas para que se pudesse desenvolver um trabalho eficaz e capaz de atender suas necessidades. Nesse âmbito, O Magistério - PRONERA objetivou o desenvolvimento do senso crítico que leve as pessoas à reflexão da sua vida e das suas práticas sociais e, sobretudo ao entendimento dos fatores sócio-históricos e ideológicos que permeiam seu cotidiano.

2.4 FORMAÇÃO DOCENTE: ALGUNS DIÁLOGOS

O tema da formação de professores é sempre atual, pois estes se configuram atores sociais imprescindíveis no processo educacional – base para a construção da cidadania. Sendo assim, esse tema precisa estar nas pautas das discussões políticas de todo Governo e, além

disso, precisa se materializar em ações significativas, necessárias para o desenvolvimento e crescimento social.

Nos tempos atuais, apesar de toda a revolução tecnológica, a presença do docente se faz necessária. O professor é o profissional do desenvolvimento humano, dessa forma, ele tanto se modifica em função das novas dinâmicas que envolvem o desenvolvimento social quanto contribui com essas dinâmicas. Na verdade, o professor é fundamental para auxiliar seus alunos a conviverem em um ambiente tomado pela informação e pelo conhecimento. Por outro lado, em uma sociedade globalizada, a atuação do professor é fundamental para ajudar seus alunos na compreensão de sua identidade individual.

Dessa maneira, o papel do professor, enquanto orientador de percursos, é o que fundamenta sua identidade profissional. As questões que envolvem sua função, antes disso, o próprio conceito de professor, alude à ideia de alguém que ajuda aos outros a desenvolver suas potencialidades. Ademais, este profissional é responsável pelas aprendizagens que considerem aspectos éticos, políticos, sociais e culturais da vida humana. Cabe comentar que, aparentemente, ser professor é tarefa fácil, no entanto, esta tarefa apresenta dificuldades, pois lida com a formação humana de diferentes indivíduos em vários contextos do desenvolvimento social e humano, onde parece residir a complexidade do assunto.

Dada a sua relevância, a temática formação de professor é constante no cotidiano da educação. A cada época, como já discutimos em seções anteriores, o contexto sócio-histórico e político determina as diretrizes educacionais. Nesse contexto, a formação de professores segue as determinações de sua época. Falar sobre a formação de docentes abrange todas as modalidades e níveis de ensino.

Assim, fazemos um recorte nessa discussão complexa e abrangente, visto que nossa discussão é na formação de educadores em nível médio - Magistério, com a especificidade de serem do campo. As mudanças ocorridas em todos os setores que abrangem as questões sociais põem em curso novas demandas de educação e dão os contornos de outro fazer pedagógico.

Dessa forma, fica a cargo do docente refletir sobre cada processo pedagógico que surge, bem como investigar quem são os beneficiários desse processo e quais são suas

propostas e suas contradições, além de observar que articulações tal processo estabelece entre a teoria e a prática, destacando os aspectos inerentes ao desenvolvimento da cidadania.

Nessa esfera, podemos inferir que não há um modelo pronto e estabelecido para a formação de professores, mas propostas que se diferenciam considerando as concepções de educação respaldadas nas concepções de sociedade de cada época em que se estabelecem e se confrontam finalidades e interesses que são contraditórios.

Isso significa dizer que as demandas de formação de professores estão relacionadas às mudanças ocorridas no mundo do trabalho e nas relações sociais, bem como nas diversas posições assumidas em relação aos projetos apresentados por diferentes grupos que ocupam o poder. Portanto, torna-se imprescindível a compreensão das políticas atuais de formação de professores para que se delimitem os contornos das demandas dessa formação.

Nesse âmbito, a formação de educadores, para o campo, surge como forma de estruturar e materializar as mudanças necessárias ao desenvolvimento social, político e econômico daqueles que vivem no e do espaço do campo. Além disso, não se pretende apenas formar educadores para atuarem em áreas de assentamento ou acampamento da Reforma Agrária, mas, sobretudo, formar educadores que sejam do campo, que conheçam a realidade camponesa, as necessidades de sua gente e possam trabalhar a partir das especificidades desse espaço.

Formar educadores do campo e para o campo, é fundamental para se configurar as mudanças necessárias nessa área. Os sujeitos do campo têm suas especificidades, suas particularidades, suas dinâmicas que refletem na forma como se organizam social e culturalmente. Esses aspectos não podem ser renegados, desvalorizados ou não vistos, porque os sujeitos do campo são capazes de desenvolver seu próprio projeto educacional conforme as especificidades do seu lugar e de sua gente.

O tema da educação do campo e a preocupação com a formação, nos diversos níveis da educação, tomaram grande impulso, no ano de 1998, com a primeira conferência sobre a educação do campo, no Brasil. Essa conferência contou com a participação de políticos, de representantes de movimentos sociais, de sindicatos dos trabalhadores rurais, entre outros

órgãos envolvidos na luta pela Reforma Agrária e pela permanência do homem do campo, no campo, com qualidade de vida, com justiça social e com desenvolvimento sustentável.

A formação de educadores - em áreas de assentamento - requer um olhar singular sobre os sujeitos que estão envolvidos nesse processo de formação, os quais chegam com um conhecimento prévio que não podemos desconsiderar, chegam com suas experiências de trabalho no campo, suas vivências na relação com a família e com a comunidade.

O PRONERA, em seu manual de operações, atualizado de acordo com o art. 33º da Lei n.º 11.947/2009 e Decreto n.º 7.352/2010, combinados com as orientações do Acórdão n.º 3.269/2010-TCU, que se destina ao conjunto de entes federados, instituições de ensino, movimentos sociais e sindicais dispostos a participar da construção da educação do campo no nosso país, coloca os princípios e pressupostos presentes em suas propostas pedagógicas, contemplando todos os níveis de ensino.

Estas propostas devem ter por base a diversidade cultural, os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico voltados para o desenvolvimento das áreas de reforma agrária. São princípios orientadores destas práticas:

a) Princípio do Diálogo: uma dinâmica de aprendizagem-ensino que assegure o respeito à cultura do grupo, a valorização dos diferentes saberes e a produção coletiva do conhecimento;

b) Princípio da Práxis: um processo educativo que tenha por base o movimento ação-reflexão-ação e a perspectiva de transformação da realidade; uma dinâmica de aprendizagem-ensino que ao mesmo tempo valorize e provoque o envolvimento dos educandos em ações sociais concretas e ajude na interpretação crítica e no aprofundamento teórico necessário a uma atuação transformadora;

c) Princípio da Transdisciplinaridade: um processo educativo que contribua para a articulação de todos os conteúdos e saberes locais, regionais e globais garantindo livre trânsito entre um campo de saber e outro. É importante que nas práticas educativas os sujeitos identifiquem as suas necessidades e potencialidades e busquem estabelecer relações que contemplem a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos,

econômicos, de gênero, geração e etnia. Isso significa pensar um processo de aprendizagem-ensino que comporte três etapas básicas:

I- investigação dos grandes temas geradores que mobilizem a comunidade ou o grupo e que podem ser transformados também em eixos temáticos estruturadores do currículo;

II- contextualização crítica dos temas geradores identificados privilegiando uma abordagem histórica, relacional e problematizadora da realidade;

III- processo de aprendizagem-ensino que se vincule a ações concretas de superação das situações-limite do grupo.

d) Princípio da Equidade: o Pronera poderá estabelecer diretrizes próprias para a articulação das suas demandas com as demais políticas públicas federais, estaduais e municipais que façam o diálogo entre educação, inclusão social, desenvolvimento e redução regional das desigualdades. Os projetos atenderão prioritariamente:

I- a população residente em regiões e territórios onde haja alta concentração de famílias assentadas;

II- a população que apresente altos índices de analfabetismo e baixos níveis de escolaridade;

III- os projetos educacionais que se articulem com ações previstas no programa de enfrentamento à pobreza extrema, do Governo Federal.

Considerando as propostas pedagógicas aqui discutidas, podemos, então, constatar que o processo de formação dos educadores(as) do campo, em nível médio, deve articular as práticas educativas ao contexto sócio-histórico das comunidades rurais. Dessa forma, tais práticas e suas atribuições se tornam elementos de construção de identidade, de cidadania e de direito no sentido de elevar os elementos culturais e possibilitar a manutenção do camponês na terra, visto que não basta conquistá-la, mas, sobretudo é fundamental desenvolver meios de permanência digna, a partir de um projeto de desenvolvimento sustentável e de uma educação fundamentada no contexto sócio-histórico e ideológico dos assentamentos rurais.

3 CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM E DE LEITURA NA PERSPECTIVA DIALÓGICA

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações.
Bakhtin (2006)

Uma das contribuições mais significativas dos estudos bakhtinianos para a linguagem foi compreendê-la enquanto lugar da interação entre os sujeitos cujos enunciados são marcados pelos contextos sociais, históricos e ideológicos. Nesta seção, vamos discutir a concepção de linguagem abordada por Bakhtin e o Círculo e sua contribuição para o ensino de língua.

Em todas as épocas, a concepção de linguagem é fundamental para a prática pedagógica do professor de língua portuguesa. Na história da educação, o contexto sócio-histórico orientou as concepções de linguagem que nortearam o fazer pedagógico de professores de língua portuguesa. Com os avanços dos estudos linguísticos, a necessidade de se adotar uma perspectiva teórica adequada para as práticas de linguagem tornou-se imprescindível e essencial. Os territórios circunscritos pela Linguística requerem do pesquisador uma postura teórica sólida e reflexiva que lhe permita enveredar pelos conceitos, práticas e sistematizações para apreensão dos limites e funcionalidades de uma dada linha.

Geraldi (1997, p. 40) postula “que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados em sala de aula”, levando-nos à compreensão de que o fazer pedagógico do professor – de língua portuguesa – está intrinsecamente relacionado às suas concepções acerca do trabalho com a linguagem.

O autor ainda lança uma questão prévia ao discutir uma alternativa para a crise do ensino de língua portuguesa no país: *para que ensinamos o que ensinamos?* e sua correlata: *para que as crianças aprendem o que aprendem?* No caso específico de língua portuguesa, de acordo com o autor, a possível resposta envolve a articulação metodológica entre uma concepção de linguagem e sua correlação com a postura educacional.

Outro estudioso do assunto, Travaglia (2005, p. 21), afirma que: “a concepção de linguagem e a de língua altera substancialmente o modo de estruturar o trabalho com a língua em termos de ensino e considera essa questão tão importante quanto à postura que se tem em relação à educação”.

Nesse sentido, a concepção do professor e suas atitudes são fatores decisivos no processo de aprendizagem, principalmente, se esse deseja intervir, de forma benéfica e adequada no intento de obter as ferramentas necessárias à configuração tanto da forma de operação (interferência) como da construção ética dos conteúdos.

Em outros termos, a concepção de linguagem do professor pode dar as diretrizes para o trabalho com a língua portuguesa, e o docente deve estar bem consciente das concepções que existem, dos princípios que as norteiam para, a partir daí, desenvolver uma metodologia que consiga estabelecer vínculos significativos entre aquilo que se ensina e o sujeito que aprende. “É imprescindível que todo professor seja preparado, possua conhecimento teórico e prático do que irá abordar em sala de aula” (ALMEIDA, 2013, p. 41).

Atendo-se a considerar a questão da concepção de linguagem, Geraldi (1997) aponta três modos de concebê-la: como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma de interação. O autor comenta que a primeira forma de conceber a linguagem nos remete a afirmativas comuns de que pessoas que não conseguem se expressar não pensam. Essa concepção iluminou os estudos tradicionais. A segunda está ligada à Teoria da Comunicação e vê a língua com código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor certa mensagem. Na terceira concepção:

[...] mais do que possibilitar uma transmissão de informação de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala. (GERALDI, 1997, p. 40).

A terceira concepção de linguagem serviu para análise do *corpus* e encontra respaldo nos estudos do pensador russo Bakhtin para quem a comunicação é um processo de interação social mais amplo que a mera transmissão de informação. Vale salientar que adotamos a

concepção de linguagem discutida por Bakhtin e que nos deteremos nela para análise de nosso *corpus*.

As primeiras ideias sobre linguagem, para Bakhtin, surgiram em meados da década de 1920 e ampliaram as reflexões sobre a língua para além da estrutura, focalizando o discurso em seu contexto social, histórico e ideológico. Bakhtin desenvolveu uma nova abordagem de estudo da língua a partir de críticas feitas às duas concepções vigentes em sua época: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato, embora sejam consideradas as contribuições de tais teorias para o desenvolvimento dos estudos linguísticos.

Nas linhas que seguem, faremos uma breve retrospectiva das concepções acima mencionadas, como cada uma percebia o funcionamento da língua e quais críticas o pensador russo Bakhtin fez a estas tendências. Segundo o estudioso, nem uma nem outra davam conta do funcionamento da língua, surgindo uma terceira tendência que considera a língua em uso e o sujeito social, histórico e ideologicamente situado.

A teoria do subjetivismo idealista de Wilhelm Humboldt considera a enunciação como expressão da consciência individual. Nesse sentido, o psiquismo individual constitui a realidade da língua. A crítica de Bakhtin recai sobre a concepção de que a língua é uma evolução autônoma, ilimitada e contínua, no interior da consciência individual, onde a linguagem funciona como espelho e expressão e pensamento se refletem.

O idealismo coloca a criação linguística no interior da consciência, sem considerar o meio social, em que a capacidade do ser humano de se expressar está ligada a sua capacidade de pensar. O estudioso russo critica a percepção de linguagem enquanto reflexo do que ocorre no interior da mente, ou seja, a linguagem enquanto espelho do pensamento. Conforme Travaglia (2008, p. 21), para a primeira concepção de linguagem,

a expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece.

Sendo assim, a enunciação independe do “outro” a quem se diz e das condições de produção do que foi dito ou enunciado. De tal modo, aquilo que a linguagem exterioriza é

produto apenas do conteúdo interior, da capacidade do indivíduo de articular e organizar, de maneira lógica, seu pensamento.

Não há intervenção do meio exterior, do ambiente social, ou das condições de produção do enunciado que abriga, entre outros fatores, a interação com quem/o que se fala. As dificuldades de expressão, o discurso que se materializa no texto, então, independem da situação de interação comunicativa, do interlocutor, dos objetivos, dos fenômenos sociais, culturais e históricos.

Essa concepção de linguagem concebe a língua como lugar da norma, do sistema fechado, acabado, estabelecido pela gramática normativa. Em detrimento disso, apenas considera a variedade dita padrão ou culta e ignora todas as outras formas da língua, vistas como desvios da norma culta, pautada nos modelos literários. A compreensão de língua, aqui vinculada, não enxerga seus aspectos dinâmicos, cotidianos.

A concepção que envolve a relação entre linguagem e pensamento estabelecida pelos subjetivistas, a dificuldade de expressão e os desvios das regras da gramática normativa são tidos como incapacidades de pensar e raciocinar de forma lógica. De acordo com Koch (2004, p.13) “à concepção de língua como representação de pensamento corresponde a de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações”. E afirma que

o texto é visto como um produto – lógico – do pensamento (...) do autor, nada mais cabendo ao leitor/ouvinte senão “captar” essa representação mental, juntamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel essencialmente passivo (KOCH, 2004, p. 16)

O princípio que norteia tal concepção de linguagem é a de língua como lugar da regra, do sistema lógico que organiza o pensamento que é, por ela, refletido. Assim, o falante deve usar a língua com precisão e clareza com o a finalidade de expressá-la de maneira lógica, sem equívocos e ambiguidades, buscando a perfeição. E, se existem desvios quanto ao uso das regras que organizam o pensamento e a linguagem, eles se explicam pela incapacidade do ser humano raciocinar e pensar logicamente.

A concepção em foco, parte da hipótese de que a linguagem possui uma natureza racional, pois considera que os homens pensam de acordo com as mesmas leis. A linguagem é, portanto, responsável por expressar esse pensamento.

Bakhtin opõe-se à tendência idealista porque esta despreza o processo de interação verbal ao considerar que todo ato de expressão origina-se no interior, deixando de fora do processo comunicativo o contexto social, histórico e ideológico imprescindíveis na construção de sentido, no diálogo estabelecido entre os sujeitos. De acordo com Faraco (2001, p. 121)

para Bakhtin o que constitui a realidade fundamental da linguagem é essa atividade sociosemiótica – que se dá não entre indivíduos isolados que apenas atualizariam um sistema objetivo ou apenas expressariam uma subjetividade *a priori*, mas entre indivíduos socialmente organizados, isto é, constituídos e imersos nas relações sociais historicamente dadas e das quais participam de forma ativa e responsiva.

No princípio dialógico da responsividade, ouvinte e locutor constituem um mesmo plano e assumem postura ativa na construção de sentido dos enunciados. O discurso de um é apreendido pelo outro no processo dialógico onde se confrontam as palavras elaboradas e pronunciadas pelos sujeitos. Ao ser enunciada, a palavra provoca réplica, resposta.

O processo de compreensão é permeado por essas respostas que podem ser imediatas ou não, mas são sempre dadas ao passo que, efetivamente, participamos de um diálogo. A esse comportamento ativo adotado pelos interlocutores na ocasião do diálogo, Bakhtin denominou de atitude responsiva. A crítica bakhtiniana aos idealistas fundamenta-se na questão do uso da linguagem pelos locutores. Conforme o autor (2003, pag. 291)

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio do mundo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas, também a existência dos enunciados anteriores – emanantes deles mesmos ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte.

Dessa forma, entendemos que o caráter histórico da linguagem ocupa lugar central nas relações, negando a sistematização teórica que não vincule os enunciados às relações sociais,

históricas e ideológicas no pensamento da interação verbal de Bakhtin. E deve estar no centro da discussão dos processos de interação social. De acordo com Faraco (2001, p.122)

Pela primeira vez, descortina-se a possibilidade de conectar o agir do homem – na sua condição de ser sócio-histórico, criador, transformador e em permanente devir – com uma linguagem fundamentalmente plástica, isto é, adaptável à abertura, ao movimento, à heterogeneidade da vida humana.

A outra crítica incide sobre o objetivismo abstrato. Para essa tendência, o sistema linguístico é estável e constituído por formas independentes da situação social. A ênfase está na linguística estruturalista para a qual a estrutura linguística tem mais valor que o sujeito que fala contextos concretos. A forma é mais importante que o conteúdo. Nessa perspectiva, o sentido está no texto e os sujeitos interpretam sempre da mesma forma as mensagens que trocam.

Nessa abordagem, a língua é instrumento de comunicação, é como um código capaz de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor, isolada de sua funcionalidade. Para os estudiosos dessa tendência, o fenômeno linguístico é determinado pelo esquema: um emissor transmite uma mensagem, através de um canal, a um receptor que a decodifica como sendo única. Conforme Travaglia (2008, p. 22), para tal tendência,

a língua é vista como um conjunto de códigos, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem a um receptor. Esse código deve, portanto, ser dominado pelos falantes para que a comunicação possa ser efetivada.

Essa concepção da linguagem ligada ao movimento estruturalista é vista com ressalvas por reduzir a comunicação humana a uma forma vazia, preestabelecida, ritualizada. E rompe com a primeira concepção, para qual a linguagem é expressão do pensamento, a partir dos estudos saussureanos publicados no século XX. Importantes nomes fundamentaram os estudos da linguagem nessa concepção, como os de Ferdinand de Saussure (fundador do Estruturalismo, no início do século XX) e de Noam Chomsky (linguista americano que formulou a gramática gerativo-transformacional). Segundo Orlandi (1999, p.22 e 23)

com Saussure a lingüística ganha um objeto específico: a língua. Ele a conceitua como um “sistema de signos”, ou seja, um conjunto de unidades que estão organizadas formando um todo. Define, então, o signo como a associação entre significante (imagem acústica) e significado (conceito) [...]

o laço que une o significante com o significado é arbitrário, convencional e imotivado, quer dizer, esse sistema que é a língua é formado de unidades abstratas e convencionais.

Um marco significativo nos estudos de Saussure é a separação que ele faz entre língua e fala. A partir daí, ele determina a língua como objeto de estudo da linguística. Segundo Orlandi (1999, p. 24) para Saussure

a língua é um sistema abstrato, um fato social, geral, virtual; a fala, ao contrário, é a realização concreta da língua pelo sujeito falante, sendo circunstancial e variável. Como a fala depende do indivíduo e não do sistema, ele a exclui do campo da linguística.

Na década de 1950, o linguista Noam Chomsky criticou o estruturalismo por não se ater à criatividade da linguagem. A gramática gerativa de Chomsky permite que com um número limitado de categorias e de regras (Competência), o locutor-ouvinte de uma língua pode gerar e interpretar um número ilimitado de frases dessa língua. Ao introduzir os conceitos de *competência* e de *performance*, o linguista norte-americano se aproxima do conceito saussuriano de *língua* e de *fala*, mas substitui uma concepção estática da língua por uma concepção dinâmica.

Vale ressaltar que esse dinamismo postulado por Chomsky consiste em o indivíduo ser capaz de produzir um número ilimitado de sentenças a partir de um número limitado de regras. Outro aspecto importante dessa dinâmica está na capacidade que tem o indivíduo de julgar as sentenças em gramaticais ou agramaticais. Gramaticais seriam aquelas que obedecem às regras da gramática internalizada pelo falante, agramaticais, então, seriam aquelas que ferem essa regra. Por exemplo, alguém pode dizer *o gato bebe leite*.

A sentença acima colocada revela-se como gramatical, pois tem sentido, obedece à lógica da gramática internalizada, segue as leis que regem essa gramática; já a frase *gato o bebe leite*, não expressa sentido, não obedece à lógica, à regra de que o artigo é que determina o substantivo e mostra-se como agramatical, como incompreensível.

De acordo com Orlandi (1999, p.48), “os recortes e exclusões feitos por Saussure e por Chomsky deixam de lado a situação real de uso (a fala, em um, e o desempenho, no outro) para ficar com o que é virtual e abstrato (a língua e a competência)”. Dessa forma, isolando o

homem do seu contexto social, tanto Saussure quanto Chomsky desconsideram as condições de produção dos enunciados. O linguista suíço não focaliza *langue* (fala), por sua vez, a linguística chomskyana não destaca a *performance* (fala), portanto, esta não ultrapassa a linguística estrutural.

O estruturalismo exclui o papel do falante no sistema linguístico, o que significa que não há interlocutores, mas emissores e receptores, codificadores e decodificadores. O “locutor ouvinte ideal”, na teoria chomskyana, não é um locutor real do uso concreto da linguagem. A lógico do objetivismo abstrato é uma comunicação concretizada por meio de um código, cuja utilização pelo “emissor” e “receptor” obedece à convenção das normas. Nesse sentido, Bakhtin (2006, p. 75) critica a teoria saussuriana dizendo que

Enquanto que, para a primeira orientação, a língua constitui um fluxo ininterrupto de atos de fala, onde nada permanece estável, nada conserva sua identidade, para a segunda orientação a língua é um arco-íris imóvel que domina este fluxo.

Nessa acepção, não se considera o processo pelo qual se modificam as línguas. O que importa nos trabalhos de Saussure é entender como as línguas funcionam num dado momento. O *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure aborda a língua como um sistema abstrato, homogêneo, geral, virtual, um fato social, “um sistema de signos que exprimem ideias” (SAUSSURE, 1977, p.24). Sobre o objetivismo abstrato, afirma Bakhtin (2006, p. 77-78)

Para esta segunda orientação do pensamento filosófico-linguístico, o fato mais significativo é o fosso que separa a história do sistema linguístico em questão da abordagem não histórica, sincrônica. (...) Na verdade, as formas que constituem o sistema linguístico são mutuamente dependentes e complementam-se como elemento de uma só e mesma fórmula matemática. A mudança de um dos elementos do sistema, assim como a mudança de um dos elementos da fórmula cria nova fórmula.

Outra crítica bakhtiniana aos postulados de Saussure diz respeito ao fato deste considerar a língua como um produto coletivo, uma instituição social e, portanto, livre da influencia criativa dos falantes, sendo que para os indivíduos as leis linguísticas são arbitrárias, ou seja, privadas de uma justificação natural ou ideológica. A relação entre o

significado e o significante é arbitrária, pois a imagem acústica do signo não tem conexão natural com o significante deste. Segundo Saussure (1977, p.7980)

Os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associações. (...) O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos. (...) O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces (...). Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro.

Essa noção de signo saussuriana recebe críticas sob a fundamentação de que todo signo é ideológico. E são das estruturas sociais que advém a ideologia. A língua é regida por leis externas, de natureza social e não por leis internas, imutáveis, estanques. Conforme Bakhtin (2007, p.108)

A língua, como sistema de formas que remetem a uma norma, não passa de uma abstração, que só pode ser demonstrada no plano teórico do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino. Esse sistema não pode servir de base para a compreensão e a explicação dos fatos linguísticos enquanto fatos vivos e em evolução.

Na perspectiva estruturalista, o conjunto de formas da língua é visto como algo imutável, desconsiderando as mudanças históricas e sociais. A língua é um instrumento de comunicação que não considera os interlocutores e sua situação de uso. A concepção estruturalista limita o estudo da língua a um conjunto de signos isolados de um contexto, do processo e das condições sócio-históricas e ideológicas de produção do enunciado. Contrariamente a essa perspectiva, Bakhtin (2007) enfatiza a situação concreta de uso da fala.

A linguagem é ideológica porque, ao emitirmos enunciados não estamos pronunciando meras palavras, e sim “verdades ou mentiras, coisas boas ou coisas más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis” (BAKHTIN, 2007, p. 95).

Sendo assim, o propósito ideológico é o importante no conteúdo enunciado. Ao contrario dos estruturalistas, o pensador russo estabelece que, conjuntamente ao estudo do sistema de formas e suas normas, está o conteúdo ideológico subjacente ao enunciado. Separar uma coisa da outra desencadeia uma perda irreparável no processo de compreensão

da interação verbal. O sujeito falante/ouvinte usa as formas da língua concretamente, a fim de comunicar algo e para conseguir comunicação efetiva, ele age interagindo verbalmente com outros sujeitos falantes/ouvintes. Afirma Bakhtin (2007, p.123)

A verdadeira substância da língua não é constituída de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Assim, fica evidente que a forma da língua não se configura em sua realidade fundamental, mas sim o diálogo com toda a sua complexidade. Entendendo diálogo não em seu sentido restrito, mas extensivo à comunicação verbal em toda sua totalidade. De acordo com Brait (1997, p. 98), a noção bakhtiniana de dialogismo pode ser interpretada das seguintes formas:

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmônico, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. (...) Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos.

A concepção bakhtiniana de linguagem, com efeito, coloca o caráter dialógico da linguagem no centro das discussões do seu funcionamento. Conforme Faraco (2001, p. 122), é só a partir de Bakhtin que se ultrapassa uma concepção dicotômica da linguagem:

Pela primeira vez, parece possível pensar as questões do signo para além da campânula dos sistemas formais, dos códigos que tudo preveem, tudo definem e que, por necessidade das opções teóricas de base, estabelecem uma relação fixa entre o significante e o significado. Pela primeira vez, parece possível entender os processos de significação como ao mesmo tempo relativamente estáveis e sempre abertos, porque percebidos como ações de natureza social, dependentes de relações sociais.

Dessa forma, Bakhtin critica o estudo da língua a partir de uma concepção estruturalista e propõe a interação verbal como objeto de estudo da linguística. O pensador russo nega o estudo do funcionamento da língua limitado ao estudo da frase abstrata, mas coloca a enunciação como passível de investigação para o estudo do funcionamento da língua. Os enunciados proferidos em situações concretas do uso da língua é que permeiam as relações sociais, constitui e são constituídos por tais relações, bem como os sujeitos que enunciam em contextos sociais, históricos e ideológicos. Na opinião de Faraco (2001, p. 118), “Trata-se de

apreender o homem como um ser que se constitui na e pela interação, isto é, em meio à complexa e intrincada rede de relações sociais de que participam”.

As críticas realizadas por Bakhtin ao subjetivismo e ao objetivismo, a primeira que considera a língua psicologicamente individual e a segunda que considera a língua em sua forma e estrutura pré-fixadas, não foram feitas objetivando desfazer da valiosa contribuição dessas tendências aos estudos linguísticos, mas propor uma outra abordagem que possa abarcar os estudos da língua em seus contextos concretos de uso, no cotidiano dos sujeitos historicamente situados, permeados pela ideologia, pelo meio social.

Dessa forma, compreendemos que qualquer tentativa de estudo da língua que exclua seu caráter dinâmico, social, histórico e ideológico - traços constitutivos de sua natureza, será inócua e ineficiente. Na concepção bakhtiniana de língua enquanto lugar de interação, a palavra não é monológica nem neutra, mas constituída historicamente. A língua é de natureza dialógica. Essa concepção amplia as reflexões acerca dos estudos sobre a maneira como a língua funciona, percebendo-a como fruto das relações do eu com o outro, portanto, o outro exerce papel fundamental nesse processo. Assim, segundo o autor:

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN, 2006, p.113).

Dessa forma, a palavra serve como uma espécie de elo condutor que estabelece as relações sociais entre os sujeitos, construindo uma teia comunicativa entre eles. Sendo assim, faz-se necessário discorrer sobre a noção de palavra atribuída por Bakhtin. Em uma de suas obras mais significativas, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o estudioso russo, no capítulo 1, que trata do estudo das ideologias e filosofia da linguagem, argumenta que

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade todo da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 2006, p.36).

Esta concepção diferencia o pensamento bakhtiniano de demais teorias relacionadas ao estudo da linguagem ao postular sua natureza como sendo ideológica. Ademais, traz uma

crítica à filosofia idealista e à visão psicologista por situarem a ideologia na consciência. Quanto a isso, Bakhtin (2006, p. 33-34) comenta que tanto uma quanto a outra esquecem que a própria compreensão não pode manifestar-se senão através de um material semiótico (por exemplo, o discurso interior), que o signo se opõe ao signo, que a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos.

O signo não é apenas a materialidade da palavra, mas a materialidade da palavra embebida de seu significado ideológico. O signo ideológico, portanto, deve ser concebido a partir de um sujeito que se constitui na e pela linguagem num processo de interação que compreende o momento social e histórico. Esse fenômeno do mundo exterior desfaz a ideia do sujeito idealista cuja realidade da língua é monológica. E contrapõe os pressupostos do objetivismo abstrato para o qual a língua é um sistema abstrato de normas linguísticas. O signo e o contexto social são interligados. Assim,

todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico, possui valor semiótico. (BAKHTIN, 2006 p. 32-33).

A consciência individual forma-se com base nesse sistema semiótico, carregado de ideologia. No entanto, ela só surge no processo de interação social em que um determinado grupo, socialmente organizado, possui um sistema de signos compreensível entre eles. A consciência individual é, portanto, um fato sócio-ideológico. Sendo assim, a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado na trajetória de suas relações sociais. Conforme Bakhtin (2006, p. 36).

Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência individual é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido de sentido que os signos lhe conferem.

Partindo do pressuposto de que o signo é alimento da consciência e ao mesmo tempo é por este alimentado, verificamos que a natureza da linguagem, além de ideológica é também dialógica. Segundo Brait (1997, p. 98), o dialogismo diz respeito às relações que se

estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos.

Dessa maneira, um discurso trabalhado dialogicamente pauta-se pelas interações entre sujeitos. Bakhtin (2003, 1997), ao teorizar a interação, reconhece a necessidade de escuta da multiplicidade de vozes, a polissemia que toda linguagem implica, materializa e permite aflorar.

Dialogismo, portanto, é o entrecruzamento de muitas vozes que, na esteira do tempo, confrontam-se, amparam-se, permeiam-se, completam-se num diálogo constante entre o eu e o outro. Ressaltando que o discurso do eu está sempre marcado pelo discurso do outro e vice versa. Dessa maneira, apenas o Adão mítico disse a palavra pela primeira vez, a partir daí, toda palavra é ressignificada nesse cruzamento de vozes, na interação dessas vozes permeadas pelo meio social.

Ademais, as palavras carregam os efeitos dos usos sociais que tiveram ou que conservaram pelo efeito dos sentidos dominantes. Bakhtin (1997, p. 148) formalizou nos seguintes termos a questão em debate: “o discurso citado e o contexto de transmissão são somente os termos de uma inter-relação dinâmica. E essa dinâmica, por sua vez, reflete a dinâmica dos indivíduos na conjuntura ideológica verbal”, ou seja, a linguagem e seu funcionamento estão permanentemente constituídos do e no âmbito social.

Esta prática dialógica constitutiva do dizer se confirma nas relações de sentido que perpassam a enunciação, entendida, na perspectiva bakhtiniana, como a união entre o material linguístico e o meio social. Assim, a enunciação é, em sua totalidade, única e exclusiva, pois um enunciado que é proferido em determinado momento, jamais se repetirá, ou seja, é um evento marcado historicamente.

Por mais que a pergunta: “Como vai você?” seja feita por uma infinidade de pessoas em diversos lugares do mundo, e que o significado seja o mesmo, os enunciados são diferentes, pois acontecem em cenas enunciativas distintas e em instâncias diferentes. A palavra, portanto, é exclusiva em cada evento enunciativo no qual é deflagrada.

Retomando o posto, a natureza ideológica e dialógica da linguagem, sua materialização na palavra (signo) por meio da enunciação, concluímos que a linguagem é essencialmente interação verbal. A enunciação faz parte dessa interação ao promover situações dialógicas. Desse modo, entendemos que o processo interacional é um processo que necessita do contato dos sujeitos com o meio em que estão inseridos.

Ademais das relações estabelecidas nesse meio, pois só assim serão feitas as adequações do uso da palavra, ou seja, a palavra dirige-se a um interlocutor, num determinado contexto social, com determinada intenção e etc.

De tal modo, a linguagem não pode ser pensada fora dos contextos sociais, históricos e ideológicos do dizer nem compreendida como algo extremamente formal, já que ela é uma atividade sociocultural e, portanto, um jogo de práticas discursivas que acontecem em distintas e complexas situações de produção do enunciado. Aos sujeitos dessa linguagem não interessam tão somente os diálogos em si, mas o que ocorre neles, as relações dialógicas propriamente ditas, os posicionamentos desses sujeitos frente às situações em que estão envolvidos.

Dessa forma, o que é mais produtivo para a concepção dialógica da linguagem é o conceito bakhtiniano de gênero discursivo para o ensino de língua, pois privilegia o uso da língua em situações contextualizadas que envolvem aspectos sociais, históricos e ideológicos. O próximo item tratará das questões dos gêneros discursivos na perspectiva de Bakhtin.

3.1 GÊNEROS DISCURSIVOS

Nos últimos anos, as discussões a respeito dos gêneros têm crescido no universo acadêmico e escolar. Entretanto, temos observado a utilização de nomenclaturas distintas relacionadas ao gênero. Ora definindo-o como textual, ora como discursivo. Essas duas formas são usadas como sinônimas ou como antagônicas. A verdade é que o uso de uma ou de outra incorre em escolhas teóricas e metodológicas distintas. Por isso, cabe aqui, expor nossa escolha, ratificando que nossa perspectiva teórica se respalda nos postulados bakhtinianos.

Com o desenvolvimento da linguagem enquanto ciência, os gêneros ganharam notoriedade em diversas áreas do conhecimento, principalmente, na Linguística. Neste contexto, os estudos de Bakhtin se destacam, sobretudo por sua concepção de linguagem. Para este teórico, o sujeito ocupa um lugar de destaque nas situações de interação pela linguagem, visto que, a partir dele se tornam possíveis e compreensíveis as relações sociais, históricas e ideológicas que marcam a sociedade.

O sujeito é um ser histórico que, por meio de enunciados, estabelecem diálogos significativos com os demais membros de sua comunidade, envolvendo o contexto social, histórico, ideológico, a identificação dos sujeitos envolvidos no processo comunicativo, o compartilhamento da mesma cultura, etc.

Sendo assim, temos o conceito bakhtiniano de dialogismo, para o qual todo dizer é, essencialmente, perpassado por outros dizeres, que nossa voz sempre retoma a voz de outro e a constituição dos enunciados é um tecido de vários outros dizeres. De acordo com Bakhtin (2006, p. 272) cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. Portanto, as relações dialógicas são inerentes à linguagem.

A enunciação, outro conceito desenvolvido por Bakhtin, é fundamental para chegarmos à denominação de gênero estabelecida pelo estudioso. Entendida como produto da interação verbal ocorrido em determinada situação sócio-histórica e ideológica, a enunciação constitui-se pelo tema e pela significação.

Grosso modo, a significação, mais ampla, é a parte geral e abstrata da palavra que contempla sentidos dicionarizados. Para Bakhtin (2006, p. 134) por significação, diferentemente do tema, entendemos os elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos.

O tema estabelece ligação entre os interlocutores, sendo determinado na interação verbal. É sempre um evento, pois ocorre em determinadas situações de produção que não se repetem repetidos. De acordo com Bakhtin (2006, p. 133-134)

O tema deve ser único. Caso contrário, não teríamos nenhuma base para definir a enunciação. O tema da enunciação é na verdade, assim como a

própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação... Conclui-se que o tema da enunciação não só pelas formas linguísticas que entram na composição... mas igualmente pelos elementos não verbais da situação... O tema da enunciação é concreto, tão concreto quanto o instante histórico ao qual ele pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação.

Reiterados os conceitos acima, os gêneros discursivos são entendidos por Bakhtin em um enfoque dialógico. Esse estudioso considera o enunciado como o produto da interação social. Sendo social e ocorrendo em uma dada situação de produção, os gêneros são diversos, como são diversas as produções de linguagem.

Os gêneros, assim, são definidos como tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo caracterizados pelo conteúdo temático, pelo estilo e pela construção composicional dos quais se utilizam.

Esses enunciados, relativamente estáveis, são marcados por aspectos sociais, históricos e temporais de seu meio, refletindo as finalidades e condições específicas de cada grupo ou comunidade. As experiências vivenciadas pelo homem são sistematizadas a partir de categorias de tempo e espaço, que são intrínsecas e de caráter histórico. Cada comunidade possui sua maneira de interagir e de conceber tais categorias. O camponês, por exemplo, organiza sua vida a partir das experiências vividas no seu meio, no seu ambiente, e esse possui dinâmicas próprias, materializadas no tempo e no espaço desse lugar.

Os gêneros discursivos se ampliam à medida que cresce a comunidade e suas necessidades comunicativas. Por isso os gêneros são formas relativamente estáveis. Todas as atividades humanas, segundo Bakhtin, estão relacionadas à utilização da língua e, portanto, não é de se admirar que tenhamos tanta diversidade nesse uso e uma consequente variedade de gêneros que se figuram incalculáveis.

A esse respeito, o autor observa que essa atividade se concretiza “em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2006, p. 261).

Também, nesse sentido, postula Bakhtin (2006, p. 279) “que cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”. Portanto, língua e vida humana dialogam e, nesse sentido, um gênero não se restringe a um ato individual, mas, sobretudo configura-se em uma forma de inserção social.

Na perspectiva bakhtiniana, os gêneros são práticas sócio-comunicativas construídas historicamente, influenciados por fenômenos sociais e dependentes da situação comunicativa em que são enunciados, ou seja, no momento da interação, recorremos a um gênero. Para Bakhtin (2006, p. 282)

a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um gênero de discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido...Falamos apenas por através de determinados gêneros do discurso, isto é todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas e construção do todo.

Dessa forma, considerando o exposto acima, o trabalho com a língua portuguesa, no curso de formação do Magistério, para educandos e educandas de áreas de assentamento e de acampamento do Estado da Paraíba, ao adotar uma concepção dialógica de linguagem e, desenvolveu suas atividades de leitura e de escrita numa perspectiva de trabalho a partir dos gêneros discursivos.

Sendo assim, as atividades de leitura foram elaboradas e realizadas tendo como ponto de partida a historicidade dos educandos em formação, com a finalidade de fomentar discussões a respeito das questões sociais, políticas, culturais e ideológicas presentes em seu cotidiano.

Partindo do pressuposto de que, ao nos comunicarmos, nunca o fazemos da mesma maneira, mas enunciamos em determinados contextos sócio-históricos e ideológicos, desenvolvemos nossas atividades de leitura e de escrita, no curso de formação de Magistério.

Esses contextos envolvem os interlocutores e a situação em que se dá o processo comunicativo. Este se materializa no texto que passa a ser a unidade básica do trabalho com a linguagem. Dessa forma, em uma concepção dialógica da linguagem, a noção de gênero surge

como questão fundamental nas discussões a respeito da eficácia do ensino e da aprendizagem da leitura.

Considerando que a comunicação verbal só se concretiza através dos gêneros discursivos e que estes surgem a partir das necessidades comunicativas dos sujeitos falantes/ouvintes, concordamos com Bakhtin (2003, p. 261-2) ao postular que

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. [...] O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) [...] Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem [...] mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos [...] estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.

Em uma sociedade em constante desenvolvimento, as necessidades comunicativas dos sujeitos, como já mencionamos, fazem emergir novos gêneros discursivos, entretanto, são responsáveis pelo desuso de outros. Nesse âmbito, podemos compreender o caráter maleável e não estanque dos gêneros discursivos.

Entendidos como fenômenos sócio-históricos, os gêneros de discurso estão intrinsecamente relacionados ao cotidiano da vida humana. Portanto, é imprescindível que as atividades realizadas nas aulas de língua portuguesa se pautem no trabalho com os gêneros discursivos, levando os alunos à reflexão crítica e ao desenvolvimento da sua competência discursiva e consolidando, verdadeiramente, a formação de sujeitos leitores.

Sendo assim, durante o curso de formação, em nível médio, do Magistério - PRONERA, nas aulas de língua portuguesa, procuramos trabalhar os conteúdos associados ao uso efetivo da língua, ou seja, por meio dos gêneros discursivos, considerando um contexto específico: a educação do campo. Vale ressaltar que não interessa, em tal perspectiva de trabalho com a língua, que o aluno reconheça apenas os aspectos estruturais que diferenciam um gênero do discurso de outro.

Além disso, é importante que o aluno, com a orientação do professor, reconheça as estratégias utilizadas pela linguagem para conferir determinado sentido ao texto, bem como as marcas sócio-históricas e ideológicas que o compõem. Desse modo, o aluno poderá desenvolver sua competência discursiva e ampliar seu domínio acerca dos diversos gêneros discursivos que circulam na sociedade.

Considerando que em todas as situações de comunicação nos expressamos através de algum gênero discursivo, asseveramos a importância de um ensino baseado nos gêneros para assegurar um aprendizado mais significativo e apropriado para desenvolvimento de sujeitos-leitores. Dessa maneira, o estudo sobre os gêneros do discurso referenciam-se nas ideias de Bakhtin (2006) para quem a linguagem permeia toda a vida social e exerce um papel fundamental na formação sociopolítica e nos sistemas ideológicos.

A linguagem, nesse âmbito, configura-se por ser uma atividade interativa e não forma ou sistema. Sendo assim, um dos seus aspectos mais relevantes está no seu caráter dialógico, ou seja, todo enunciado é sempre um enunciado de um locutor para seu interlocutor em determinadas condições de produção. Aí reside a concepção de gênero discursivo estabelecida por Bakhtin.

Os gêneros do discurso, nos estudos bakhtinianos, consolidam-se como frutos da comunicação humana de acordo com seu caráter dialógico, interacional. Os textos, assim, não são formas vazias, abstratas, mas formas históricas, carregadas de sentido, de ideologias. A teoria dos gêneros pressupõe que os sujeitos, quando se comunicam, não trocam apenas palavras e orações, mas enunciados que englobam as condições de produção do que é dito, levando em conta todas as variantes dessa produção.

A importância da nossa discussão em relação ao trabalho com gêneros do discurso, especificamente no curso de formação do Magistério, corresponde ao fato de que esse estudo pode subsidiar o desenvolvimento da competência discursiva dos educandos, a partir da aproximação com os diversos textos em circulação na sociedade, cada qual com especificidades, estruturas e intenções comunicativas inerentes.

O reconhecimento das funcionalidades que diferenciam um gênero de texto de outro, torna-se elemento fundamental para o desempenho crítico, reflexivo e discursivo responsável pela formação de leitores competentes.

Nesse âmbito, as atividades de leitura, em língua portuguesa, devem favorecer o acesso, dos alunos, aos mais variados gêneros pertencentes ao seu meio social, para que eles atribuam sentido ao que leem e percebam que a leitura fornecer elementos para a resolução de problemas, assim como para o deleite e para despertar uma consciência mais crítica. De modo que, o trabalho com os gêneros deve servir para ampliar as práticas sociais de leitura e de escrita.

Corroborar com essa ideia Almeida (2013, pag. 43), para quem a aula de leitura é o espaço onde ocorrem a interação e o diálogo para a construção do sentido do gênero textual e destacam-se os movimentos discursivos entre os interlocutores, os quais resultam em questões de interpretação, produção textual, análise linguística, avaliação e sugestão de leitura.

3.2 A LEITURA NA ESCOLA DO CAMPO

Os avanços no ensino de leitura apontam para importância de considerar uma concepção de língua enquanto atividade dos sujeitos e a partir do trabalho com os gêneros discursivos. Para dar conta desses avanços, constatamos que a perspectiva dialógica do ensino de leitura é a que melhor responde às necessidades comunicativas dos falantes/ouvintes. O conhecimento historicamente produzido não pode ser abandonado e cada um foi significativo a sua época, porém, nos dias atuais, o trabalho com a leitura deve se realizar a partir das necessidades concretas dos sujeitos, envolvendo seu contexto social, histórico e ideológico. E não apenas atividades de descrição ou decodificação daquilo que se ler. Sob este aspecto, assevera Almeida (2013, p. 23)

Desse ângulo, o processo de leitura na escola não pode se configurar como uma formação de hábitos, como algo mecânico, uma rotina, mas deve levar o aluno a assimilar valores e comportamentos, caracterizando-se como ato livre e autônomo e servindo para estimular a criatividade, a imaginação e as emoções dos sujeitos leitores. Assim, a escola exerce um papel de situar a leitura de acordo com sua importância para a formação humana. O ensino de língua materna não pode servir apenas para tratar temas de formação geral, mas prestar-se ao estudo da linguagem ou ao uso da língua nas diversas situações comunicativas.

Neste aspecto, as concepções do professor serão imprescindíveis. Esse profissional deve ter uma base teórico-metodológica que lhe permita conhecer as acepções de ensino de língua e trabalhar a partir daquela que assegure o desenvolvimento cidadão por parte dos discentes, atendemos às expectativas de uma sociedade que exige posturas cada vez mais conscientes de seus sujeitos em diversas situações de uso da língua. A esse respeito, Silva (1987, p. 20)

a leitura se constitui numa forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural, cujo resultado é um situar-se constantemente frente aos dados dessa realidade expressos e interpretados através da linguagem.

A leitura é uma atividade de natureza social, pois o ser humano é situado socialmente. Não se pode separar a leitura do seu contexto sócio-histórico e ideológico. Assim como não se pode impedir que leitor, no momento de sua leitura, se afaste desse contexto. O instante da leitura é dialógico, assim como o é a linguagem. O sujeito falante/ouvinte fala/ouve de um determinado lugar marcado por aspectos de ordem social. Essas marcas compõem o seu dizer e estão na teia interativa que constituem o momento da leitura.

Desse modo, a forma como o professor conduz as atividades de linguagem em sala de aula, sua concepção de ensino de língua, os temas e sua forma de abordagem, o material didático utilizado, tudo isso é fundamental para o desenvolvimento ou não da leitura enquanto prática dialógica, enquanto prática que permita a interação entre autor/texto/leitor, permitindo ou não a interpretação dos diversos sentidos da leitura nos distintos contextos em que esta se apresenta.

É urgente, na escola, uma percepção de trabalho com a leitura que proporcione um espaço em que esta se desenvolva a partir de relações dialógicas, ampliando as possibilidades de leitura para além das autoridades envolvidas no processo de ler: o leitor, o texto, o autor. A interação se dá nas relações estabelecidas entre essas três instâncias. Quando o trabalho com a leitura se foca em apenas uma dessas autoridades, a leitura se fragmenta e se empobrece pelo fato de não dialogar com os demais contextos envolvidos no momento em que se ler e que são fundamentais para sua compreensão.

O trabalho com a leitura, focalizado em uma das autoridades: leitor, texto ou autor, restringe as possibilidades de interpretação da leitura. A esse respeito, Almeida (2013, p. 26) elucida que “cada uma dessas estratégias representa uma concepção do ato de ler determinante das possibilidades de compreensão”. A autora assevera ainda que

a leitura estará focalizada no autor quando estiver relacionada ao ponto de vista desse autor, e a interpretação se legitima pela coerência atribuída ao contexto social e histórico, o autor é quem “diz” a palavra final. (...) quando o processo interpretativo envolve as estruturas e relações internas para oferecer sentido, o centro da interpretação será o texto e a leitura será apenas uma apreensão ou um ato de decodificação do signo. Mas, se a última palavra é do leitor que, com sua liberdade, atribui sentido conforme seus objetivos, crenças e emoções, ele é o principal responsável pela interpretação e a leitura é uma atribuição de sentido (ALMEIDA 2013, p. 26 e 27).

Desse ponto de vista, a leitura envolve apenas um dos aspectos da compreensão do texto, considerando que ler, em uma perspectiva dialógica, abrange interações mais amplas entre os autor/texto/leitor, pois, no processo de produção de sentido, as significações são construídas por meio das informações elaboradas por cada um deles. Os estudos mais recentes buscam a articulação entre esses elementos da leitura, valorizando os aspectos sociais, históricos e ideológicos presentes em cada um.

Considerar a atividade de leitura na relação leitor e texto é entender que a ênfase do processo de compreensão está no leitor. Este busca a significação conforme seus interesses e necessidades, uma ação que acaba por restringir os sentidos implícitos no processo de leitura. De acordo com Batista (1991, p. 27)

a leitura seria um processo de compreensão, através do qual o leitor busca integrar a informação visual – fornecida pelo texto – à informação não visual – conhecimento prévio do leitor, sua enciclopédia ou teoria a um interesse ou uma necessidade.

No entanto, se focarmos a atividade de leitura na relação leitor/texto/autor, a leitura é influenciada pelo texto, a compreensão deste é determinada pela produção do autor e o sentido da leitura está no texto, não dependendo mais dos interesses e necessidades do leitor. Nesse enfoque, o texto é mais importante. Para Batista (1991, p.31)

essas restrições à produção da leitura pelo leitor têm lugar no fato de que todo texto é produzido supondo um leitor preciso que produza sua

significação, e não qualquer leitor, nem, conseqüentemente, qualquer trabalho de leitura, que produza qualquer significação.

Ao focalizar a atividade de leitura na interação entre leitor/texto/autor, considerando o contexto social, histórico e ideológico, o texto é relativizado em detrimento das articulações com os demais elementos constitutivos do processo de leitura. Nessa concepção, a leitura resulta da interação entre os três componentes, sendo o leitor sujeito ativo no processo de ler. Configura-se, assim, o processo dialógico da leitura, considerando as trocas discursivas entre autor/texto/leitor que possibilitam a elaboração de sentidos a partir do ato interlocutivo entre os componentes do processo de leitura. Conforme Batista (1991, p. 34)

a noção de leitura é, assim, relativa. Vai depender das práticas históricas e sociais que objetivam o leitor e que objetivam o objeto que ele lê, sua produção e sua circulação. Que objetivam a leitura.

Nesse sentido, o exercício da leitura não pode se pautar em um elemento apenas que constitui o processo da leitura, mas na colaboração entre eles, resultando em uma perspectiva dialógica do ato de ler. Essa postura de colaboração torna-se imperativo para o processo de compreensão da leitura.

Segundo Bakhtin (2006), a cooperação visa observar e compreender outra consciência, a do autor do texto, que por envolver dois sujeitos pressupõe também uma prática dialógica. A prática de leitura entendida como um processo cooperativo, dialógico expõe outros conceitos importantes nos estudos bakhtinianos como a compreensão responsiva ativa, o enunciado, a enunciação e o dialogismo.

Para Bakhtin a linguagem é de natureza ideológica, ou seja, a influência da resposta pressuposta, a ressonância dialógica que remete aos enunciados anteriores do outro, as marcas atenuadas da alternância dos sujeitos falantes, tudo isso marca o caráter dialógico da linguagem. Esses fenômenos se relacionam com o todo do enunciado e deixam de existir desde que esse todo é perdido de vista (BAKHTIN, 2007 p. 328). O autor em questão reforça a importância de se considerar o contexto para gerar significado, uma vez que o cruzamento das compreensões dos participantes, das trocas dialógicas realizadas por eles podem promover enunciações concretas, ou seja, estados de compressão do texto.

Ao considerar o texto como a realização do enunciado, a perspectiva bakhtiniana deixa de assumir um estudo baseada somente nas estruturas da língua, e passa a apresentar um estudo voltado para as informações externas ao próprio texto capazes de aproximar o leitor do texto, visto que se pode relacionar ao discurso lido as informações históricas e sociais tanto do leitor como das condições de produção nas quais o texto foi elaborado. Dessa forma, o texto concebido, nesse ponto de vista recupera os conhecimentos sócio-históricos de quem o lê.

Dessa maneira, a leitura é vista como uma atividade discursiva que privilegia exercícios em que os sujeitos leitores compartilham suas impressões sobre os diversos discursos. O fato de o leitor poder participar ativamente da compreensão do texto aceitando e/ou refutando as informações contidas neste, suscita um importante conceito bakhtiniano denominado compreensão responsiva ativa.

Trata-se de um processo dialógico, pelo fato de um texto pode possibilitar o encontro dos leitores com outros contextos. Essa dinâmica em que o leitor, por meio do texto, tem a possibilidade de ampliar seu universo de compreensão, ocorre porque há uma intersecção de questões comuns entre o lido e o lido anteriormente. É nesse momento, em que o conhecimento novo e o anterior se entrecruzam, que o processo dialógico acontece.

Conforme o Bakhtin (2006), o processo de compreensão consiste em “opor à palavra do locutor uma contra palavra”, ou seja, quando um locutor profere uma palavra ao seu interlocutor espera que este assuma uma postura ativa diante da mensagem e emitida uma resposta. Tal resposta é resultado de uma postura ativa do interlocutor, que por sua vez, ao compreender as enunciações elaboradas pelo locutor, assume uma postura de sujeito responsivo ativo.

De acordo com Bakhtin (2006), essa responsividade implica em juízos de valor, uma vez que a [...] compreensão responsiva nada mais é senão a fase inicial e preparatória para uma resposta (seja qual for à forma de sua realização). O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera, não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc. (BAKHTIN, 2006, p. 291).

Sendo assim, o sujeito torna-se responsivo ativo no momento em que refuta, concorda ou amplia a enunciação do outro. Segundo Bakhtin (2006), esse processo consiste em uma postura assumida pelos leitores no momento em que esses realizam uma leitura com base no diálogo entre o autor, o leitor e o texto.

Para o estudioso, o autor de uma obra, assim como o locutor em um diálogo, espera uma resposta dos outros, daqueles que o lê. De tal modo, a leitura conduzida dentro dessa dinâmica retoma a concepção de leitura de base interativa, que também retoma as considerações que o filósofo russo realiza diante da leitura.

Assim, conforme Bakhtin (2006, p. 298), o autor [...] busca exercer uma influência didática sobre o leitor, suscitar uma apreciação crítica, influir êmulos e continuadores. Ao assumir uma postura responsiva ativa ao desenvolver a leitura, o leitor passa a ter condições de compreender melhor os enunciados pronunciados pelo autor da obra, descartando uma postura passiva do leitor.

Desse modo, os processos que constituem a enunciação são estabelecidos a partir do momento em que existe a leitura e compreensão dos enunciados ditos pelo autor, construindo a atividade responsiva ativa. Em tal dinâmica, é inevitável que o leitor deixe de associar a leitura atual a outras informações que foram adquiridas anteriormente, ou seja, a conduta responsiva ativa de um leitor diante do texto lhe possibilita um comportamento dialógico, tais como reconhecimento e a elaboração de outros enunciados.

A concepção de linguagem na perspectiva bakhtiniana, enquanto prática dialógica, considera as inter-relações construídas pelos sujeitos através da linguagem. Esta pressupõe os conceitos de enunciado e de enunciação, compreendendo, respectivamente, o dito e o processo compreensivo ativo. Para Bakhtin (2006 p. 194),

todo enunciado [...] desde a breve réplica (monolexêmica) até o romance ou o tratado científico - comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão).

O locutor conclui seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa. Tomando o enunciado como um dos elementos que auxiliam o princípio dialógico, este considera a resposta que os interlocutores oferecem uns aos outros. A não compreensão de uma mensagem emitida pelo locutor, dessa maneira, sugere a não elaboração de outros enunciados-respostas, impossibilitando a manutenção do entendimento e do diálogo por meio do qual se concretizam as trocas discursivas. Ademais, o leitor é capaz de posicionar-se diante do texto, assumindo uma atitude responsiva ativa.

Embora o enunciado seja a parte inicial da elaboração de diálogos, este não se realiza sozinho, pois não consegue manter as trocas discursivas entre os interlocutores porque precisa da compreensão por parte do interlocutor, ao contrário, está fora do processo dialógico. Essa dinâmica dos enunciados sugere outro conceito, o da enunciação.

Para que a enunciação se constitua, ela depende de informações extratextuais marcadas pelas vivências dos sujeitos, sua historicidade, seus aspectos sócio-históricos e ideológicos. Assim, a enunciação sugere enunciados concretos capazes de provocar os mais diversos efeitos de sentidos no leitor, acarretando, entre outras coisas, mudança de postura, por parte do sujeito, diante de determinada situação. Sendo a compreensão ativa responsiva e o diálogo fundamentais para a existência dos outros. Este necessita da resposta do outro, sendo assim, a falta de entendimento e/ou resposta por parte do leitor impede a existência do enunciado e da enunciação, bem como da diversidade de vozes que constituem o sujeito.

Para Bakhtin, o dialogismo configura-se como práticas discursivas realizadas entre interlocutores, sendo esses sujeitos situados social e historicamente. A palavra, ao passo em que é carregada de sentido, apresenta-se como arena onde se cruzam e lutam valores sociais contraditórios. De acordo com Bakhtin (2006, p. 48), a palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais. Desse modo, atendo-se à questão do ensino de leitura, espera-se que o sujeito, ao ler a palavra, possa perceber as relações de sentido contidas nela.

Portanto, a proposta da leitura em uma perspectiva dialógica, ocorrida por meio da interação entre um tu e um eu, apenas pode ser efetivada quando o sujeito passa a considerar e interagir com as diversas vozes que compõem os discursos dos outros. Por isso o outro é muito valorizado na perspectiva bakhtiniana, pois com esse são estabelecidas as relações dialógicas.

Nessa dinâmica, ora eu ora o outro que se estabelece o processo de interação, que por sua vez edifica as possibilidades de compreensão do texto. Para Almeida (2013, p. 15)

a leitura na concepção do dialogismo é processo interativo de construção de sentido. É um jogo em que entram em cena o produtor do texto com seu modo de dizer e o leitor com suas estratégias cognitivas, textuais e interacionais para interpretá-lo. A linguagem é tomada em situação concreta e o ato de ler é um acontecimento singular em que se cruzam o autor, o leitor e o texto.

Dessa forma, o processo de ensino e de aprendizagem da leitura é dialógico, é um jogo em que os participantes procuram estabelecer sentido. Esse sentido é construído nas relações estabelecidas entre texto, autor e leitor. A leitura enquanto prática dialógica extrapola os limites do texto verbal e percebe, nos implícitos, sentidos complexos e inacabados do ato de ler, pois esses sentidos dependem de diversos fatores presentes no momento da interação entre os sujeitos. Nesse âmbito, trazemos Freire (1987, p. 9) para quem a “linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

Freire se preocupava com os “textos”, as “palavras” e as “letras” pertencentes ao contexto dos sujeitos. Segundo o autor, a leitura dessa realidade amplia a competência do indivíduo de perceber e aprender, além das palavras, o mundo em que vive. O que resultava em uma série de percepções, de desenvolvimento de valores, de interações através da relação com o universo real. Esse processo de leitura denominado como o “ato de ler”, busca a percepção crítica, a interpretação e a “reescrita” do lido pelo indivíduo, na concepção freireana.

O papel do educador nessa proposta é de suma importância, bem como o diálogo coerente entre suas práticas docentes e uma proposta de leitura que se caracterize por sua natureza dialógica. Contudo, podemos observar os desafios de se trabalhar a leitura fora do seu contexto sócio-histórico e ideológico e dos esforços que levam ao sentido de uma concepção adequada do que é a leitura em uma perspectiva dialógica e sua entre “leitura” do mundo e leitura da palavra.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

(Paulo Freire – 1996)

A epígrafe acima alude ao processo que nos trouxe até aqui. Uma caminhada construída coletivamente, por meio da convivência, da troca e do envolvimento legítimos com o outro, com o conhecimento, com cada sujeito que fez parte do desenvolvimento desta pesquisa. Por isso, enfatizamos que a metodologia deste trabalho baseou-se nas observações que fizemos dos momentos vivenciados no curso do Magistério, em nível médio, promovido pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, em parceria com a Universidade Federal da Paraíba – UFPB e a Comissão Pastoral da Terra – CPT, entre os anos de 2004 e 2008, na cidade de João Pessoa/PB.

O modelo teórico-metodológico adotado é de caráter qualitativo e interpretativo. Os estudiosos que se dedicam a esse tipo de pesquisa afirmam que o homem é diferente dos objetos, por isso o seu estudo necessita de uma metodologia que considere essas diferenças. Nesse posicionamento teórico, a vida humana é vista como uma atividade interativa e interpretativa, realizada pelo contato das pessoas. Ao assumirmos um posicionamento teórico-metodológico de natureza qualitativa e interpretativa, admitimos também que o homem não é um ser passivo, mas interpreta o mundo consecutivamente.

Segundo Minayo (1992), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares por se preocupar com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

4.1 LOCAL E SUJEITOS

Os sujeitos de nossa pesquisa são jovens e adultos agricultores, ou filhos de agricultores de assentamentos e de acampamentos do Estado da Paraíba. De acordo com o

Manual de Operações do PRONERA, podem fazer parte do programa, jovens e adultos dos projetos de assentamento criados pelo INCRA ou por órgãos estaduais de terras, desde que haja parceria formal entre o INCRA e esses órgãos. No caso da Educação de Jovens e Adultos - EJA nas modalidades de alfabetização e escolaridade/ensino fundamental, também podem participar todos(as) os (as) trabalhadores(as) acampados(as) e cadastrados pelo INCRA. Para atender à demanda da EJA nos acampamentos, os projetos devem garantir a formação e a capacitação dos (as) educadores(as).

No Estado da Paraíba, a Comissão Pastoral da Terra – CPT, sendo uma das parceiras do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, foi responsável, nos assentamentos e acampamentos do Estado, na ocasião da implantação do Programa na Paraíba, pela divulgação do curso de Magistério, em nível médio e pelo levantamento dos jovens aptos a ingressarem no curso. Por considerarem a necessidade da formação de educadores para trabalhar na educação do campo, muitos jovens se interessaram em fazer o curso.

As aulas do curso foram realizadas na cidade de João Pessoa, entre os anos de 2004 e de 2008, considerando a pedagogia da alternância, ou seja, tempo escola e tempo comunidade. O primeiro tempo-escola foi ministrado em uma pousada, na praia do Cabo Branco, em João Pessoa, na ocasião, por questões de caráter administrativo, os alunos não puderam ficar na Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

No segundo tempo-escola, os alunos tiveram aula no mesmo local onde se hospedaram, um alojamento chamado RCETERA, localizado no bairro Portal do Sol, também na cidade de João Pessoa. Esse local dispunha de estrutura para hospedagem e aula dos discentes. A partir de então, nos demais tempos-escola, os alunos passaram a assistir aula na UFPB e ficaram hospedados no RCETERA.

4.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETAS

Como instrumento de pesquisa, elaboramos um questionário que foi aplicado no final do curso. O motivo pelo qual o escolhemos diz respeito ao seu caráter mais sistemático e pessoal, logo, ao passo em que orienta as questões conforme o que o pesquisador pretende

investigar, igualmente, dá a liberdade de resposta, através do contato mais próximo às questões abordadas. Sendo assim, não se limita a um conjunto de questões, em uma abordagem qualitativa e interpretativa, é um instrumento valioso na coleta de dados que servirão para uma análise do nosso objetivo de pesquisa, ou seja, a concepção de leitura dos educadores do campo.

O questionário elaborado consta de vinte e quatro questões, divididas em duas partes. Foi aplicado a vinte e três alunos, do total de vinte e nove que faziam parte do curso, pois, na ocasião do preenchimento do questionário, seis alunos faltaram e não puderam comparecer, posteriormente, para respondê-lo. Fizemos um sorteio de cinco questões de cada parte do questionário para que pudéssemos analisar as respostas. E agrupamos as respostas de acordo com as categorias analisadas: formação docente e concepção de leitura. Todos os questionários respondidos estão nos anexos.

A primeira parte do questionário, que denominamos de caracterização da formação, contém seis questões, nas quais focalizamos os aspectos mais gerais da formação do educador do campo. Dessa forma, seus principais objetivos foram investigar os pontos positivos e negativos dessa formação; a relação do curso com a realidade camponesa; a adequação dos conteúdos trabalhados à necessidade dos sujeitos do campo e a interferência positiva desses conteúdos no cotidiano dos camponeses.

Assim, tencionamos responder ao nosso primeiro objetivo específico: saber se o curso de formação se desenvolveu considerando as especificidades do sujeito do campo, compreendendo esse lugar como espaço de dinâmicas próprias, de movimentos históricos, sociais e culturais.

A segunda parte do questionário, denominada de caracterização da concepção de leitura do educador do campo, focalizou aspectos mais voltados ao trabalho com a língua portuguesa, para, a partir daí, captar a noção de leitura do educador. Desse modo, respondemos ao nosso segundo objetivo específico.

É importante esclarecer que mencionamos os educandos, sujeitos de nossa pesquisa, como educador A, B, C e assim por diante. E tratamos como professor formador o responsável pelo trabalho com a disciplina de língua portuguesa.

4.3 RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Nesta seção, relatamos uma atividade desempenhada, em sala de aula do curso de Magistério, na disciplina de língua portuguesa. Na ocasião, foi entregue, aos alunos, o texto *Falando sério*, que faz parte da coleção *Cadernos de EJA (Trabalho no Campo)*, do Ministério da Educação – Governo Federal, e foi escrito pelo autor Luis Fernando Veríssimo.

O texto retrata o tema da Reforma Agrária. Esse assunto já havia sido discutido, em sala de aula, até mesmo por se tratar de um curso de formação para sujeitos do campo, moradores de áreas de assentamento ou de acampamento. A partir de então, percebeu-se a relevância do trabalho com o texto que expomos a seguir:

Falando sério (Luis Fernando Veríssimo)

Ele disse:

- Ora, reforma agrária...
- Vai dizer que você é contra?

Ele tentou cair fora:

- O assunto é complexo.

Ela insistiu:

- Espera um pouquinho.
- Dá um beijo, vai.
- Espera. Isto é importante. Eu quero saber.
- O quê?
- A reforma agrária. Você é contra?
- Por quê? Você é a favor?
- Mas só sou.
- Você quer que o velho divida as terras dele?
- Seu pai é latifundiário?
- Tremendo lati.
- Eu não sabia!
- Tem muita coisa a meu respeito que você ainda não sabe, boneca. Vem cá que eu te mostro...
- Espera. *Falando sério*.

- Dá uma beijoca.
- Falando sério, pomba.
- Está bem. O que você quer saber?
- Seu pai. Quantos hectares ele tem? Ou acres? É acres ou hectares?
- E eu sei? Nunca fui lá.
- Quantos?
- Um monte.
- Mais ou menos?
- Olha, eles pegam no jipe da fazenda e, num dia, não conseguem chegar ao fim das nossas terras.
- Meu Deus do céu!
- É que o jipe quebra sempre. Dá um beijo, poxa.
- Pára.
- Vem cá, mulher!
- Não vou. Olha, nunca pensei, viu?
- O quê? Que o meu velho fosse fazendeiro? Como é que você pensa que tou pagando a faculdade? E o carro? E o apartamento? E as nossas alianças de noivado?
- Ele tem terra improdutiva?
- Tem. Exatamente a parte que ele está guardando pra me dar quando eu casar. A nossa terra amor.
- Mas... E o seu discurso?
- Bom...
- Até eu achava radical. E olha que eu sou meio PT.
- Não vamos brigar por causa disto.
- Tudo o que você vive dizendo. Justiça social...
- Confere.
- A insensibilidade dos ricos no Brasil.
- Mantenho.
- Os escândalos dos sem-terra num país deste tamanho.
- Sustento.
- Vem cá. Outra noite, aqui mesmo, neste bar, você disse que toda a propriedade é um roubo. Eu achei bacanérismo.
- Foi uma frase que me ocorreu na hora. Mas escuta...
- E agora vem dizer que é contra a reforma agrária.

- E então?

- Você não entende? Agora não é teoria. Agora são as terras do velho!

O objetivo maior dessa atividade foi fomentar algumas discussões com o intuito de levar os educandos à emissão de opinião sobre a reforma agrária. Ademais, procurou-se compreender os aspectos constitutivos do gênero crônica. Em especial, no texto trabalhado, o discurso direto e o uso dos sinais de pontuação que conferem expressividade ao texto. Sendo assim, o trabalho se desenvolveu da seguinte forma:

- após a entrega do texto, fez-se a leitura;
- considerando que os educandos já tinham um conhecimento sobre o tema, solicitou-se que escrevessem, em uma folha de papel, seu conceito de reforma agrária, assim como de latifúndio e latifundiário;
- depois disso, coletivamente, educandos e professor leram o texto, descentralizando o seu sentido em uma instância apenas, o texto, e construindo um conceito coletivo, imbricados nos diversos dizeres dos diferentes sujeitos envolvidos no processo da leitura;
- em seguida, pediu-se que os alunos revissem os conceitos inicialmente registrados por eles e comparassem ao que desenvolveram posteriormente, contrapondo e analisando esses conceitos, bem como os aspectos que levaram ou não a uma mudança de sentido a respeito do assunto discutido – a Reforma Agrária;
- a partir de então, iniciou-se uma discussão sobre determinados aspectos constitutivos do gênero crônica, suas características. Também os aspectos linguísticos que conferem ao gênero, especificamente o texto trabalhado, uma estrutura narrativa, em forma de discurso direto, para lhe atribuir agilidade, além da expressividade dos sinais de pontuação para a compreensão da mensagem e o efeito de humor;
- logo depois, questionou-se se os educandos já vivenciaram situações em que pessoas afirmaram uma ideia na teoria e, na prática, revelaram outra;
- posteriormente, refletiu-se sobre a questão da Reforma Agrária: contra ou a favor? Na teoria ou na prática?

- após, solicitou-se que os alunos produzissem um texto, em dupla, um argumentando contra e outro a favor da reforma agrária, expondo seus argumentos e tentando convencer o outro do seu ponto de vista.
- por último, houve a apresentação e comentários sobre os textos produzidos, bem como uma exposição dos trabalhos feitos em sala de aula.

Como resultado da atividade proposta, descrevemos abaixo uma das atividades realizadas pelos alunos, que mostraram grande desempenho, criatividade e competência linguístico-discursiva.

Educadores A e B

A: - Por que defendes sem-terra?

B: - Por ser uma causa nobre.

A: - Isso é besteira de pobre!

B: - Mas é quem cuida da terra.

A: - Só vivem fazendo guerra!

B: - Mas é por obrigação.

A: - Gente sem educação.

B: - Somos marginalizados.

A: - Tu és sem-terra coitado.

B: - És latifúndio ladrão.

B: - Jogaste o povo pra fora.

A: - Lugar de pobre é favela.

B: - Mas terra, eu luto por ela.

A: - Pegue as contas, vá embora.

B: - A luta começa agora.

A: - Vou ganhar esta questão.

B: - Você só faz opressão.

A: - Quero tudo concentrado.

A: - Tu és sem-terra coitado.

B: - És latifúndio ladrão

A: - Falas de barriga cheia!

B: - Coma capim, desgraçado!

A: - Planto capim para o meu gado.

B: - Eu planto é feijão para a ceia.

A: - Invadindo a terra alheia?

B: - Fazendo ocupação.

A: - Só que em minhas terras não!

B: - Aqui nasci, fui criado.

A: - Tu és sem-terra safado.

B: - És latifúndio ladrão.

B: - Proclamo Reforma Agrária

A: - Oh! Proclamação perdida!

B: - Eu luto igual Margarida.

A: - Tá na direção contrária.

B: - Luta extraordinária.

A: - Pobre é pra servir patrão.

B: - Se enganou cidadão!

A: - Comigo tu tá lascado.

A: - Tu és sem-terra coitado!

B: - És latifúndio ladrão!

5 ANÁLISES DAS CARACTERIZAÇÕES DA FORMAÇÃO E DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

O educador do campo deve ser aquele cujo trabalho principal é o de fazer e o de pensar a formação humana, seja na escola, na família, na comunidade, no movimento.

(Roseli Caldart – 2004)

A educação do campo não se limita aos muros da escola. Ela se faz no cotidiano de seus sujeitos, de suas ações e lutas. O movimento do campo educa. Os espaços do campo educam. Seus sujeitos aprendem e ensinam em um movimento dialógico. Dessa maneira, uma formação ofertada a estes sujeitos não pode ignorar que seus espaços, seus sujeitos, suas dinâmicas e movimentos são pedagógicos, pois que neles se ensina e se aprende mutuamente. Qualquer processo de formação para os sujeitos do campo não pode se limitar à ensinar conteúdos aleatórios ao seu contexto de vida, de luta. Mas precisa olhar, sensivelmente, suas peculiaridades e trabalhar a partir daquilo que lhes será útil na luta por condições de vida cada vez mais justa e igualitária. É dessa forma que pensamos um processo de formação para educadores do campo. Abaixo, expomos os quadros de questões e as análises a partir das pretendemos responder aos nossos objetivos.

5.1 QUANTO À CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

A análise consta de dois momentos. O primeiro pretende dar uma visão panorâmica da formação, em nível médio, do Magistério – PRONERA, conforme as avaliações dos educadores. A partir daí, averiguamos se os resultados dessas avaliações estão de acordo com os princípios pedagógicos de uma escola do campo. O segundo busca analisar as concepções de leitura dos educadores do campo, objetivo de nossa pesquisa, assim sendo, analisamos, nas falas dos educadores, os aspectos constitutivos da concepção do ato de ler.

Os educadores são unânimes em assegurar o caráter de mudança trazido pelo curso de formação, seja no plano individual e/ou coletivo. Questionados sobre os aspectos positivos e negativos do curso, os educadores apontam como positivos os avanços que obtiveram como pessoas e como profissionais, a valorização do seu espaço e da sua identidade, ou seja, os pontos positivos estão relacionados à formação pedagógica e humana.

Referente aos pontos negativos, os educadores responsabilizaram a burocracia pelo impasse nas liberações dos recursos para as formações, atrasando os períodos de aula e impedindo o acompanhamento dos professores nos assentamentos ou nos acampamentos.

Nesse âmbito, verificamos as falas dos educadores acerca dos pontos que julgaram positivos e negativos no processo de formação:

Quadro 2: O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Educador	Aspectos positivos	Aspectos negativos
B	Uma ótima formação com base na realidade do aluno, formando educadores do campo. Os aspectos positivos são os avanços que cada um de nós obteve	e um negativo é o tempo que passamos parados e a desistência dos alunos
G	O magistério fez eu enxergar a minha realidade, aspecto positivo: a metodologia dos professores	e negativo: a burocracia
I	Penso que o curso de magistério é importante para atender uma grande demanda de alunos que precisam de um tratamento diferenciado em seu processo básico de educação. Os aspectos positivos são: metodologia voltada para a realidade, com significado, desperta a visão crítica entre outros.	Os aspectos negativos são: os preconceitos enfrentados na UFPB por quem não conhece o Programa, a dificuldade em manter-se unido em grupo etc.
T	É um curso que abriu as portas para pessoas de áreas de assentamentos, com o objetivo de formar educadores do campo para o campo com o pensamento crítico voltado para a sua realidade. Aspectos positivos: professores capacitados, conteúdos adequados, coordenação pedagógica competente etc.	Aspectos negativos: a burocracia do sistema que atrasou o processo, falta de acompanhamento dos coordenadores de área, estrutura de alojamentos, alimentação
E	Ótimo. Indubitavelmente contribuiu para minha formação pedagógica. Os professores todos envolvidos com o curso, principalmente aptos ou buscando conhecer a base da nossa realidade. A ligação da atividade de um professor para o outro, enquanto no ensino tradicional praticamente não veremos essa sistematização/organização e a preocupação se os alunos estão aprendendo ou não.	Negativo: o modo como os alunos acabaram ficando “soltos” em suas comunidades, o estágio que só foram duas aulas.

Fonte: dados da própria pesquisa. (2008).

Inicialmente, o Magistério contou com a presença de cinquenta alunos. No decorrer do curso esse número foi diminuindo, chegando ao final com vinte e nove alunos. Acreditamos que a desistência da maior parte desses alunos justifica-se pelos longos períodos sem aula. Conforme a dinâmica do curso, havia um período em que os alunos ficavam em suas comunidades – tempo-comunidade, desenvolvendo as atividades propostas pelos professores durante o tempo-escola. O problema estabelecia-se quando esse período extrapolava o recomendável e o previsível. Dúvida não há de que esse acontecimento provocou a desmotivação e a consequente desistência dos alunos.

Os educadores acima comentam duas questões pertinentes. Uma primeira discussão envolve a metodologia dos professores apontada como um aspecto positivo do curso. Conforme já foi comentado, antes de iniciarem as aulas do Magistério, os professores se reuniam com as coordenações para discutirem os objetivos do curso, sua importância para a educação do campo, os aspectos sociais, políticos e ideológicos que permeavam sua organização e funcionamento. Esses procedimentos orientaram o fazer pedagógico dos docentes.

Antes do tempo-escola começar, os professores se reuniam para discutir e escolher o tema a ser trabalhado e como cada um, dentro da sua área, poderia explorá-lo, estabelecendo laços interdisciplinares. Dessa forma, os alunos percebiam a ligação entre as atividades e, ao mesmo tempo, observavam as especificidades de cada disciplina.

Podemos citar, como exemplo, a atividade desenvolvida no primeiro tempo-escola, que teve como tema gerador a palavra terra. Cada educador desenvolveu suas atividades considerando esse tema. Em português, uma primeira discussão feita foi a respeito da polissemia da palavra terra, ou seja, as várias significações que esse vocábulo admite, dependendo do contexto. Foram realizadas diversas atividades tendo como eixo a palavra terra enquanto elemento, universo e pátria.

A outra discussão que devemos fazer, diz respeito à questão burocrática comentada pelos alunos. O PRONERA funciona com recursos federais. O processo de liberação desses recursos nem sempre considera o tempo pedagógico. Existe um descompasso entre os dois momentos, o que envolve a burocracia da liberação de recursos e o que envolve o tempo pedagógico, o tempo de ensino e de aprendizagem que não pode esperar. Nessa esfera, os

discentes saem prejudicados, e o prejuízo está na desistência de alunos, no desestímulo e na falta de confiança no Programa.

Outra questão importante refere-se às consequências do curso na vida pessoal e profissional dos educadores, bem como sua participação mais efetiva nos assuntos da comunidade. Desse modo, procuramos constatar a eficiência pedagógica do curso, bem como sua orientação para o exercício da cidadania, conforme os educadores:

Quadro 3: Vida pessoal x Vida Profissional

Educadores	Vida pessoal	Vida profissional
C	A minha evolução crítica e pessoal, o meu amadurecimento diante da vida deve-se ao curso,	profissionalmente, me possibilitará condições de estar em uma sala de aula e aprimorar meus conhecimentos.
F	Ele me desperta o desejo de continuar estudando, pesquisando e, ao mesmo tempo, um desejo de justiça na luta pela Reforma Agrária e trabalho.	Não respondeu.
T	Representa uma grande mudança de personalidade, amadurecimento em relação a um maior interesse pela comunidade e pelo contexto em que estou inserida.	E, profissionalmente, me deu a oportunidade de adentrar no meio educacional agindo na mudança da realidade local.
H	O curso representa libertação, me sinto inserido na sociedade, sabendo me expressar, lutar e buscar direitos,	e me dá subsídios para ser um bom educador do campo

Fonte: dados da própria pesquisa. (2008).

A educação do campo não se limita apenas a um projeto educativo, mas tem desdobramentos significativos no cotidiano da comunidade camponesa, através das transformações sociais ocorridas nesse ambiente. É por meio da educação que o sujeito é capaz de lutar e de mudar sua situação assujeito de quaisquer circunstâncias. Tratando-se da educação camponesa, o acesso ao conhecimento pode garantir à população os instrumentos de luta e de resistência a fim de romper com a histórica condição de subordinação ao capital e de reconhecer as dinâmicas, os saberes e a identidade do sujeito dos camponeses.

Educação camponesa é prática de cidadania. É um projeto político refletido nas ações pedagógicas. O modelo de educação do campo que vem sendo construído não é apenas para

superar a escola rural, mas, sobretudo para se contrapor à histórica e decadente escolinha rural. Trata-se de um projeto de escola totalmente articulado, intrínseco às demandas do movimento por Reforma Agrária em que os sujeitos desse movimento são os mesmos que constroem o projeto pedagógico, são os trabalhadores e trabalhadoras do campo.

É esse o reflexo que encontramos nas falas dos educadores e das educadoras dessa pesquisa. Falas que demonstram a necessidade de serem educadores cujo projeto educacional vá ao encontro das necessidades de suas comunidades. Falas que revelam também o amadurecimento político e também pedagógico, visto que esses dois conceitos são entrelaçados no fazer docente do educador do campo. Nesse sentido, o curso de formação de magistério do PRONERA refletiu na vida pessoal e profissional dos educadores e das educadoras, provomendo

Além dos reflexos na vida pessoal e profissional, procuramos saber sobre os reflexos que o curso teve na comunidade. Segundo os educadores:

Quadro 4: Reflexos do curso na comunidade

Educador	Reflexos do curso na comunidade
B	A contribuição para o seu desenvolvimento, a partir dos trabalhos desenvolvidos.
C	Maior conscientização na proteção para com a natureza, no problema do lixo, na participação de todos os membros da comunidade (homens, mulheres, jovens, crianças) nas assembléias, nos mutirões, nas mobilizações etc.
D	O curso tem oferecido aprendizagens bastante significativas e estas são repassadas de alguma forma na comunidade, seja no grupo de jovens, na roda de amigos, palestras nas escolas.
E	Hoje, em minha comunidade, têm vários trabalhadores(as) e jovens que estão alfabetizados, de início o projeto Escolarização, mas se não fosse o magistério, obviamente, eu não teria conseguido ajudar a realizar sonhos como: aprender ler e escrever, desenvolver o senso crítico das pessoas e muito mais, contribuir para uma boa qualidade de vida na comunidade através dos trabalhos designados pelos professores e efetuados no acampamento em que resido, levou a comunidade a pensar em práticas como as queimadas, desmatamentos, poluição. Hoje temos cerca de mil e duzentas árvores plantadas na propriedade.
H	A questão do lixo que foi um assunto discutido com a professora X e os alunos. E depois com o professor Y. Levamos essa discussão para a comunidade, para as assembleias e o lixo teve um outro tratamento, como outras questões ambientais como o desmatamento, queimadas, o uso de agrotóxicos, que foi com o professor Toninho, tem repercutido na comunidade.

Fonte: dados da própria pesquisa. (2008).

É possível averiguar que a participação dos jovens dos assentamentos ou dos acampamentos, no curso de formação refletiu no dia-a-dia da comunidade. Os alunos do magistério, conforme desempenhavam suas atividades do tempo-comunidade, também inseriam a comunidade em suas discussões e na realização das tarefas, despertando questionamentos acerca de problemas como: a prática de queimadas, o destino do lixo doméstico, a importância da preservação dos rios, entre outras questões. Logo, alunos e comunidade se desenvolviam e encontravam sentido na educação, o que para nós significa realizar práticas de sociais de leitura.

O curso de Magistério procurou desempenhar suas atividades de acordo com uma concepção de campo como lugar social, de sujeitos históricos que possuem uma dinâmica própria. Desse modo, o fazer docente do educador do campo deve ser coerente com essa concepção. Assim, os educadores foram questionados sobre o que, para eles, significa ser um educador do campo, bem como se o curso de formação contribuiu para esse significado. Conforme as respostas, vemos a seguir:

Quadro 5: O que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribuiu para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Educador	Concepção sobre o que é ser educador do campo
B	Para mim, ser um educador do campo é trabalhar a realidade do campo de forma que venha beneficiá-lo. Contribuiu. Porque foi através da formação do curso que passei a dar valor para a minha comunidade.
D	Educador do campo é aquele que trabalha dentro de uma perspectiva de mudança, visando melhorar cada vez mais a sua comunidade, fazendo com que os camponeses sintam prazer em viver no campo. Com certeza, o curso contribuiu para iniciar minha vida de educador do campo, pois passei a valorizar mais o campo e a enxergar as desigualdades e transformá-las em desafios.
E	É viver a realidade e participar não apenas por participar, mas para poder entender essa realidade e contribuir para o crescimento da comunidade, tendo em vista que educar não é apenas ensinar a ler e a escrever e sim tornar-se construtor da história, da sociedade, do mundo. Pois a ótica que tenho como educador é graças ao magistério e sei, com certeza, que jamais qualquer outro curso irá me oferecer a base que o curso de magistério me deu, realmente voltado para a vida no e do campo.
F	Para ser um educador do campo é preciso conhecer a luta e os desafios dos movimentos e ter sua própria formação vivenciada na comunidade, a partir daí, passar por um desejo de transformar tudo aquilo que é possível dentro da realidade camponesa. O curso, para mim, contribuiu na aprendizagem, na

	realidade de mundo e na minha verdadeira realidade.
H	Educador do campo é aquele que trabalha a realidade do campo, que parte da necessidade do aluno e, acima de tudo, observa e conhece os problemas do educando. O curso magistério contribuiu demais na minha formação como educador do campo, me dando condições de diagnosticar o problema para, junto à comunidade, solucionar. Através das aulas ministradas por todos ótimos professores que passaram pelo magistério.

Fonte: dados da própria pesquisa. (2008).

O conceito Educação do Campo se materializa na década de 1990, principalmente a partir do I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (I ENERA). Nesse período, surge, aliada a uma proposta para as escolas do campo, o debate sobre a formação de educadores para atuarem nesses espaços. O movimento do campo propõe e defende um processo específico para a seleção dos docentes que atuarão nessa área. Segundo Caldart (2004, p. 158) o educador do campo deve ser “aquele cujo trabalho principal é o de fazer e o de pensar a formação humana, seja na escola na família, na comunidade, no movimento social”. Sendo assim, a formação humana dos sujeitos é um dos principais critérios na atuação dos educadores e das educadoras.

É imprescindível que o sujeito educador do campo tenha, além de uma sensibilidade para os aspectos que diferenciam o campo de demais lugares de dinâmicas sociais, a maturidade política para atuar em defesa de um projeto libertador para aqueles que habitam o espaço camponês. Nesse sentido, corroboram as falas dos educadores acima.

De acordo com as respostas acima, perguntamos aos educadores se é importante a existência de uma escola do campo e quais os aspectos que a caracterizam. Para os educadores, é importante a presença de uma escola do campo que compreenda a realidade deste espaço e favoreça o crescimento da comunidade. Constatemos suas respostas:

Quadro 6: A importância de uma escola no campo

Educador	Respostas sobre a importância de uma escola do campo
C	Com toda certeza, a educação do campo precisa trabalhar nas crianças a essência deles que é o lugar onde eles vivem e a profissão de seus pais etc.
E	Sim, que seja uma escola onde venha desenvolver e contribuir para a vida no campo, que possa dar o devido valor que o campo tem e que trabalhe as especificidades do campo. Uma escola onde todos sejam tratados igualmente, onde educador e educando possam discutir os problemas e tomar decisões, que a comunidade também faça-se corpo da escola e que todos possam usufruir da

	mesma.
F	Sim, porque a educação precisa estar na realidade, nos costumes, nas atividades diárias do campo.
I	É importante pelo fato de que as existentes não atendem as necessidades por falta de estrutura adequada. As características de uma escola do campo deveriam ser totalmente desenvolvidas a partir das opiniões dos pais de alunos e sociedade civil organizada.
L	Sim. Porque seria uma escola diferenciada onde a comunidade terá a oportunidade de participar, de criticar e construir sua história.

Fonte: dados da própria pesquisa. (2008).

Discutimos em diversos momentos dessa pesquisa a especificidade do campo enquanto espaço de sociabilidades próprias. Assim como o meio urbano possui suas dinâmicas e necessidades, também o campo o possui. Sendo assim, é imperativo expor a necessidade de uma educação que se volte às necessidades dos camponeses. As falas dos educadores expõem de forma contundente tal necessidade e importância.

Ao pensarmos o processo de construção da Educação do Campo no Brasil, observamos o papel essencial da escola. É a partir da luta dos povos do campo, comprometidos com uma educação provedora de transformação, que o movimento do campo avançou no tocante à determinadas conquistas tanto no âmbito legal quanto nos aspectos político e pedagógico. Dessa forma, estão presentes no Projeto Político Pedagógico das escolas do campo temáticas do seu cotidiano e que representem seus anseios.

Uma das questões mais pertinentes lançadas aos educandos procurou saber se o curso atendeu às especificidades dos sujeitos do campo. O objetivo foi constatar se existiu coerência entre discurso e prática, ou seja, entre aquilo que o curso pronunciava como sendo uma educação voltada aos interesses dos camponeses assentados e acampados e o desenvolvimento dos seus conteúdos, assim com da sua metodologia. Consoante os educadores, houve coerência entre os dois aspectos apontados acima, o que podemos comprovar em suas respostas:

Quadro 7: O curso de formação do magistério (PRONERA) atendeu às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Educador	Respostas
C	Em parte sim, porque é necessário que o homem do campo tenha esse conhecimento acadêmico diferenciado, voltado para a sua realidade. E que além de mostrar os erros, traga novas soluções.
E	Sim. Além de se preocupar com a nossa formação, o curso nos instruiu a pensar na luta por reforma agrária, como por educação, saúde, por uma vida digna etc., me tornou um ser capaz de refletir sobre qualquer decisão a ser tomada e me deu a capacidade de buscar isso das pessoas.

F	Sim, porque foi com ele que aprendi conhecer, perceber as necessidades do campo na educação e no desenvolvimento dos trabalhadores.
I	Não posso dizer que com este estou pronto para atender à demanda, mas sim que é o início de uma mudança local tão sonhada.
L	De certa forma sim, porem muita coisa ficou vaga em algumas disciplinas, os conhecimentos são mínimos diante da realidade de cada aluno.

Fonte: dados da própria pesquisa. (2008).

De acordo com as falas dos educadores, acreditamos que o curso de formação do Magistério se desenvolveu em uma perspectiva de diálogo com a realidade do campo e de seus sujeitos; favoreceu uma formação significativa, voltada para o exercício da cidadania e da construção do senso crítico dos educadores e considerou os princípios norteadores para uma escola do campo de forma que atendeu os princípios para os quais foi elaborado, entretanto, não podemos deixar de comentar as dificuldades enfrentadas no percurso da formação e que foram responsáveis por tantas desistências, pelo desestímulo e atraso na conclusão do curso, além de prejudicar o trabalho pedagógico que, certamente, foi o mais grave.

5.2 QUANTO À CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

Depois da reflexão sobre os aspectos mais gerais do processo de formação, nos detemos à análise do nosso objeto de pesquisa: a concepção de leitura dos educadores do campo. A acepção de leitura que adotamos é aquela relacionada a uma concepção dialógica da linguagem, de modo a constituir um processo que envolve não apenas a capacidade de decodificação de signos, mas também um processo que articule os conhecimentos prévios do sujeito-leitor, assim como suas vivências com o meio social.

Quadro 8: O que é ler?

Educador	Respostas
F	Transformar, modificar, é conhecimento.
H	Leitura não é apenas decodificar, ler palavras ou um texto. Ler é interagir e fazer da leitura a solução de problemas. É fazer a leitura de um poema, redação ou um texto escrito e também fazer a leitura de uma imagem, de um lugar especial, algo que faça sentido etc.
B	Ler é conhecer o mundo.
C	É direcionar sua própria vida, viajar por lugares através da imaginação, culturas e povos diferentes.
D	É ver algo como é e interpretar.

Fonte: dados da própria pesquisa. (2008).

Conforme as falas acima, percebemos que ler, para os educadores, significa mais que decodificar o signo. Ler é transformar, é modificar, é conhecer, é interagir, é encontrar na leitura a solução para problemas, é interpretar. De acordo com Almeida (2013, pag. 61)

A interpretação é sempre um ponto de vista do leitor sobre o objeto. Nessa visão, a interpretação envolve mais do que a linguagem, engloba também tudo o que está fora dela, e assim é a leitura. [...] se o sujeito não tem essa capacidade de interpretar ou perceber ele não entra no sentido. O ato de ler é um espaço imaginário em que nossos sentimentos reais ou possíveis querem entrar em ressonância com o discurso do outro e este se constrói de diferentes pontos de vista.

Concordamos como o posicionamento da autora sobre a leitura envolver tudo que está fora da linguagem, entendido por nós como sendo o contexto sócio-histórico e ideológico onde se inserem os sujeitos leitores. Corroboram também essa ideia as falas dos educadores

acima, pois percebem que ler ultrapassa o âmbito do texto, da escola e chegam a outras culturas, a outras realidades, sobretudo promovem mudanças no âmbito pessoal, permitindo o direcionamento da própria vida. Nesse contexto, recordamos Freire (1996, p. 20) quando diz que:

[...] podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Nesse aspecto, observamos também que a leitura, conforme os educadores acima, significa mais que caminhar sobre as letras (leitura não é apenas decodifica, ler palavras ou um texto), mas se alonga na interpretação do mundo, agindo no mundo. A leitura é entendida, por estes educadores, como tomada de consciência (ler é interagir e fazer da leitura solução para os problemas). A leitura é, antes de tudo, interpretação do mundo em que se vive (ler é conhecer o mundo). Mas não é apenas ler (é transformar, modificar, é conhecimento), é também libertar-se.

Além disso, o educador H menciona a leitura de gêneros discursivos (poema), uma importante colocação partindo do pressuposto de que nossa abordagem de ensino de língua concebe o trabalho com os gêneros discursivos como sendo fundamentais em uma concepção dialógica de leitura. O mesmo educador percebe o ato de ler para além do texto verbal, trazendo a leitura de uma imagem ou de um lugar especial, desde faça sentido. Sendo assim, ler é atribuir sentido, seja ao texto verbal ou não.

Embora os educadores não tenham conceituado a leitura enquanto processo dialógico, também não a conceituam como ato meramente superficial, descritivo, ou seja, ao analisarmos suas falas, entendemos que sua forma de perceber a leitura está mais próxima de uma percepção dialógica, pois colocam a leitura como processo de transforma, de conhecimento, de interação no qual o sujeito, para alcançar tudo isso precisa se posicionar de forma ativa diante da vida, diante dos contexto sociais de uso da língua.

Ao se adotar uma concepção dialógica do trabalho com a leitura, deve-se propor atividades que considerem tal percepção. Dessa forma, a escolha metodológica, a abordagem dos textos, escolha de temas, a compreensão do contexto socio-histórico e ideológico dos sujeitos envolvidos no processo de leitura, tudo deve ser pensado e articulado com o propósito

de se trabalhar a leitura em uma perspectiva dialógica. Por isso, questionamos os educadores de nossa pesquisa sobre que atividades devem predominar nas aulas de língua portuguesa. Vejamos as respostas abaixo:

Quadro 9: Que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa?

Educador	Respostas
F	Gramática é tudo que falta para aprimorar meus conhecimentos.
H	A prática da leitura e da escrita, gêneros textuais, gramática, produção e interpretação de texto etc, porque tudo será fundamental na formação do cidadão inserido na sociedade.
B	Leitura e escrita, interpretação de texto, regras gramaticais. Porque todas são de fundamental importância na formação do ser humano.
C	Todas que tenham um sentido para a vida e a formação cidadã dos educandos.
D	A linguagem portuguesa é bastante complexa, mas se tem que predominar algo é a leitura.

Fonte: dados da própria pesquisa. (2008).

A fala do primeiro educador revela mais uma necessidade pessoal, visto que ele coloca “o que me falta”. Porém, nas colocações dos demais educadores, também observamos a gramática como sendo uma das atividades que devem estar presentes nas aulas de língua portuguesa.

Averiguarmos, nas colocações acima, que a gramática entra como umas das atividades que devem fazer parte das aulas de língua portuguesa, mas não apenas essa atividade, aspecto que nos interessou bastante, pois, no processo de trabalho com a leitura, as questões gramaticais, estruturais também devem fazer parte do processo, embora não sejam suficientes para garantir a formação de bons usuários da língua, mas se configuram também como parte importante para a compreensão da leitura. Nesse âmbito, concordamos com Antunes (2003, p. 85 e 86)

[...] quando alguém é capaz de falar uma língua é então capaz de usar, apropriadamente, as regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) dessa língua [...] na produção de textos interpretáveis e relevantes. Aprender uma língua é, portanto, adquirir, entre outras coisas, o conhecimento das regras de formação dos enunciados dessa língua. Quer dizer, não existe falante sem conhecimento de gramática.

Ademais, a maioria concorda que a leitura deve estar presentes nas aulas de língua portuguesa, colocando esta atividade como fundamental para a formação cidadã.

Reconhecemos aqui o caráter de transformação social que os educadores atribuem ao processo de leitura, esta é responsável pela formação do ser humano.

É por meio da leitura que podemos formar cidadãos críticos, atuantes no mundo em que vivem. Nesse processo, é indispensável que o indivíduo compreenda o significado das inúmeras vozes que se manifestam no processo da leitura e se pronuncie com sua própria voz, tomando consciência de seu lugar no mundo.

Ao dizer que ler é “algo que faça sentido”, o educador restaura a ideia de que o leitor precisa atribuir significado ao que lê, caso contrário, a leitura não se realiza. Para tanto, é necessário que o leitor atue ativamente no processo da leitura, dando e tirando do texto seus sentidos possíveis, presentes em seus interlocutores, configurando, assim, uma relação dialógica. É na interação entre os distintos componente do processo de leitura que o sentido é construído.

Ler é perceber que todo texto envolve um contexto do qual dependerá seus sentidos, é perceber que em todo texto há alguém, há um tempo, um espaço, há visões de mundo que se entrelaçam e “se” significam.

O processo da leitura envolve diálogos significativos entre o que sabemos e o que o texto nos traz, é apropriação dos recursos argumentativos para sustentar nosso posicionamento diante de determinada situação, é também mudança de opinião a partir do encontro com outras formas de pensar a vida e agir no mundo em que se vive.

É papel da leitura garantir essas ações, capacitando o sujeito para o exercício da cidadania. Nesse contexto, pretendemos depreender dos educadores a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa, conforme respostas no quadro que segue.

Quadro 10: Qual a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa?

Educador	Respostas
F	Melhorar a leitura e a forma de me expressar em público em todas as situações.
H	É importante porque é a disciplina que irá diretamente fazer com que o aluno adquira o ato da leitura e da escrita. Na minha concepção, na língua portuguesa é que está a formação do sujeito.

B	Ler já é de fundamental importância, principalmente na aula de língua portuguesa. Faz com que o aluno aprenda a ler corretamente, respeite a pontuação, enfim, a leitura deve estar presente na vida do ser humano.
C	Principalmente a de ter a capacidade de se expressar diante do público, perder o medo de falar.
D	Com a leitura você tem o poder de conhecer mais, de se superar na busca do conhecimento.

Fonte: dados da própria pesquisa. (2008).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (2001) propõem que o ensino de Língua Portuguesa trabalhe com a leitura e a com a escrita de maneira que forme sujeitos aptos a se desenvolverem enquanto leitores e escritores competentes. Vale salientar que o papel do professor é fundamental para que este trabalho esteja, efetivamente, voltado para a realidade e necessidade do aluno.

A leitura proporciona conhecimento em diversas áreas, promove o crescimento pessoal e intelectual, amplia nossa competência linguístico-discursiva, favorece a percepção e ação do/no mundo, melhora a convivência com os outros, traz alegria, provoca mudanças, possibilita a formação da cidadania. Assim, não pode estar de fora do contexto escolar como uma atividade de interação entre os sujeitos, envolvendo seus aspectos sociais, históricos e ideológicos.

Porém a leitura foi trabalhada, durante muito tempo, como uma atividade voltada para a decodificação do signo linguístico, para o treino da palavra falada, para a captação das ideias do autor, sem considerar as experiências do leitor nem a interação entre leitor/texto/autor. Essa perspectiva de ensino serviu ao seu propósito em determinada época, mas, nos dias atuais, não atende às necessidades e especificidades dos sujeitos.

De todo modo, é uma perspectiva que marcou a tradição do ensino de língua e ainda se perpetua na sala de aula tanto representada nas atividades propostas pelo professor como também na percepção do aluno quanto ao que se refere ao ensino e à aprendizagem de leitura.

Quando o educador F coloca que a leitura é importante para que possa se expressar em público e em todas as situações, compreendemos que, para ele, a leitura é o caminho para agir

no mundo, para atuar no meio em que vive, de forma segura. Este também compõe um dos interesses da leitura enquanto perspectiva dialógica.

A leitura deve servir para a formação humana em diversos sentidos, para que o sujeito seja capaz de se colocar nas diferentes situações do seu cotidiano enquanto indivíduo que participa ativamente da construção da cidadania. Corrobora com essa ideia a fala do educador H ao dizer que na língua portuguesa, mas precisamente na leitura, está a formação do sujeito. Averiguamos, novamente, o forte caráter de transformação social promovido pela leitura enquanto prática de liberdade.

O educador B traz todas as questões mencionadas pelos demais e acrescenta a importância de ler corretamente, respeitando a pontuação. Quanto a essa colocação, acreditamos que a atividade de leitura pode também incluí-la. O que não pode é se limitar a ela. O exercício da leitura envolve aspectos linguísticos, ideológicos, sociais, históricos. Mais adiante, o educador C coloca que a leitura é importante para se perder o medo de falar. Outra vez, a leitura como proporcionadora da ação do sujeito no mundo.

A leitura traz o conhecimento necessário para que esse sujeito se coloque nas relações e nas situações diárias. O educador D traz a superação como algo importante proporcionado pela leitura. As atividades de leitura possibilitaram a participação crítica e criadora desses educadores em suas comunidades, em suas escolas, em suas casas, em todos os espaços que ocupem. Mas, para chegar a este objetivo, as atividades de leitura não podem ser realizadas fora do contexto de vida desses sujeitos. Sendo assim, questionamos sobre que procedimentos devem ser adotados para se trabalhar a leitura em sala de aula, conforme quadro abaixo.

Quadro 11: Que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Educador	Respostas
F	Deve-se trabalhar vários tipos de texto, leitura coletiva, individual. Apresentação de mural e objetos.
H	A partir da necessidade e da facilidade do educando, por exemplo: se o aluno gosta de ler histórias infantis, é começar com o gosto do aluno, mas incentivá-lo a outras leituras.
B	Trabalhar texto de forma coletiva, com debate e participação.
C	Trabalhar textos significativos, deixar os educandos bem à vontade para lerem e manifestarem suas opiniões.
D	Um critério importante é a socialização da leitura.

Fonte: dados da própria pesquisa. (2008).

Ao pensarmos sobre o ensino de língua portuguesa e todos os desafios que envolvem o processo de aprendizagem de leitura na escola, nos deparamos com a perspectiva dos gêneros discursivos, caracterizados por sua relação com as práticas sociais, como alternativa para o ensino de língua, consequentemente de leitura e de escrita, em uma perspectiva dialógica. A esse respeito, Aprender a falar, a ler e a escrever é, principalmente, aprender a produzir e a compreender enunciados por meio de gêneros.

Conforme Bakhtin (2006, pa.112) “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata”. Dessa forma, a noção de gênero discursivo refere-se ao funcionamento da língua em práticas comunicativas reais e concretas, realizadas por sujeitos que interagem nas diversas esferas das relações humanas. Esta assertiva está presente na fala do educador C ao colocar que se deve trabalhar, em língua portuguesa, textos significativos, ou seja, texto que estabeleçam relação com o contexto dos sujeitos.

Os educadores B, C e D enfatizam a participação, a manifestação da opinião dos educandos e a socialização como fatores importantes nos trabalhos com a leitura em sala de aula. Sobre tais colocações, acrescentamos que o processo de leitura, na perspectiva dialógica, se realiza a partir dos diálogos estabelecidos, confrontados nos mais distintos contextos sociais. Trabalhar os textos de forma coletiva, como colocam os educadores F e B, é também compreender as atividades de leitura enquanto processo que interage, dialoga com outros sujeitos para a produção de sentido daquilo que é lido.

O educador H traz uma proposta de trabalho com a leitura que é iniciá-la a partir de textos que os alunos gostam para, depois, incentivar outras leituras, configurando uma estratégia bastante significativa, pois os alunos terão interesse maior nos textos com os quais se identifiquem, que façam parte de sua realidade ou que, simplesmente, despertem algum sentimento. Seguindo nossa sequência de questões, interrogamos o que deve ser avaliada nas aulas de leitura, de acordo com o quadro seguinte.

Quadro 12: Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado?

Educador	Respostas
F	Participação dos alunos, desenvolvimento do texto, leitura e escrita nas aulas. É a partir daí que o professor deve ampliar a metodologia que está passando.
H	A compreensão, o entendimento, a socialização, o interagir e em que contexto a leitura gera conhecimento.
B	Deve ser avaliado o empenho, a participação, o desenvolvimento e a compreensão dos alunos. Porque cada um desses fatos é de fundamental importância.
C	Expressão da leitura, postura ao ler o texto, entonação de voz, leitura correta da gramática.
D	Tudo tem que ser avaliado e, dependendo das circunstâncias, procurar outros caminhos, se necessário.

Fonte: dados da própria pesquisa. (2008).

Uma das maiores preocupações da escola diz respeito à avaliação e quando falamos em avaliar leitura, surge logo um questionamento, como avaliar? A dificuldade que os alunos encontram para ler e interpretar de forma satisfatória um texto não pode ser ignorada, bem como a avaliação equivocada desta leitura. Por isso é fundamental, ao se pensar em avaliação de atividades de leitura, considerar a concepção de ensino de língua adotada pelo professor.

Quando consideramos a concepção de linguagem enquanto lugar de interação, entendemos o papel ativo-responsivo do sujeito nesse processo. É mediante um processo de interação com outrem que sujeitos se constituem, vendo-se no outro, constituindo-se um eu entre outros eus, de forma responsiva e responsável.

Dessa forma, retomamos as falas dos educadores F, H, B e D para os quais é importante na avaliação da leitura a participação do aluno, sua compreensão, a socialização, a participação, a interação, considerando o educando enquanto sujeito social e historicamente situado cujas relações dialógicas estabelecidas no processo da leitura não se repetirão. Todos esses elementos são constitutivos do processo de leitura enquanto prática dialógica. Nessa concepção, avaliar vai além da descrição do que é certo ou errado, supera a prática avaliativa apenas para obtenção de nota.

A ação no mundo por um sujeito ativo, dinâmico, social, histórico e ideologicamente situado é singular, é única, realizada em determinado tempo e espaço que não mais se repetirão. Sendo assim, como proceder com a avaliação? Faz-se necessário repensar as práticas atuais, permitindo, talvez, que os alunos se posicionem a partir de seus lugares únicos

e singulares, valorando-o. Uma valoração em que avaliado e avaliador possam enxergar a partir da perspectiva do outro e, mutuamente, reconheçam suas necessidades e interesses no processo de ensino.

Ler é reformular esses significados tantas vezes quantas forem necessárias a partir do encontro entre novas ideias e opiniões, daí decorre a conclusão de que é nos textos e pelos textos que podemos adquirir a competência de operar criativamente, um tipo de saber cada vez mais singular na contemporaneidade, ressaltando que é na Literatura, o homem por meio da palavra e de sua capacidade criadora, recorta parte da realidade, cria o texto por meio do qual manifesta seu discurso, que está presente na obra de arte, portanto a Literatura é arte, e como tal é manifestação da alma e inteligência humana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca.

(Paulo Freire – 1996)

O texto acima expõe a ideia de que o homem é um ser inacabado. A inconclusão constitui a natureza humana. O ser humano se constrói a cada momento em uma relação de alteridade com o outro, a partir de suas experiências e ações no mundo. Assim, nada está acabado, terminado, sempre pode existir um outro novo olhar para o mesmo objeto. Este trabalho de pesquisa aponta algumas conclusões, mas não fecha as discussões sobre os temas abordados nem traz verdades inquestionáveis, porém as análises vindas e fundamentadas nas vivências, nas observações, nas leituras teóricas realizadas ao longo da caminhada. A seguir, apontamos as considerações finais por agora.

O trabalho com a língua portuguesa adotou uma concepção de linguagem como espaço de constituição de sujeitos ativos, capazes e responsáveis pela construção da sua história, ou seja, uma concepção dialógica. Sendo assim, as atividades propostas e realizadas, no decorrer do curso, procuraram provocar os discentes na tentativa de fomentar discussões a respeito das questões sociais, políticas, históricas, culturais e ideológicas que permeiam seu cotidiano.

O fazer docente do professor de língua portuguesa, conforme nos referimos no início desse trabalho, está diretamente relacionado à sua concepção de linguagem. O trabalho efetivo com a língua se dará a partir de atividades que a concebem como lugar da interação. Nesse enfoque, pretende-se formar cidadãos aptos ao exercício da cidadania por meio da prática da reflexão, da atuação e da luta por melhores condições de vida.

Assim sendo, nosso trabalho voltou-se para a análise da concepção de leitura do educador do campo como elemento fundamental para uma prática significativa do ato de ler, a partir do qual, os alunos se inserem no processo de construção desse significado, relacionando-o às suas vivências, apreendendo os possíveis sentidos do texto, dialogando com o seu autor e seus possíveis leitores, suas condições de produção e enunciando seus significados como produto de sua participação ativa enquanto leitor competente.

Sabemos que o curso de formação não foi suficiente para solucionar todas as dificuldades encontradas por parte dos educandos, pois fatores como o tempo de duração do curso e anos de estudo em um sistema tradicional criam obstáculos que dificultam o trabalho. Apesar disso, constatamos, através das análises, que os educadores, em sua maioria, demonstram uma concepção de leitura além de um processo de decodificação do ato de ler, mas agregam a este processo a importância da transformação social, da capacidade de agir no mundo, de adquirir conhecimento necessário para este agir, de conhecer e se transportar para outras realidades, outras culturas, de ter mais conhecimento sobre a língua quanto aos seus aspectos linguísticos também. Assim, os avanços observados são significativos e revelam a eficiência de um trabalho realizado na perspectiva dialógica.

Nesse contexto, é imprescindível que os cursos de formação se desenvolvam de acordo com uma concepção dialógica do ato de ler, para formar professores com a mesma concepção. Também, é necessário que se tenha um tempo significativo de formação que assegure um trabalho mais específico e mais eficaz com a língua portuguesa.

A educação voltada para indivíduos do campo deve relacionar-se ao seu cotidiano, aos aspectos constitutivos da sua cultura, dos seus valores, das suas ideologias, da sua história e da sua forma de se organizar no tempo e no espaço. Assim, o processo educacional se efetiva e promove mudanças necessárias à ordem social, política e econômica em detrimento da democratização do espaço e dos sujeitos do campo.

Por conseguinte, um projeto eficiente de educação para o campo não pode esperar, antes, deve constar nos planos governamentais como uma política necessária ao crescimento sócio-territorial sustentável. As políticas de promoção de educação voltadas para o campo, não devem apenas estar a cargo das lutas dos movimentos sociais, mas devem encontrar apoio em toda a sociedade, principalmente, nas gestões administrativas. Ademais, devem assumir outro caráter além da forma de projetos, de maneira que se estenda a todas as escolas do campo.

Assim, é fundamental que os órgãos responsáveis pelas políticas educacionais voltem seus interesses à formação de educadores competentes e comprometidos com projetos de mudança, atendendo às especificidades do campo, suas necessidades e objetivos. A educação

do campo, então, servirá para formar pessoas mais responsáveis pela construção de sua história de acordo com princípios éticos de respeito à comunidade e ao meio ambiente.

A educação do campo tem sido historicamente marginalizada na construção de políticas públicas. Apesar de ser uma área de crescentes discussões em torno de uma educação, verdadeiramente, pensada a partir da lógica dos povos do campo, ainda é tratada de forma compensatória, dissociada da realidade desse espaço e de seus sujeitos.

Dessa forma, se faz necessário pensá-la em diálogo com a cultura, os saberes, as vivências, a dinâmica do cotidiano dos povos do campo. Nesse contexto, os sujeitos do campo se tornam protagonistas na construção de um projeto pedagógico de interesse social, libertador, comprometido com sua realidade e suas necessidades.

Pensar em educação do campo é pensar em seus sujeitos enquanto seres históricos, atuantes no mundo, numa constante interação com este espaço. É perceber a peculiaridade de seus sujeitos, sua forma de se relacionar com o espaço que o cerca, com a natureza, com a terra. O homem do campo pode estar organizado em movimentos sociais, em associações ou pode atuar sozinho, mas é capaz de criar alternativas de sobrevivência num mundo de relações capitalistas ferozes.

Ademais, é refletir sobre a concepção de escola de seus sujeitos. A escola é mais um espaço de conhecimento, de apropriação do saber, mas, no campo, tudo ensina, todo movimento é pedagógico. Nesse lugar, dialogam os saberes científicos, acadêmicos, os conhecimentos historicamente construídos. O espaço escolar é o lugar de produção de conhecimento em relações que se dão entre o mundo da ciência e o mundo da vida cotidiana.

A escola do campo possibilita a ampliação dos conhecimentos a partir dos aspectos da realidade de seus sujeitos. Esta é o ponto de partida para o processo pedagógico. Caberá ao educador, portanto, ter um olhar sensível às especificidades locais, aos conhecimentos historicamente construídos e acumulados que podem e devem ser trabalhados nos distintos momentos pedagógicos. A concepção de ensino e a metodologia adotada pelo professor da educação do campo não pode esquecer seu caráter crítico e reflexivo.

Sendo assim, trazendo para o contexto de nossa pesquisa, o ensino de leitura, na educação do campo, não pode acontecer fora de um contexto dialógico. Entendemos que apenas a leitura na perspectiva dialógica possa proporcionar, aos educandos, posturas críticas do leitor frente aos textos. Não interessa, em tal abordagem, somente o reconhecimento da forma linguística, mas a percepção do destinatário, ou seja, para quem o texto foi produzido, a que sujeito social a palavra foi dirigida; a reflexão sobre a esfera social na qual esse enunciado concreto está inserido.

Esse contexto de ensino é subsidiado pelos estudos de Bakhtin, no que se refere ao trabalho com a leitura e a escrita, imersos em práticas sociais de uso pertencentes a diferentes situações comunicativas. Tal perspectiva concebe a leitura como instauradora de diálogos na dimensão espaço-temporal, propiciando diferentes formas de ver, de avaliar o mundo e de (re)conhecer o outro, assim, ratificamos que apenas um trabalho de leitura na perspectiva dialógica, ancorada nos postulados bakhtinianos, pode apoiar um projeto de educação do campo que se preocupe com o desenvolvimento crítico, reflexivo, atuante de seus sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ALENTEJANO, P. Estrutura Fundiária. In: CALDART, R. S. et al (org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.
- ALMEIDA, Maria de Fátima. **Linguagem e Leitura**: movimentos discursivos do leitor na sala de aula de 5ª série. Tese de doutorado -- UFPE, Recife, 2004.
- _____. **O desafio de ler e escrever na escola**: experiências com formação docente. João Pessoa: Ideia Editora, 2013.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARROYO, Miguel Gonzales; BERNARDO, Mançano Fernandes. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília/DF: 1999.
- ARROYO, M. G. FERNANDES, B. M. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. Brasília/DF: 1999.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. ed. 7. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. ed. 12. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. **Estética da criação verbal**. ed. 4. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BATISTA, Antônio Augusto G. Sobre a leitura: notas para a construção de uma concepção de leitura de interesse pedagógico. **Em Aberto**, Brasília, a. 10, n. 52, p. 21-38, out./dez. 1991.
- BENJAMIN, César. CALDART, Roseli Salete (Orgs). **Projeto popular e escolas do campo**. Brasília/DF: 2000.
- BRANDÃO, H; MICHELITTI, G. (Coord.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. ed. 2. São Paulo: Cortez, 1997.
- BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin**: conceitos-chaves. ed. 4. São Paulo: Contexto, 2007.
- BRASIL. Decreto lei n. 4.024, de 20/12/1961. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm. Acesso em: 18/01/2012.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Língua Portuguesa. ed. 3. Brasília: 2001.
- _____. Ministério da Educação Conselho Nacional De Educação. **Parecer nº 36/2001**. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/mn_parecer_36_de_04_de_dezembro_de_2001.pdf. Acesso em: 20 dez. 2014.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 3. ed. Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2006.

BASTOS, Neusa Barbosa (Org). **Língua portuguesa:** história, perspectivas, ensino. São Paulo: Educ, 1998.

CALDART, Roseli Salete. Elementos para construção do projeto político e pedagógico da educação do campo. **Trabalho Necessário**, v. 2, n. 2, p. 1-16, 2004. Disponível em: <http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN_02/TN2_CALDART_RS.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2014.

CARDOSO, Sílvia H. Barbi. **Discurso e ensino.** ed. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard (Orgs). **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** 32 ed. São Paulo: Autores associados / Cortez, 1987.

_____. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino:** exercício de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_____. **O texto na sala de aula.** ed. 3. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Portos de passagem.** ed. 4. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FRIGOTTO, G. Projeto Societário Contra-Hegemônico e Educação do Campo: desafios de conteúdo, método e formas. In: MUNARIM, A. et al (org). **Educação do Campo:** reflexões e Perspectivas. Florianópolis: Insular, 2010.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Oficina de leitura:** teoria e prática. ed. 10. Campinas: Pontes, 2004.

KLEIMAN, Ângela B; MANTENCIO, Maria de Lourdes M. (Orgs). **Letramento e formação do professor:** práticas sociais, representações e construção do saber. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

KLEIMAN, Ângela B., SIGNORINI, Inês et al. **O ensino e a formação do professor:** alfabetização de jovens e adultos. ed. 2. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. ed. 9. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. ed. 5. São Paulo: Cortez, 2006.

KOLLING, Edgar Jorge; CALDART, Roseli Salete; CERIOLI, Paulo Ricardo (Orgs). **Educação do campo: identidade e políticas públicas**. ed. 2. Brasília/DF: 2002.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Israel José; MOLINA, Mônica Castagna . **Educação do campo**. ed. 2. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

MACIEL, Lizete Shizue Bomura; SHIGUNOV NETO, Alexandre (Orgs). **Formação de Professores: passado, presente e futuro**. São Paulo: Cortez, 2004.

MAGALHÃES, Maria C. Camargo (Org.). **A formação do professor como um profissional crítico: linguagem e reflexão**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. Disponível em: <http://www.uems.br/site/nehms/arquivos/53_2014-04-04_12-17-14.pdf>. Acesso em: 20 dez 2014.

MARTINS, F. J. Educação do Campo: processo de ocupação social e escolar. In: **II Congresso Internacional de Pedagogia Social**. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092008000100006&script=sci_arttext>. Acesso em: 20/11/2011.

MEC. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas. Cadernos SECAD. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaocampo.pdf>>. Acesso em: 23/10/2011.

MOLINA, M. C. Desafios Teóricos e Práticos na Execução das Políticas Públicas de Educação do Campo. In: MUNARIM, A. et al (org). **Educação do Campo: reflexões e Perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2010.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. ed. 2. São Paulo: Cortez, 2005.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec/ABRASCO, 1992.

POEL, Cornelis J. Van der; POEL, M. Salete Van der. **Letramento de pessoas jovens e adultas na perspectiva sócio-histórica**. João Pessoa, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

ROJO, Roxane (org.) **A prática de linguagem em sala de aula:** praticando os PCN's. São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral.** ed. 8. São Paulo: Cultrix, 1977.

SILVA, E. Theodoro da. **O ato de ler:** fundamentos psicológico para uma nova pedagogia do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1987.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. ed. 16. São Paulo: Editora Ática, 2001.

SOUZA, M. A. A Educação do Campo na Investigação Educacional: quais conhecimentos estão em construção?. In: MUNARIM, A. et al (org). **Educação do Campo:** reflexões e perspectivas. Florianópolis: Insular, 2010.

STEDILE, J. P. Reforma Agrária. In: CALDART, R. S. (org) **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática. ed. 10. São Paulo: Cortez, 2005.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA
CURSO DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO (NÍVEL MÉDIO)

ALUNO/EDUCADOR A

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

É um curso com uma metodologia diferente, que é trabalhar a realidade do campo. Aspecto positivo: o empenho dos professores e dos coordenadores. Aspecto negativo: a falta de gramática nas aulas de português, a disciplina de informática não teve um bom desenvolvimento.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Na minha vida pessoal ajudou no meu crescimento como pessoa crítica, aberta para novos conhecimentos e está servindo de experiências e novos saberes para minha vida profissional.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Trabalhar com a realidade dos alunos, partindo do saber de cada um, sim, porque se eu não tivesse tido esta formação iria ser igual as outras professoras e trabalhar com a mesma metodologia que elas.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Comecei a ver a minha comunidade com outro olhar e agora tenho vontade de mudar a educação que lá existe.

- 6) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, porque diante do assunto que será passado para os alunos, eles poderão mudar sua vida.

- 7) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, porque é destes trabalhos que as pessoas do campo necessitam, a escola do campo deve ser de professores do campo, conteúdo do campo, deve ter uma educação libertadora.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Ler é interpretar, interagir, conhecer.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Não.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

É importante na minha profissional porque vou poder incentivar os meus alunos ao hábito da leitura, na vida pessoal vai me ajudar a melhorar a escrita e a comunicação com o público.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Sim, costumo ler apenas o que é necessário para a minha profissão.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Não lembro.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Gramática, pois precisam aprender muitas das regras de português.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Melhor leitura e comunicação.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Trabalhar diversos tipos de textos e temas, e trabalhar no coletivo.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Participação, interação do grupo e interpretação porque muitas vezes eles lêem e não sabem o que está dizendo o texto.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Não respeitar os sinais de português.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Os textos foram maravilhosos, serviram de muita aprendizagem, só faltou você nos ensinar como dar aula de português para crianças passo a passo.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

De certa parte, pois serviu para a nossa formação.

- 13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Trabalhando com temas significativos e que sejam do gosto do aluno.

- 14) De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Texto é algo que informa o leitor de algo que está acontecendo ao seu redor, no mundo, leva várias informações importantes para todos.

- 15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São várias formas de textos e de interpretações, informações, alguns com humor, outros com críticas, romances e etc. Fazer com que os alunos conheçam várias formas textuais.

- 16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, se ele não lê, ele também não vai dar importância para que o aluno aprenda a ler.

- 17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

O professor tem o seu saber, se ele não passa para o aluno, não ensina como construir, ele não vai saber nunca. Tem que partir do ensino do professor, fazer alunos produtivos não só de textos, mas de opiniões, críticas e participações na comunidade e na sociedade.

- 18) Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Ler, pesquisar, vem do interesse de cada um, “aprendo o que busco”.

ALUNO/EDUCADOR B**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Uma ótima formação com base na realidade do aluno, formando educadores do campo. Os aspectos positivos são os avanços que cada um de nós obtivemos e um negativo é o tempo que passamos parados e a desistências dos alunos.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Na minha vida pessoal é que me tornei um novo ser, com capacidade de olhar o mundo de maneira diferente. Na profissional, atender em partes as necessidades do campo, local em que vivo.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Para mim, ser um educador do campo é trabalhar a realidade do campo de forma que venha beneficiá-lo. Contribuiu. Porque foi através da formação do curso que passei a dar valor para a minha comunidade.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

A contribuição para o seu desenvolvimento, a partir dos trabalhos desenvolvidos.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Com certeza. Uma das necessidades do campo é olhar em volta e trabalhar a realidade. E o curso com seus trabalhos e pesquisas atendeu muito as necessidades desses sujeitos.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sem dúvida. Porque como em todos os lugares é essencial que exista uma escola. Uma escola que tenha professores capacitados a trabalhar com a realidade, que tenha um educador que eduque, porque professores existem muitos, mas educadores que se preocupem com a educação são poucos.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Ler é conhecer o mundo.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Nem sempre.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Na minha vida profissional é uma base de avanço. Na pessoal, para obter cada vez mais desempenho.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

O que é necessário e o que me agrada. Gosto de leitura como revistas de signos porque ao lê-las acabo me divertindo.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

O livro foi a bíblia, não estava passando bons momentos, por isso, comecei a ler e a refletir.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Leitura e escrita, interpretação de texto, regras gramaticais. Porque todas são de fundamental importância na formação do ser humano.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Ler já é de fundamental importância, principalmente na aula de língua portuguesa. Faz com que o aluno aprenda a ler corretamente, respeite a pontuação, enfim, a leitura deve estar presente na vida do ser humano.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Trabalhar texto de forma coletiva, com debate e participação.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Deve ser avaliado o empenho, participação, o desenvolvimento e a compreensão dos alunos. Porque cada um desses fatos é de fundamental importância.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

A questão de engolir palavras e atropelar a pontuação. Falta de letras, acento e pontuação.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

A importância de um grande aprendizado. Nenhuma crítica.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Com certeza. É um material que envolve o aluno sobre sua realidade.

- 13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Podemos desenvolver o nosso gosto pela leitura lendo, começando pelo que gosta de ler.

- 14) De acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Algo criado para apresentar alguma coisa.

- 15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Gêneros textuais são diversos tipos de textos de características diferentes. A importância de aprender que o texto não é apresentado só de uma maneira.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

De maneira alguma. Se o professor não tem o hábito da leitura como é que vai dar incentivo para seus alunos?

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

O professor que não produz textos jamais vai formar seu aluno para dar um passo à frente, mas sim acaba atrapalhando a vida do educando, vai ser um incapaz de produzir bons frutos.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Primeiro saber a importância do português na nossa vida, saber as regras gramaticais e ter sempre o hábito da leitura, pois é através dela que retiramos nossos conhecimentos.

ALUNO/EDUCADOR C**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Que é um curso que nos prepara não apenas para sala de aula, mas para a vida. A metodologia de ensino, com base na realidade dos educandos, é um dos aspectos positivos. Já é notadamente negativo para a nossa evolução no curso o tempo comunidade que não nos dá condições de ter o acompanhamento dos professores.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

A minha evolução crítica e pessoal, o meu amadurecimento diante da vida deve-se ao curso, profissionalmente, me possibilitará condições de estar em uma sala de aula e aprimorar meus conhecimentos.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Conhecer primeiramente a realidade dos educandos e fornecer a eles subsídios, materiais que possam ser úteis no seu dia-a-dia, no seu trabalho no campo, nas relações com os outros seres e no envolvimento com a comunidade e com os problemas do país.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Maior conscientização na proteção para com a natureza, no problema do lixo, na participação de todos os membros da comunidade (homens, mulheres, jovens, crianças) nas assembleias, nos mutirões, nas mobilizações etc.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Em parte sim, porque é necessário que o homem do campo tenha esse conhecimento acadêmico diferenciado, voltado para a sua realidade. E que além de mostrar os erros, traga novas soluções.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Com toda certeza, a educação do campo precisa trabalhar nas crianças a essência deles que é o lugar onde eles vivem e a profissão se seus pais etc.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

É direcionar sua própria vida, viajar por lugares através da imaginação, culturas e povos diferentes.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Às vezes, gosto muito de ler, é o que me permite a capacidade de discernimento crítico.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Primeiro que o educador não proporciona aprendizado daquilo que não conhece, segundo que ler é viajar por mundos diferentes sem sair do lugar.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Faço outras leituras que me agradam como revistas, romances, jornais, horóscopos, piadas, crônicas etc., porque descontraem e sociabilizo as linguagens utilizadas com a vida real.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Livro: Dom Casmurro de Machado de Assis; situação: a época da luta pela terra onde passamos por vários perigos para ir à escola, pois tínhamos que todos os dias cruzar os caminhos da fazenda.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Todas que tenham um sentido para a vida e a formação cidadã dos educandos.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Principalmente a de ter a capacidade de se expressar diante de um público, perder o medo de falar.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Trabalhar textos significativos, deixar os educandos bem à vontade para lerem e manifestarem suas opiniões diante do texto.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique

Expressão de leitura, postura ao ler o texto, entonação de voz, leitura correta da gramática.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Incentivar pouco os alunos sobre a importância de ler também fora do ambiente escolar. Não explorar dos educandos a criação inicial de pequenos textos.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Cultura, essência, material com significado atribuição na minha realidade. Que foram poucos materiais, queria ter utilizado outros materiais.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, embora alguns achem que está fora da realidade do campo, ela está ali em alguns momentos ou em todos os momentos na vida dos sujeitos.

- 13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Lendo textos bons, livros, praticando sempre.

- 14) De e acordo com a sua concepção, defina “**texto**”.

Toda ou qualquer leitura feita pelo sujeito é um texto, seja ele escrito ou visual.

- 15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São diferentes modelos de textos, críticos, engraçados, mas que passam uma mensagem em comum.

- 16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, porque esse professor não estimulará nos seus educandos o gosto pela leitura.

- 17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Professor que não produz textos produzirá alunos avessos à criação de textos, porque isto exige raciocínio, para criar um texto é necessário pensar e reavaliar o que escreveu-se sobre o que pensou.

- 18) Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Ler muita gramática normativa, ler muitos textos, saber interpretar e diferenciar a linguagem coloquial e falada da linguagem escrita.

ALUNO/EDUCADOR D**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Individualmente o curso está sendo essencial não só para minha vida profissional, mas também para a pessoal. Julgo como pontos negativos: deixar a família, amigos e atividades do cotidiano, em nosso assentamento, para estudar no tempo-escola. Pontos positivos: amigos, brincadeiras, acesso à informação, ótimos professores...

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Em termo de conhecimento acadêmico, com certeza houve um crescimento muito significativo em minha vida que me deu subsídio para continuar minha vida pessoal e ingressar na profissional.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Educador do campo é aquele que trabalha dentro de uma perspectiva de mudança, visando melhorar cada vez mais a sua comunidade, fazendo com que os camponeses sintam prazer em viver no campo. Com certeza, o curso contribuiu para iniciar minha vida de educador do campo, pois passei a valorizar mais o campo e a enxergar as desigualdades e transformá-las em desafios.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

O curso tem oferecido aprendizagens bastante significativas e estas são repassadas de alguma forma na comunidade, seja no grupo de jovens, na roda de amigos, palestras nas escolas.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim. O curso visa mudança, valorização do campo e isso é super importante para ser e formar sujeitos do campo.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Claro. É importantíssimo não uma escola no campo, mas a “escola do campo” que trabalhe com aspectos da realidade não da comunidade, mas também do aluno. A escola do campo precisa ter ferramentas que são utilizadas no trabalho. Ter novas tecnologias como computador para facilitar a busca da informação, ter professores que trabalhem com as especificidades do campo.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

É ver algo como é e interpretar.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Em parte.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

A leitura traz conhecimento, informações e isso é imprescindível na vida do ser humano.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Nem sempre, mas, às vezes, costumo fazer outras leituras que não são necessárias na minha vida profissional, como revistas de músicas...

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Um dos livros que marcou minha vida como leitor, foi o livro “além das cercas” do professor Toninho.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

A linguagem portuguesa é bastante complexa, mas, se tem que predominar uma atividade é a leitura.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Com a leitura você tem o poder de conhecer mais, de se superar na busca do conhecimento.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Um critério importante é a socialização da leitura.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Tudo tem que ser avaliado e, dependendo das circunstâncias, procurar outros caminhos, se necessário.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Não sei se é erro, mas, com certeza, é uma falha quando o professor faz uma leitura e não reflete juntamente com seus alunos e quando é um texto insignificante.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

O material trabalhado foi super importante, pois sempre vinha com uma reflexão crítica.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim. É um material que você pode refletir criticamente, te dá o poder de crescer.

13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Lendo material significativo.

14) De e acordo com a sua concepção, defina “**texto**”.

Texto ver como é e interpretar de acordo com o seu ponto de vista.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São as diversidades de textos, cada um com as suas especificidades, têm pessoas que gostam de poemas, outras de crônicas... Por isso é interessante ter em sala de aula diferentes gêneros textuais.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Difícilmente, como vou aconselhar uma pessoa para não fumar se eu fumo? O professor é referencial, um espelho para o seu aluno.

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

É preciso que o professor produza, expresse sua opinião através de textos escritos, que na verdade é uma produção.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Se deve saber que o português é essencial para a nossa vida.

ALUNO/EDUCADOR E**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Ótimo. Indubitavelmente contribuiu para minha formação pedagógica. Os professores todos envolvidos com o curso, principalmente aptos ou buscando conhecer a base da nossa realidade. A ligação da atividade de um professor para com o outro, enquanto no ensino tradicional praticamente não veremos essa sistematização/organização e a preocupação se os alunos estão aprendendo ou não. Negativo: o modo como os alunos acabaram ficando “soltos” em suas comunidades, o estágio que só foram duas aulas.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Na verdade, hoje devo o que sou e me tornei ao curso, pois, pessoalmente e profissionalmente cresci, posso dizer que minha vida inteira, ou melhor, nos três anos e seis meses de magistério, superou meus onze anos de estudo pelo município.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

É viver a realidade e participar não apenas por participar, mas para poder entender essa realidade e contribuir para o crescimento da comunidade, tendo em vista que educar não é apenas ensinar a ler e a escrever e sim tornar-se construtor da história, da sociedade, do mundo. Pois a ótica que tenho como educador é graças ao magistério e sei, com certeza, que jamais qualquer outro curso irá me oferecer a base que o curso de magistério me deu, realmente voltado para a vida no e do campo.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Hoje, em minha comunidade, têm vários trabalhadores(as) e jovens que estão alfabetizados, de início o projeto Escolarização, mas se não fosse o magistério, obviamente, eu não teria conseguido ajudar a realizar sonhos como: aprender ler e escrever, desenvolver o senso crítico das pessoas e muito mais, contribuir para uma boa qualidade de vida na comunidade através dos trabalhos designados pelos professores e efetuados no acampamento em que resido, levou a comunidade a pensar em práticas como as queimadas, desmatamentos, poluição. Hoje temos cerca de mil e duzentas árvores plantadas na propriedade.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim. Além de se preocupar com a nossa formação, o curso nos instruiu a pensar na luta por reforma agrária, como por educação, saúde, por uma vida digna etc., me tornou um ser capaz de refletir sobre qualquer decisão a ser tomada e me deu a capacidade de buscar isso das pessoas.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, que seja uma escola onde venha desenvolver e contribuir para a vida no campo, que possa dar o devido valor que o campo tem e que trabalhe as especificidades do campo. Uma escola onde todos sejam tratados igualmente, onde educador e educando possam discutir os problemas e tomar decisões, que a comunidade também faça-se corpo da escola e que todos possam usufruir da mesma.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

É poder interpretar de uma forma crítica, ler e entender.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Hoje tenho tido com maior frequência e gosto.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Jamais teria crescido como profissional e também como pessoa. É dela que tiro os subsídios para adquirir conhecimento e através dele ajudar as pessoas e a mim.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Bem, na verdade estou sempre lendo qualquer coisa, mas um livro, seja ele qual for, me preendo mais e gosto de ler poesia.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Livro: pedagogia da autonomia (Paulo Freire), um depoimento onde diz que uma mulher encontrou um seio no lixo que foi amputado, levou para sua casa e foi o almoço domingueiro daquela família. Quando lembro disso, começo a pensar no dia em que tive que pedir esmola, nesse momento estava no acampamento Jardim e foi a última forma que encontrei de alimentar a mim e a minha família sem ter que roubar. Hoje, quando lembro-me, choro!

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Todas as atividades são importantes e devem estar presentes na sala de aula, mesmo assim, a leitura e a escrita se fazem necessárias em quaisquer matérias utilizadas na sala de aula.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

A leitura é a essência para que possamos adquirir conhecimentos científicos. Jamais um educando estará alfabetizado sem saber ler.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Buscar no educando o trabalho coletivo, principalmente quando criança, através da leitura, reforçarmos a solidariedade e a divisão/repartição entre eles e enfatizar o que eles mais gostam.

9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Deve ser avaliada a questão cultural, pois um aluno pode ler uma palavra incorretamente por ter aprendido falar daquela forma.

10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

O aluno não tenta executar a atividade. Os demais considero erros construtivos. É através daquele “erro” que ele(a) vai acertar.

11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Foi bastante importante para mim dar uma base teórica dos assuntos trabalhados. Por exemplo: verbo, não sabia de que verbo se tratava e foi através desses materiais que entendi que verbo é uma ação. Eles poderiam ter vindo encadernados.

12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, pois como já afirmei, os trabalhos desenvolvidos com os alunos e voltados totalmente para a nossa realidade, assim com os conteúdos e as atividades passadas para desenvolvermos na comunidade.

13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Digo isso por experiência própria, lendo principalmente aquilo que gosto. Pois fazemos o que gostamos com amor.

14) De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

É tudo aquilo que posso fazer uma leitura, seja ele escrito ou não.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Crônicas, acrósticos, poesias, charges, etc. É através dos diferentes tipos de textos que irá despertar o interesse da leitura nos alunos.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores?

Explique.

Não. Não posso dizer que a luta por terra é boa se não participo. Como pedirei que os alunos façam luta quando eu não fiz?

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

O professor que não ler não poderá formar leitores, é o mesmo que soprar o fogo de lenha sem por fogo nele.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Ler e escrever muito e saber as regras gramaticais.

ALUNO/EDUCADOR F**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Eu penso que é um curso voltado para a educação camponesa e que é prioridade para as áreas de assentamento. Positivo: é a formação totalmente voltada para a realidade do campo. Negativo: é terminar o curso sem ter perspectiva de trabalho, porque no meu município tem prioridade aqueles que têm envolvimento político, quem tem compromisso com a luta não tem espaço para lutar.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Ele me desperta o desejo de continuar estudando, pesquisando e, ao mesmo tempo, um desejo de justiça na luta pela Reforma Agrária e trabalho.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Para ser um educador do campo é preciso conhecer a luta e os desafios dos movimentos e ter sua própria formação vivenciada na comunidade, a partir daí, passar por um desejo de transformar tudo aquilo que é possível dentro da realidade camponesa. O curso, para mim, contribuiu na aprendizagem, na realidade de mundo e na minha verdadeira realidade.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

É pouco valorizada porque não conhece e não tem interesse de conhecer ou participar dos projetos de educação do PRONERA.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, porque foi com ele que aprendi conhecer, perceber as necessidades do campo na educação e no desenvolvimento dos trabalhadores.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, porque a educação precisa estar na realidade, nos costumes, nas atividades diárias do campo.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Ler é transformar, modificar, é conhecimento.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Sim.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

É importante para o conhecimento e para o trabalho com a leitura, podemos perceber o que podemos transformar.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Não, gosto de ler o que me agrada, exemplo: revistas, jornais e livros, porque passa a ser motivo de distração na vida humana.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Revistas do guia astral que traz muitas histórias reais e algumas que me identifico.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Gramática é tudo que falta para aprimorar meus conhecimentos.

7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Melhorar a leitura e a forma de me expressar em público em todas as situações.

8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Deve-se trabalhar vários tipos de textos, leitura coletiva, individual, apresentação de mural e objetos.

9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Participação dos alunos, desenvolvimento de texto, leitura e escrita nas aulas. É a partir daí que o professor deve ampliar a metodologia que está passando.

10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Ler com dificuldade de pronunciar as palavras e não respeitar a pontuação na escrita trocando as letras e não deixar parágrafo.

11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Todos foram bons na aprendizagem, só deixou a desejar como ensinar português.

12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, todo material traz sempre uma palavra geradora e sempre é considerada a realidade do camponês.

13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Trabalhando temas da realidade dos alunos, partindo da vivência e do conhecimento de cada um.

14) De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Texto é o que informa o leitor todos os acontecimentos em várias formas.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São as crônicas, poemas, charges etc., é importante que o aluno conheça as diversas formas textuais.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, para que possa incentivar as pessoas a fazer leitura, é preciso ler, conhecer, dominar os assuntos, como professor.

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Quer dizer que ele nunca deixou de ser aluno, a sala de aula é sempre um espaço para ele perceber que é preciso saber para ensinar, assim o professor fica impossibilitado de ser um verdadeiro formador de opinião na educação.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Estudo de gramática, elaborar texto, pesquisar.

ALUNO/EDUCADOR G**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

O magistério fez eu enxergar a minha realidade, aspectos positivo: a metodologia dos professores e negativo: a burocracia.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

O curso me deu subsídio para ser reconhecido como ser transformador de opinião, está possibilitando para ser um profissional.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

É um sujeito que ensina a ler e escrever despertando o ser crítico. Sim.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Em vários aspectos: queimadas, problemas do lixo, não uso de agrotóxicos e cuidado com a água.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, prepara o cidadão para exercer a sua cidadania.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Não só a escola, mas também o educador que trabalhe a realidade dos alunos e os conteúdos não sejam soltos.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

1) Para você, o que é ler?

É você ler texto e logo em seguida fazer uma interpretação.

2) Você tem o hábito da leitura?

Sim.

3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Este hábito capacita melhor, proporciona uma boa escrita e leitura.

4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Leio de tudo um pouco.

5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

“Educação do campo” e “Além das cercas”.

6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Incentivar leitura e escrita, pensamento crítico.

7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Esta é a maneira de despertar este hábito (a leitura).

8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Textos que chamem a atenção dos alunos.

9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Tom de voz, respeitar as vírgulas e os pontos.

10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Não respeitar pontos, as trocas de letras (não seguir as regras).

11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material? **NÃO RESPONDEU!**

12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

No início foi sim, mas faltou trabalhar o ensino de português.

13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Iniciar com textos que eles gostam de ler (gibis).

14) De e acordo com a sua concepção, defina “**texto**”.

É quando você expressa algo.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São diversos tipos de textos. Os alunos percebam e conheçam os tipos de textos.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não. O próprio não tem esse hábito (NÃO CONTINUOU)

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Professor improdutivo, ele não consegue escrever algo ao seu respeito, nem da sua realidade e não desperta interesse nos alunos.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Regras gramaticais.

ALUNOS/EDUCADORE H**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

O curso de magistério é algo super importante na minha vida, para minha formação como pessoa e profissionalmente. O meu crescimento e amadurecimento politicamente, socialmente, culturalmente e outros aspectos, me sinto autônomo, capas de trilhar meu caminho sem ser induzido pela massa. São coisas positivas. Negativas algumas picuinhas entre as coordenações do curso, os impasses dos recursos e etc.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

O curso representa libertação, me sinto inserido na sociedade, sabendo me expressar, lutar e buscar direitos, e me dá subsídios para ser um bom educador do campo.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Educador do campo é aquele que trabalha a realidade do campo, que parte da necessidade do aluno e, acima de tudo, observa e conhece os problemas do educando. O curso magistério contribuiu demais na minha formação como educador do campo, me dando condições de diagnosticar o problema para, junto à comunidade, solucionar. Através das aulas ministradas por todos ótimos professores que passaram pelo magistério.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

A questão do lixo que foi um assunto discutido com a professora Flávia e os alunos. E depois com o professor Ismael. Levamos essa discussão para a comunidade, para as assembleias e o lixo teve um outro tratamento, como outras

questões ambientais como o desmatamento, queimadas, o uso de agrotóxicos, que foi com o professor Toninho, tem repercutido na comunidade.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim. Porque é um curso voltado para a realidade, que parte de nossas necessidades e a proposta do curso é valorizar o sujeito, dando ênfase ao camponês, atendendo especificidades do nosso povo.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim. Porque ao longo dos anos, recebeu o resto que sobrou da cidade, que não era muito bom. A escola do campo tem que ter uma boa estrutura e o mais importante, ela tem que atender as necessidades do campo. O educador tem que se preocupar com o educando, exemplo: será que o aluno tomou café, está bem de saúde, sua família o incentiva a estudar. Então o professor precisa saber como é a realidade do aluno para junto transformar e assim virá a aprendizagem.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Leitura não é apenas decodificar, ler palavras ou um texto. Ler é interagir e fazer da leitura a solução de problemas. É fazer a leitura de um poema, redação ou um texto escrito e também fazer a leitura de uma imagem, de um lugar especial, algo que faça sentido etc.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Gosto de ler, através da leitura é que adquirimos conhecimentos. Reconheço que antes do magistério não lia muito, apenas algumas poesias, hoje, sou leitor de vários gêneros, principalmente poesia, revistas e jornais, leio sempre a bíblia. E vou começar a ler alguns livros, até porque vou iniciar o curso de Pedagogia e vou precisar praticar a leitura.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Através da leitura posso viajar para o mundo inteiro, me emocionar com romances, me divertir com humor, me arrepiar com histórias arrepiantes, voar nas asas da imaginação e a leitura me prepara para ser um educador capacitado para ministrar aulas e orientar os educandos, pois a leitura proporciona e gera conhecimento.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Na verdade é o inverso, leio mais o que me agrada como poesia e reportagens esportivas. Mas, tenho procurado ler mais sobre minha profissão, porque quanto mais leitura, maior é o conhecimento, melhor saberei me expressar, quanto mais conhecimento, melhor serei professor.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Alguns livros de literatura com poemas de grandes poetas como Augusto dos Anjos e Álvares de Azevedo. Algumas canções e poesias de poetas nordestinos que meu pai tinha. Outras histórias bíblicas como a de José do Egito e o Novo Testamento.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

A prática da leitura e da escrita, gêneros textuais, gramática, produção e interpretação de texto etc., porque será fundamental na formação do cidadão inserido na sociedade.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

É importante porque é a disciplina que irá diretamente fazer com que o aluno adquira o ato da leitura e da escrita. Na minha concepção, na língua portuguesa é que está a formação do sujeito.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

A partir da necessidade e da facilidade do educando, por exemplo: se o aluno gosta de ler histórias infantis, é começar com o gosto do aluno, mas incentivá-lo a outras leituras.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

A compreensão, o entendimento, a socialização, o interagir e em que contexto a leitura gera conhecimento.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Erro no trabalho com a leitura é quando se ler sem respeitar vírgula, pontos, desordenadamente. E com a escrita é quando da forma em que se fala, se escreve, informalmente, isso é um erro.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Foram materiais que contribuíram para a formação de professores, todos os textos, sem exceção, tiveram sua importância a cada momento. A professora soube transmitir conhecimento para gerar o mesmo.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, pois tem tratado nossa realidade de acordo com a necessidade exigida nas possibilidades dos educandos envolvidos no processo de formação.

- 13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Fazendo da leitura uma necessidade como se fosse comida. Todo dia precisamos comer, é procurar todos os dias ler um pouco e assim poderemos desenvolver o gosto pela leitura.

- 14) De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Texto é tudo aquilo que se pode ler. Desde um poema, uma música, um livro, como uma fotografia, uma imagem ou paisagem etc.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Charge, poema, música, receita e outros. É a importância do conhecimento de todos os gêneros e que irão fazer parte de suas vidas.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não. A partir do momento em que o professor não ler, ao mesmo tempo não incentiva a prática da leitura.

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Latifúndio que concentra terra produz miséria no campo.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Estudar, ler, escrever e praticar.

ALUNO/EDUCADORE I**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Penso que o curso de magistério é importante para atender uma grande demanda de alunos que precisam de um tratamento diferenciado em seu processo básico de educação. Os aspectos positivos são: metodologia voltada para a realidade, com significado, desperta a visão crítica entre outros. Os aspectos negativos são: os preconceitos enfrentados na UFPB por quem não conhece o Programa, a dificuldade em manter-se unido em grupo etc.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Em minha vida pessoal, representa uma forma de mudança e conquista do respeito no meio em que vivo. E na minha vida profissional, vai me ajudar a ter boas relações com a sociedade e em crescimento dentro da mesma.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Ser educador do campo é ter uma das maiores oportunidades na vida de mudar a realidade em que está inserido.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Já tem uma boa aceitação uma vez que, através de informações, muitos jovens estão interessados em participar dos próximos cursos do PRONERA, e isso é uma mudança na comunidade.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Não posso dizer que com esse estou pronto para atender a demanda, mas sim que é um início de uma mudança local tão sonhada.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

É importante pelo fato de que as existentes não atendem as necessidades por falta de estrutura adequada. As características de uma escola do campo deveriam ser totalmente desenvolvidas a partir das opiniões dos pais de alunos e sociedade civil organizada.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Ler é conhecer um mundo que não está perto para todos os seres sociais, é criar/traçar meu próprio futuro.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Na medida do possível sim, sempre que arrumo tempo.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

É importante porque com esta eu posso conhecer um outro mundo, interagir com pessoas e falar, debater de igual para igual com muitas “autoridades”.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Tenho a certeza de que tendo que eu leio, de uma forma ou de outra, me ajuda na vida profissional.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

A história do negro brasileiro, não lembro o autor.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Interpretação de texto e gramática contextualizada.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.
É importante pelo exercício dessa que leva a melhoria do indivíduo e perceber a entonação de voz dos colegas.
- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula? **(NÃO RESPONDEU)**
- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.
Entonação, postura, tom de voz etc.
- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?
O que é erro para algumas pessoas é construção para mim.
- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?
A importância de melhorias e preparação para a disputa de concursos públicos.
- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.
Para as pessoas que souberam aproveitar, sim, porque nem tudo é visto por todos com o mesmo ponto de vista.
- 13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?
Trabalhar, em princípio, sempre com temas interessantes para o público.
- 14) De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.
Texto é toda forma de expressão que diga ou passe uma determinada mensagem.
- 15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São classificações das diversas expressões de informações para uma melhor sistematização da aprendizagem.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, porque o professor é o referencial para o aluno.

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Porque este professor é reprodução da educação bancária que tanto combatemos e isso não é interessante.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Ler e entender o que se está lendo para melhor construir uma formação significativa.

ALUNO/EDUCADOR J**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

O curso em si, para eu que sou do campo e moro em área de assentamento, tem me proporcionado a oportunidade de interpretar de forma diferente a minha realidade e interagir com esta buscando as mudanças necessárias. Pontos positivos: o meu desenvolvimento na área profissional como educadora do campo; os conteúdos trabalhados que me dão subsídios para atuar no lado profissional e na vida social; o compromisso dos professores, com toda a dedicação e respeito, trabalhando nossa realidade, trocando saberes entre o campo e cidade numa sintonia. Pontos negativos: os tempo-escolas foram muito curtos para trabalhar todas as disciplinas; os alojamentos e hospedagem não contribuíram nas realizações das tarefas extra-classe.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Representa a forma legal de a gente procurar que agricultores e agricultoras tenham capacidade de formar seus próprios filhos.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Ser educador do campo é ter uma formação diferenciada para atender a um público específico da sociedade onde está inserido, contribuir para uma leitura de mundo a partir da realidade.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Agora que está no final do curso, cria-se uma expectativa, pelos pais dos alunos da comunidade, para o ensino diferenciado e significativo para com estes.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, uma vez que a formação deste foi toda contextualizada com o seguimento “educação do campo”.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

É importante pelo fato de as escolas existentes não atenderem as especificidades demandadas pelos sujeitos do campo.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

É conhecer o mundo onde estamos inseridos para, através disso, interpretá-lo e mudar o mesmo de acordo com as necessidades.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Não, mas tento ler tudo que é agradável para, assim, adquirir o hábito.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

De uma forma ou de outra, tudo o que lemos no dia-a-dia é necessário para o nosso desenvolvimento.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

O exercício da leitura vai me dar subsídios para a minha formação contínua, refletindo tanto na vida profissional como na vida pessoal.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

O que marcou na minha vida foi o grande desejo de escrever para a minha professora, escrevia com muito erro de pontuação e sem muita coordenação motora, mas tinha o grande amor de ler para ela.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Produção de texto, gramática, interpretação textual entre outros.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

O exercício desta deve despertar o senso crítico em relação à realidade.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula.

A interação entre professor e aluno.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

A compreensão de cada um, respeitando as opiniões de cada um.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

O que pode ser erro, para mim, é conserto para outros, pois o conflito gerado resulta a construção do conhecimento.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Contribui muito para a disputa em concursos públicos e o entendimento da sociedade como um todo.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, por estar contextualizado com o mesmo.

- 13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Sendo dinâmicos e usando materiais concretos, pois, assim, o trabalho vai ter sentido na formação do indivíduo; contar histórias construídas a partir da realidade destes.

14) De e acordo com a sua concepção, defina “**texto**”.

Texto é o que está ao nosso redor, dependendo do ponto de vista de quem interpretar.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Gêneros textuais é a classificação de muitas expressões presentes no dia-a-dia para uma melhor sistematização do conhecimento, a importância destes é diversificar a aprendizagem atendendo uma população múltipla de opiniões.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não pode, porque o professor é o referencial de sua formação e reproduz esta ao passar o conhecimento.

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

O professor que não produz texto está inserido na educação bancária, logo repassa a mesma para seus alunos, deixando-o incapaz de pensar.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

É ler e interpretar o mundo das mais diversas formas.

ALUNO/EDUCADOR L**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

É um curso muito dinâmico e objetivo. Um dos pontos positivos é trabalhar partindo do concreto com professores capacitados, preparados para mostrar como utilizar nossas experiências como camponeses.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Ele representa mudanças, eu cresci e me tornei uma pessoa dinâmica, que sempre deseja estar presente nos momentos diversos da comunidade, enquanto pessoa, algo também mudou, procuro ver as coisas que estão ao meu redor com uma visão que tudo tem uma explicação e uma consequência.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Ser educador do campo é tornar-se um agente transformador, é identificar que tudo é material didático e que pode ser trabalhado em qualquer série. Essa é a formação que o magistério passou para nós.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

NÃO RESPONDEU!

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

De uma certa forma sim, porém, muita coisa ficou vaga em algumas disciplinas, os conhecimentos são mínimos diante da realidade de cada aluno.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim. Porque seria uma escola diferenciada onde a comunidade terá a oportunidade de participar, de criticar e construir sua história.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Ler é compreender qualquer texto, fazer comentários, resenhas do que leu.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Sim, sempre que posso.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Como educadora preciso muito ler, pois isso ajudará muito nos momentos que estiver falando sobre qualquer tema, também ficarei informada dos acontecimentos.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Costumo ler tudo que está ao meu alcance, mas prefiro poemas, mensagens e jornais, porque sempre tem algo que me chama a atenção.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Uma situação que marcou foi quando fui morar no assentamento, tive que deixar minha humilde casinha que tinha toda uma história, foi nela que nasci, cresci e comecei minha vida.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Uma das atividades é a permanência do estudo da gramática (verbo, conjunções etc.), pois, só assim, nossas dificuldades diminuirão.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Através da leitura posso melhorar a maneira como me expressar, observar os erros.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Com questionamentos, debates, interpretações de textos e produções de textos.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Observar se a leitura foi escrita de acordo com as regras gramaticais nas questões de pontuação, parágrafos.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Erro com a leitura: não respeitar a pontuação; com a escrita: não seguir as regras gramaticais.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

O material foi mais ou menos interessante, pois, em determinados momentos, trabalhou textos não interessantes, já as pesquisas foram nota dez, boas demais.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim. Como já falei, eram temas envolventes e da nossa realidade.

- 13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Através de gravuras, desenhos seguidos de produção de texto.

- 14) De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

É todo e qualquer material que transmite notícias, seja escrito ou falado.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São textos com mensagens diferentes, é importante porque a criança já crescer reconhecendo cada gênero.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, pois jamais pode cobrar algo de alguém se não pratica.

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Se o professor não tem o hábito de produzir texto, como os alunos vão produzir? Jamais.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Saber usar a gramática, porque através dela tiramos as dúvidas, também usando o dicionário.

ALUNO/EDUCADOR M**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

É um curso muito bom e importante. Ele é positivo porque trabalha com a nossa realidade, o que teve de negativo foram algumas dificuldades encontradas em algumas disciplinas.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Na minha vida pessoal representa uma conquista, na profissional, desenvolvimento, pois cresci bastante como pessoa desde que entrei neste curso.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Significa não só educar o aluno e sim participar do seu cotidiano, se envolver na sua realidade. O curso contribuiu bastante, pois antes eu não conhecia esse método de ensino.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Que devemos cuidar do meio que nos rodeia e não poluí-lo.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, pois trabalha a partir da sua realidade, os educandos irão sentir prazer nos estudos.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, pois no campo acontecem coisas que podem ser trabalhadas em vários aspectos. Uma escola que trabalha com situações que acontecem no dia-a-dia dos educandos.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Ler é saber não só interpretar um texto, mas também uma figura, uma paisagem, uma situação...

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Leio, mas não tenho o hábito.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Na vida profissional é lidar com algumas situações que acontecem no meu dia-a-dia, e pessoal, na satisfação em compreender algo.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Leio também o que me agrada, como: revistas em quadrinhos, poesias, romances... pois, é começando do que se gosta que iremos ler diariamente.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

O momento em que vim para João Pessoa e conheci realidades diferentes da minha.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Leituras, interpretações, produções de textos e os assuntos relacionados à matéria, pois, assim, melhoramos cada vez mais o nosso vocabulário.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

É importante para o aperfeiçoamento do nosso entendimento e no despertar do senso crítico.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Textos, figuras, paisagens, poemas, músicas, tudo a partir de suas interpretações e do cotidiano dos alunos.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Pontuação, vocabulário, pois são pontos importantes na nossa escrita.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Ler rápido considerar a pontuação. Na escrita, a falta de relevância sobre certo assunto e a má pontuação.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Foram materiais que colaboraram para o meu desenvolvimento na escrita. Alguns textos foram não compreendi muito bem.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, principalmente quando foi trabalhada a questão das queimadas, dos desmatamentos e do lixo.

- 13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Através de figuras, pequenos textos, revistas em quadrinhos, entre outros.

- 14) De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Texto é a representação de certo assunto.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São textos que tem mensagens diferentes, de humor, de crítica. É importante para mostrar que existem vários tipos de textos.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, pois ele não será um bom exemplo.

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Serão alunos que não terão um senso crítico próprio e nem uma boa escrita.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Ter uma boa leitura e um ótima escrita com uma boa interpretação de texto.

ALUNO/EDUCADOR N**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Eu acho que é um curso que prepara o educador para trabalhar a realidade. A forma que trabalha os conteúdos, pois prepara-nos para a realidade. A verba para se trabalhar nos tempos comunidade, pois dificulta o desenvolvimento das atividades.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Representa desenvolvimento pessoal como também profissional, pois depois que comecei a participar, passei a ver o mundo de outra forma.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

É trabalhar a educação com significado para os educandos, ser um educador que está envolvido com o dia-a-dia do educando. Sim, pois estava sempre trabalhando com a realidade.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Em minha comunidade, o reflexo é pouco, pois, são poucas as pessoas que entendem o significado do magistério.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Em partes, pois este curso é só uma janela para cada educador, porque é a partir desta janela que está se abrindo a curiosidade para estar sempre descobrindo mais.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

A escola do campo já existe, o que está faltando é uma educação voltada para pessoas do campo, é a partir desta escola que os alunos vão vivenciar a sua realidade. Uma escola que não trabalha só a escrita e a leitura, mas que trabalha a sobrevivência.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Ler não só saber decodificar, mas saber interpretar a realidade.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Não, pois falta oportunidade e até mesmo interesse.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Apesar de não ter o hábito, eu acho que tem uma importância enorme, pois é através desta atividade que vou estar bem informado.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Eu costumo ler muito pouco, mas não faço só a leitura do que é importante para a minha vida profissional, mas também o que me agrada e também que não.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

O que marcou foi um texto para se fazer uma peça de teatro.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Em minha opinião deve predominar a leitura e a interpretação de texto, pois, é a partir desta atividades que os educandos aprendem a se expor.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

A leitura só será importante nas aulas de português se for acompanhada de interpretação, porque assim os alunos crescem muito.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

A leitura na sala de aula deve trabalhar textos de fácil entendimento e que tenham significado.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

A forma do aluno se expressar durante a sua leitura, se de fato ele está entendendo o que está lendo.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Na leitura, considero erro quando o educador não exige do educando que ele leia utilizando os sinais de pontuação, e na escrita também.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Foi um material bom que ajudou no desenvolvimento dos alunos, mas se as aulas fossem duradouras, teriam aprendido mais.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, pois trabalhamos os conteúdos em si, mas sempre levando o debate para a realidade de cada educando.

- 13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

O gosto pela leitura só será despertado a partir de leituras que interessem a cada educando.

- 14) De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

É algo criado por uma pessoa em forma de letras e padrões para expressar o que ela acha sobre um determinado assunto.

- 15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São as várias formas textuais da língua portuguesa.

- 16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, pois se o educador não tiver este hábito, como poderá incentivar seus educandos para a leitura?

- 17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Se um professor não é capaz de produzir um texto por ruim que seja, como ele poderá levar seus alunos a produzir algo?

- 18) Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

O primeiro passo para saber português é gostar de ler muito, pois é a partir da leitura que se desperta a curiosidade para aprender.

ALUNO/EDUCADOR O**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

O curso de magistério trouxe informação para os educadores do campo e um grande crescimento para os alunos do magistério.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Foi através do curso de magistério que eu cresci muito, também pude ter uma visão pessoal e profissional diferente para ajudar a minha comunidade.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

No meu entendimento, um educador do campo precisa ser atencioso na sala de aula, conhecer bem a vida de cada aluno, ficar sempre atento se os alunos estão aprendendo tal assunto e se não estão, procurar saber por que eles não estão bem em tal matéria, se o que está passando não está de acordo com cada aluno.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Foi o curso que fez com que a comunidade pudesse ter um bom crescimento, pois ele tem como formação e aproveitamento.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, porque é uma melhoria nas escolas do campo.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, é muito importante ter uma escola no campo e educador formado da própria comunidade. Essa escola deveria ter só educador do campo.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Ler significa ter conhecimento com a sociedade.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Eu não tenho o hábito da leitura.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

A importância da leitura é um crescimento na vida pessoal e na vida profissional.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Eu costumo ler só algo que me agrada e também na minha profissão.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

O livro que mais marcou foi o livro que fala sobre os agricultores, todas suas histórias de lutas e sofrimento.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

- 7) **Para mim, a importância da leitura é um crescimento para a minha vida futuramente, como professora do campo preciso ter muita leitura para obter um bom crescimento.**

Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

É preciso fornecer nas aulas de português muita leitura.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

A leitura deve ser trabalhada, texto, música.

9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Deveria ser avaliado a leitura individual.

10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

É quando o aluno vai ler e não respeita as pontuações, e a escrita é quando escreve errado as palavras, fala uma coisa e escreve outra diferente.

11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Eu atribuo mais com livro, revista, tudo que pudesse ajudar na sala de aula de português, pois o material não está sendo suficiente para a formação dos alunos.

12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Contribui sim, pois os materiais trazem muita riqueza para podermos nos envolver no processo de formação.

13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Devemos desenvolver praticando o ato de ler diariamente, podemos ler revistas de artistas, jornais com várias notícias, através disso teremos o hábito da leitura.

14) De acordo com a sua concepção, defina “texto”.

O texto tem que se tratar de algo importante e que deixe os alunos curiosos.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Para mim, gêneros textuais são textos de vários tipos. É importante para um bom aproveitamento e também para vários conhecimentos com diversos textos.

- 16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Para mim, um professor se não tem hábito de ler ele não pode formar os alunos.

- 17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

O professor que não produz texto, não pode produzir (NÃO ENTENDI O RESTO DA RESPOSTA)

- 18) Na sua opinião, o que se deve saber para “saber português”? Justifique.

Primeiro, deve ter uma boa vontade de ler e poder melhorar sua maneira de falar e escrever.

ALUNOS/EDUCADORES P

CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

O curso magistério é voltado para a educação do campo, para os trabalhadores rurais. Positivo: o ensino voltado para a realidade rural. Negativo: terminar o curso e não ter perspectiva de trabalho, porque, no município, tem prioridade aqueles que tem envolvimento na política, quem defende alguns pensamentos contra eles, não é aceito.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

O curso despertou o desejo de estudar, de pesquisar e defender aquilo que acho justo. Para o profissional, trabalho.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Um educador do campo precisa conhecer as pessoas que moram na comunidade, buscar entender melhor a vida de cada um para educar dentro da realidade e

atender os objetivos tanto dos alunos quanto do professor. O curso contribui para novos conhecimentos, para saber buscar informação e valorizar mais a luta pela terra.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

É pouco valorizado porque as pessoas não participam.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, porque valoriza o campo e atende as expectativas dos trabalhadores rurais.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, porque vai atender a comunidade, os aspectos de uma escola do campo são ensinar e respeitar cada educando, valorizar a luta camponesa.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Ler é buscar conhecimento.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Não.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Ótima, porque é lendo que tenho conhecimento para melhorar a minha profissão.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Não. Faço outras leituras, faço algumas leituras sobre a luta pela terra, porque é o que me interessa.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Vivi uma situação na qual chegaram cerca de oito policiais para expulsar as famílias do meu acampamento, lembro com muita tristeza.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Gramática, pois precisamos aprimorar nossa aprendizagem.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Melhorar a leitura e a forma de me expressar em público.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Trabalhar diversos tipos de texto, leitura coletiva, individual e uma boa interpretação.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Interpretação e participação.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Não respeitar os sinais de pontuação.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Os textos foram ótimos para a aprendizagem pessoal, mas faltou o ensino de português passo a passo.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Na formação pessoal sim, mas como dar aula de português, deixou a desejar.

- 13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Ler para o interesse profissional e buscar outros tipos de leitura.

14) De e acordo com a sua concepção, defina “**texto**”.

Texto é o que traz informação de tudo que acontece no mundo.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Crônicas, charges, poemas, literatura de cordel etc.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, pois se o educador não tem o hábito da leitura, o aluno irar perceber e não vai se interessar a ler.

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

O professor que não produz texto nunca vai contribuir na construção de texto com os alunos.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Estudar gramática, pesquisar, elaborar textos etc.

ALUNO/EDUCADOR Q**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Penso que é um curso que abre portas para tornar jovens educadores do campo e que deveria estar sempre se renovando e continuar transmitindo seus conhecimentos. Aspectos positivos: a forma de ensinamento que é feito de acordo com nossa realidade e os professores que são maravilhosos. Negativo: duração das matérias que estava sempre mudando, se tornando muito corrido.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Um futuro de transformação a alcançar, me faz crescer em conhecimentos, a expor meu pensamento crítico, a querer ser uma professora que trabalha a partir de cada realidade.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Trabalhar através da realidade do campo resgatando as histórias, culturas, valores, lutas vividas pelo povo. Porque ele me fez refletir o futuro do meu assentamento.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Avanço dos jovens do campo de estarem em uma universidade. As pessoas esperam que logo os jovens possam trabalhar no assentamento.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim. Ele é nosso primeiro passo dado, nossa partida que nos abre portas e mentes.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim. Porque precisamos de uma educação do campo para o que o ensinamento seja a partir da nossa vida, e que nos tornem pessoas críticas que estudem sobre todos os acontecimentos do mundo. Que a escola possa atender os direitos de aprendizagem dos alunos.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

É ter o entendimento e compreender o mundo em suas diversas formas.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Sempre que posso estou fazendo a prática da leitura.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

**Na minha vida pessoal em faz viajar e conhecer outros espaços sem sair do lugar.
Na minha vida profissional (NÃO CONCLUIU)**

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Faço leitura necessária e que me agrada, leio poemas, contos, gibis, histórias em quadrinhos, pensamentos etc. porque me chamam atenção, eu gosto muito, me faz bem.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

O livro de Walcir Carrasco, Os miseráveis (Vitor Hugu) e meu estágio.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

A leitura e a parte da gramática.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Leitura nos abre a mente para o pensamento crítico da nossa realidade.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

A interpretação com nosso senso crítico e a interação entre professor e aluno.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

A participação e a compreensão, respeitando outras opiniões.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Com erro aprendemos e adquirimos conhecimento (NÃO COMPREENDI O QUE FOI ESCRITO)

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

A compreensão da sociedade e concursos.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, porque está sempre trabalhando nosso conceito e nossa formação para o mundo.

- 13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Temos que saber dá aula de uma forma dinâmica e levar material que trabalhe a vida do aluno.

- 14) De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Texto é aquilo que nos passa uma mensagem.

- 15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

É a forma de leitura e expressão que está sempre nos passando algo. É mostrar várias maneiras que nos traz formação.

- 16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, porque um professore sem hábito de leitura não tem conhecimento para passar para os alunos.

- 17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Como um professor pode passar algum tipo de aprendizagem se não é capaz de produzir?

- 18) Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Saber ler é compreender, porque é através da leitura que temos a compreensão do mundo.

ALUNO/EDUCADOR R
CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

É um curso ótimo, com uma metodologia diferenciada. Aspectos positivos: metodologia voltada para realidade, preparação de educadores do campo. Aspectos negativos: encaminhamentos, às vezes, não corriam muito bem.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Crescimento como pessoa, desenvolvimento para uma vida profissional.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Educadores da liberdade, sem dúvida, porque é formação para educadores do campo.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Passei a me importar com o coletivo da comunidade e a saúde da comunidade como: lixo, reflorestamento e busca de cursos etc.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, porque é um curso que trabalha a realidade do campo e as pesquisas com os próprios camponeses fez este um curso muito rico.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Para valorizar a luta dos camponeses e as culturas dos agricultores.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Ler é interpretar, interagir.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Pouco.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Tem que ler para dar bons exemplos ao aluno e adquirir mais conhecimentos.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Adoro ler gibis, romances, textos literários, me atraem.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Um livro da literatura em minha casa que contava a história do “príncipe feliz” e do “roxinol e a rosa”, leio e nunca me canso, sempre me emociono.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Deve ser meio a meio, texto e regra da língua portuguesa.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Melhorar leitura e escrita.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Leituras coletivas e individuais.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Pausas e interpretações.

10) O que você considera “**erro**” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Preciso amadurecer a idéia.

11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

NÃO RESPONDEU

12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique

Sim, pois é um material apropriado, sempre tratando a realidade.

13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Buscando a essência do texto.

14) De acordo com a sua concepção, defina “**texto**”.

NÃO RESPONDEU

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

NÃO RESPONDEU

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

NÃO RESPONDEU

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

NÃO RESPONDEU

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

NÃO RESPONDEU

ALUNO/EDUCADOR S**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

1. O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

É um curso que tem como objetivo formar profissionais educadores para o campo. Pontos positivos: a oportunidade para jovens do campo se tornarem profissionais de qualidade para, assim, melhorar sua comunidade. Pontos negativos: as etapas dos tempos comunidade que passavam muito tempo, isso desestimulou algumas pessoas, a falta de comunicação entre as coordenações e a ausência dos coordenadores de área foi muito negativa.

2. O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Representa grande importância por ter contribuído com a nossa formação. Aprendi a me comunicar com pessoas de pensamento, gosto e atitude diferente, me fez crescer com pensamento de mudança para o desenvolvimento da comunidade.

3. No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

A formação do educador do campo é exatamente para trabalhar de uma forma diferenciada e não deixando de lado a realidade de pessoas que ali vivem.

4. Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Através de alguns trabalhos como, por exemplo, o resgate da história de luta do assentamento.

5. Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, porque formou educadores do campo para o campo.

6. Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

É importante para que se trabalhe de acordo com a realidade das pessoas que ali vivem. Uma escola com professores capacitados de acordo com a realidade do campo. Escola com espaço para lazer, uma horta orgânica etc.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

NÃO RESPONDEU

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Não.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

Porque é através da leitura que ficamos por dentro de assuntos importantes, é lendo que aprendemos a escrever e entender melhor (NÃO COMPREENDI O QUE ESTAVA ESCRITO)

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Leio pouco, mas leio o que gosto como: meio ambiente, corpo humano, histórias de romances entre outras.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

livro “A moreninha”.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Todas elas, porque são importantes.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Temos que saber ler para interpretar melhor.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Todos os tipos de leitura, escuta, leitura coletiva, individual.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Respeito às pontuações, parágrafo, ou seja, se está lendo corretamente.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Não respeitar os sinais de pontuação, os parágrafos e acentuação.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Não tenho nenhuma crítica a fazer, os materiais foram ótimos, supriram as nossas necessidades.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim.

- 13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Começando a ler o que você acha interessante.

- 14) De e acordo com a sua concepção, defina “texto”.

Texto é aquilo que serve para nos informar, que tenha introdução, desenvolvimento e conclusão.

- 15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Para que se passe a entender melhor o português.

- 16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não.

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Se o professor não tem o hábito de ler, acredito que não consiga incentivar a leitura.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Dominar bem a leitura, a escrita, as classes gramaticais, acentuação, pontuação, saber falar etc.

ALUNO/EDUCADOR T**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

É um curso que abriu as portas para pessoas de áreas de assentamentos, com o objetivo de formar educadores do campo para o campo com o pensamento crítico voltado para a sua realidade. Aspectos positivos: professores capacitados, conteúdos adequados, coordenação pedagógica competente etc. Aspectos negativos: a burocracia do sistema que atrasou o processo, falta de acompanhamento dos coordenadores de área, estrutura de alojamentos, alimentação.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Representa uma grande mudança de personalidade, amadurecimento em relação a um maior interesse pela comunidade e pelo contexto em que estou inserida. E, profissionalmente, me deu a oportunidade de adentrar no meio educacional agindo na mudança da realidade local.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Significa contribuir com o crescimento de sua comunidade, seja no meio político, social e econômico. Sim, porque abriu as portas para entrada de um novo mundo (educação).

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Há uma expectativa, por meio de alguns assentados, para que eu possa ingressar na escola que atende a demanda da comunidade, ou que seja construída uma no próprio assentamento.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Atende incentivando a procura de novos conhecimentos para aplicar no meio social.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, porque a escola do campo precisa ser pensada, tanto a estrutura física como a forma humana, através de reuniões com pais, mestres e demais segmentos da sociedade. Um aspecto desta escola seria conteúdo adequado e que tenha a cara do campo.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Ler não é apenas decodificar, mas entender as informações e aplicar no dia-a-dia.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Não tenho, mas estou criando. Através do curso de magistério, obtive a consciência de que ler é necessário e importante em nossa formação.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

É importante, pois, através da leitura conseguimos entender o mundo de diversas formas.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Faço leitura de vários gêneros textuais que, muitas vezes, indiretamente, acabam contribuindo na vida profissional.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Quando escrevi começo, meio e fim da minha separação do pai dos meus filhos, também quando tive que escrever minha história no curso. Em relação ao livro, não lembro o nome do autor, mas o título era: “A máquina de pensar bonito contra o medo que o medo faz”.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Leitura e debate, interpretando, problematizando e procurando possíveis soluções para os problemas encontrados.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

É importante porque incentiva a prática desta no dia-a-dia.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Conteúdo adequado, entonação de voz, postura, debate, entre outros.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

O desempenho e a participação de cada um.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Falta de participação e interação com o grupo.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

A contribuição para a minha formação profissional e o desempenho no meio social.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Corresponde trazendo informações diversas para as soluções múltiplas para os problemas abordados.

13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Trabalhando de forma dinâmica, provocando e valorizando o discurso dos indivíduos.

14) De e acordo com a sua concepção, defina “**texto**”.

É toda e qualquer forma de expressão que passa mensagem significativa para o ser humano.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Gêneros textuais é a classificação das expressões portadoras de informações. É importante trabalhar, na sala de aula, porque desperta o gosto pela leitura dos diversos indivíduos.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, pois não podemos cobrar do aluno se não damos o exemplo.

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Não estimula a capacidade do aluno.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Ver, ouvir, ler e entender.

ALUNO/EDUCADOR U**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

É uma formação ótima, acho que os conteúdos utilizados neste processo foram de total necessidade, este é um dos pontos positivos, também conto como positivo os professores capacitados que, durante toda formação, nos auxiliaram. Os pontos negativos que tivemos foram apenas os recursos que atrasaram e, por este motivo, ainda não concluímos o curso.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

O curso de magistério representa hoje, para mim, como uma profissão muito importante que já começa a dar resultados, pois já estou com proposta de trabalho.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Ser educador do campo é atender as necessidades dos educandos em questão, e começar a partir do que eles já sabem.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

A comunidade sente que os tempos estão mudando e que, no futuro breve, teremos muitos filhos de assentados formados que será ótimo para os assentamentos.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Em partes sim, em outras não. Porque, em relação a educação do campo, os sujeitos terão suas necessidades atendidas, porém, se falarmos educação em geral, não.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, porque uma educação do campo iria atender todas pessoas analfabetas, porque uma escola do campo (NÃO ENTENDI) deve andar em conjunto com a vivência do homem trabalhador do campo.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

É você conseguir ler o mundo como ele é, saber fazer uma crítica construtiva, fazer a leitura do ambiente.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Não, leio de vez em quando, uma ou duas vezes por semana.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

A leitura é muito importante em qualquer situação, e saber fazer uma leitura não só escrita, mas também visualizada, é ótimo par a vida pessoal e profissional.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Eu costumo ler apenas o necessário para a minha profissão, mas também faço outras leituras. Gosto muito de ler os jornais que falam de notícias policiais etc. Por quê? Eu não sei explicar, apenas sinto curiosidade para saber onde ocorreu o fato.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

As cartas que o meu pai escrevia para a minha mãe quando ele estava viajando e ela não sabia ler, então eu quem as lia.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Acho que a atividade que deveria sempre predominar é a leitura, porque a leitura é muito complexa e faz o homem pensar.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Para mim, a leitura é muito importante, porque quem ler bem, fala bem e escreve bem.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Textos, listas, contos, receitas etc.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

O interesse do aluno pela leitura, a participação nas leituras e o comportamento no momento da leitura.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Fazer determinadas leituras de textos que não estão dentro do contexto. A escrita deve estar sempre junto da leitura, as duas caminham juntas, ou seja, devem caminhar sempre juntas.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa estava de acordo com a formação e com as necessidades dos alunos em questão. Não tenho críticas a fazer e sim dizer que o material utilizado estava de acordo com nossa formação em nível médio.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, o material utilizado na nossa formação sempre esteve correspondendo a realidade de todos nós formandos.

13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Começar lendo a partir daqueles textos que você mais gosta.

14) De e acordo com a sua concepção, defina “**texto**”.

Texto podemos citar vários como cartas, bilhetes, contos, uma pintura etc.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Gêneros textuais são tudo aquilo que você fizer a leitura. É importante, muitos deles a gente já conhece só não sabe que é um gênero textual e, aí, fica mais fácil trabalhar este texto em sala, porque os alunos vão ter mais facilidade quando conhecem, é o caso da receita, poesia, poemas etc.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores?

Explique.

Não, porque se eu não gostar como posso fazer com que outros gostem?

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Porque o professor que não escreve textos como ele vai incentivar os alunos a produzirem textos?

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Saber escrever, ler, interpretar a leitura.

ALUNO/EDUCADOR V**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Que é um curso que tem como objetivo formar educadores do campo e com pensamento crítico. Aspectos positivos são a colaboração dos professores para que cada aluno se desenvolva cada vez mais, e fez com que cada um de nós passasse a ver sua comunidade com uma visão diferente. Aspectos negativos foram os longos tempos comunidade que desmotivou muita gente e contribuiu para a desistência de algumas pessoas, e também a falta de compromisso por parte de alguns alunos.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Representa muito, pois, se não fosse este curso, eu nem sei se ainda estaria estudando, porque as dificuldades financeiras não me permitiriam continuar, e no profissional, é que agora eu terei uma profissão e posso correr atrás de um emprego para poder dar condições de vida para meus filhos muito melhor do que a que eu recebi.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Significa ser um educador que tenha uma visão de mundo diferente, que atue nas áreas políticas e sociais contribuindo sempre para a comunidade venha ter um desenvolvimento cada vez melhor.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

A mobilização dos pais para quando nós passarmos definitivamente para a área conquistada, exigir a implantação de uma escola, pois agora a comunidade já tem professores capacitados.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Em parte, porque não ensina tudo que é importante para viver no campo, por exemplo: os sujeitos do campo precisam saber utilizar outros defensivos na lavoura e o magistério não atende essa necessidade.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, porque o campo precisa de uma escola adequada. O modo de ensinar dos professores que nela trabalham.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Ler não é apenas decodificar e sim você ter uma visão crítica e interagir com o meio.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Sim.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

A leitura é importante na minha vida porque foi através da leitura que eu consegui várias coisas e também ingressar neste curso.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Eu leio o que é necessário, mas também faço outras leituras que me agradam, como gibis, notícias, histórias de conto de fadas e textos de livros didáticos.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Um livro que tem como título “O outro gume da faca”, porque eu comecei ler e não consegui terminar e gostaria muito de saber o final, e não tenho como saber, pois já procurei muito este livro e não encontrei.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Ortografia, leitura e escrita, porque são essenciais para que as pessoas possam se expressar melhor.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

É importante para podermos nos aperfeiçoar na linguagem.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

NÃO RESPONDEU

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

O tom de voz, a pronúncia da palavra.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Não tem nada que eu considero erro, porque, a cada dia, estamos renovando a leitura e a escrita.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

A importância de ter trabalhado diversos assuntos que não vimos no ensino fundamental.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, porque não trabalhamos conteúdos soltos, e sim sempre de acordo com a nossa realidade, através de textos, mensagens e outros.

13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Praticando e fazendo leituras que gosta.

14) De e acordo com a sua concepção, defina “**texto**”.

É toda e qualquer forma de expressão que passe uma mensagem significativa.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Gêneros textuais são os diferentes tipos de textos que tratam de diferentes assuntos.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, porque se o próprio professor não lê para dar exemplo, o aluno irá dizer que a leitura não é importante.

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Quer dizer que professor que não produz textos não incentiva os alunos, e os mesmos não aprendem a produzir textos.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Deve saber utilizar o dicionário e ter o hábito da leitura.

ALUNO/EDUCADOR X**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

É um curso para a formação de educadores do campo e para o campo, preparando para trabalhar a partir da realidade e do conhecimento que cada um possui. Existem muitos pontos positivos, como: os conhecimentos adquiridos, profissionais capacitados, aulas teóricas e práticas, aulas de campo, conteúdos significativos e outros. Um dos pontos negativos foi a demora no intervalo entre o tempo comunidade e o tempo escola, deixando-nos um longo período sem retorno.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Na vida pessoal, houve um avanço nos conhecimentos, numa visão crítica com um novo olhar sobre a comunidade. Na vida profissional, é uma oportunidade de trabalho, assim ajudar no desenvolvimento do assentamento.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

É trabalhar conteúdos significativos, partindo da realidade, comparando com conhecimentos científicos, é conhecer seus educandos. O curso contribui para a formação de educadores do campo, pois nos faz refletir sobre o método tradicional ensinado nas escolas, mostrando que é possível mudar, mesmo sendo a minoria.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

A observá-la com outro olhar, sabendo que não existem só pontos negativos, mas muitas coisas boas, e também a participar mais das reuniões e assembleias.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, em uma boa parte, mas ainda necessita de outros profissionais especializados em algumas áreas como: em uso de agrotóxicos, produção de defensivos naturais, detectar os problemas e mostrar possíveis soluções.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, porque muitas crianças e jovens ainda tem que se deslocar do campo para estudar na cidade. O que caracteriza essa escola são professores do campo e conteúdos significativos, adequados para cada turma.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Ler não é apenas decodificar palavras, mas ter uma visão e interação com o meio em que está inserido.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Não tenho o hábito da leitura, mas leio algo que me chama a atenção.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

A leitura é sempre importante, através dela podemos melhorar a escrita, a maneira de expressar-se, no conhecimento e ficar atualizado.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Costumo ler o necessário, mas, às vezes, leio a bíblia, mensagens e fatos que chamam atenção.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

Através das necessidades, nas atividades escolares e do cotidiano, fazendo leitura das situações que nos rodeiam, também marcou o livro que li;”Esaú e Jacó”, Machado de Assis.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Escrita, leitura de textos escritos e através de desenhos, músicas etc.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

Foi de grande importância, pudemos aprender a fazer leitura de diversas formas, nos proporcionando despertar um senso crítico e até um conhecimento do pensamento dos autores.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Levar textos para ler e discutir, produzir textos juntos (interagindo).

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

Considerar o conhecimento que cada um tem, as opiniões diversas e participação.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

Se a leitura e a escrita sair do contexto em que está trabalhando.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Forma materiais importantes. Os textos, as músicas que despertaram para pensar melhor, e também algumas regras gramaticais.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, porque tudo que a gente aprende é algo que podemos levar onde formos. Foi uma oportunidade de aprender com as experiências de cada um.

13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Que seja algo que chame atenção, que interesse de forma dinâmica.

14) De e acordo com a sua concepção, defina “**texto**”.

É tudo aquilo que, através dele, possa fazer uma leitura do que se transmite.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

São charges, crônicas e outros. É uma forma de aprender de maneira criativa, se aprende melhor, pois são textos interessantes em sua estrutura, que causam curiosidade.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, pois que exemplo ele vai passar para incentivar seus alunos, não vai poder dá exemplos.

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

Se o professor não tem o hábito da escrita, não vai produzir texto, não vai se importar que os alunos produzam, eles não vão desenvolver o potencial do raciocínio sem produzir nenhum material, tornando-se limitados apenas para o que o professor transmite.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Não necessariamente precisa saber, mas despertar o desejo e a curiosidade de conhecer e se dispor para saber o português.

ALUNO/EDUCADOR Z**CARACTERIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

- 1) O que você pensa sobre o curso de formação do magistério (PRONERA)? Que aspectos você julga positivos e que aspectos você julga negativos nesse processo de formação? Por quê?

Contribuiu muito para que eu crescesse e visse o mundo com outros olhos, com um olhar crítico. Só vejo aspectos positivos nesse processo, porque as pequenas coisas, hoje, já foram superadas, foi o caso de um ano sem tempo escola.

- 2) O que representa o curso de formação do magistério (PRONERA) na sua vida pessoal e profissional? Explique.

Na minha concepção, o curso do magistério só trouxe melhorias tanto para a minha vida profissional quando para a minha vida pessoal, porque foi através do curso que tive a chance de conseguir um trabalho.

- 3) No seu entendimento, o que significa ser um educador do campo? O curso de formação do magistério (PRONERA) contribui para sua formação como um educador do campo? Por quê?

Para ser um educador do campo, precisa conhecer a realidade, trabalhar a partir do educando, ter uma formação do campo para o campo. Sim. O curso foi de acordo com a nossa realidade, do campo para o campo.

- 4) Que reflexos o curso de formação do magistério (PRONERA) teve ou tem na sua comunidade? Explique.

Depois do curso, o assentamento recebeu mais apoio da minha parte, fez com que eu interagisse mais entre o grupo e reuniões, incentivasse mais o trabalho coletivo e conscientizasse a questão ambiental na comunidade.

- 5) Na sua opinião, o curso de formação do magistério (PRONERA) atende às especificidades/necessidades dos sujeitos do campo? Por quê?

Sim, pois trabalha com a realidade do campo, com temáticas que atendem a necessidade do campo. Partindo de temas geradores do seu dia-a-dia.

- 6) Para você é importante a existência de uma escola do campo? Por quê? Que aspectos caracterizam essa escola?

Sim, porque o campo precisa de uma escola de qualidade do campo para o campo, onde alunos possam conhecer, desde cedo, sua história, suas raízes. Um dos aspectos que caracteriza essa escola que tanto queremos é uma escola que transforme a teoria na prática, que resgate a cultura local, que transforme o cidadão oprimido em agente construtor de sua história, conhecedor dos seus direitos e deveres na sociedade em que vive.

CARACTERIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE LEITURA DO EDUCADOR DO CAMPO

- 1) Para você, o que é ler?

Ler é compreender tudo o que acontece ao seu redor, ler através de um olhar, gesto, paladar, ter uma visão crítica da leitura de mundo. É saber interagir, vai muito mais além, é saber questionar a partir da leitura que faz.

- 2) Você tem o hábito da leitura?

Sim, em parte. Procuro sempre ler aquilo que gosto.

- 3) Qual é a importância da leitura na sua vida profissional e pessoal? Justifique.

O educador que não ler, não pode incentivar alguém a ler, não cresce profissionalmente nem como pessoa.

- 4) Você costuma ler apenas o que é necessário na sua profissão ou faz outras leituras que lhe agradam? Caso faça, quais são? Por quê?

Não, além de ler o que é necessário, procuro ler aquilo que gosto, como: revistas de novela, horóscopo, jornal e revistas.

- 5) Que livro, texto ou situação marcou sua história com a leitura?

O livro de Graciliano Ramos “A seca do Nordeste”, pois me faz lembrar muito a história de algumas familiares meus que passaram por situações parecidas com a que retrata o livro, a miséria.

- 6) Na sua opinião, que atividades de ensino devem predominar nas aulas de língua portuguesa? Por quê?

Deve predominar a leitura, escrita e interpretação de texto, porque, por no papel o que pensamos, faz com que aperfeiçoemos tanto a escrita quanto a leitura, e nos forma pessoas críticas.

- 7) Para você qual é a importância da leitura nas aulas de língua portuguesa? Justifique.

O momento da leitura nas aulas ajuda muito na entonação da voz e ajuda também a despertar no aluno a participação nas aulas, a questionar.

- 8) A seu ver, que procedimentos devem ser utilizados ao se trabalhar a leitura em sala de aula?

Deve se trabalhar através de textos, poemas, receitas.

- 9) Nas atividades de leitura, o que deve ser avaliado? Justifique.

A participação e a entonação da fala.

- 10) O que você considera “erro” no trabalho com a leitura? E com a escrita?

O saber ler e não interpretar o que ler, não socializar as idéias.

- 11) Que importância você atribui ao material didático trabalhado nas aulas de língua portuguesa do curso de formação do magistério (PRONERA)? Que críticas você pode fazer a esse material?

Muito importante, foi de fundamental importância, supriu minha necessidade enquanto aluna desse curso.

- 12) O material didático utilizado nas aulas de língua portuguesa, do curso de formação do magistério (PRONERA), corresponde à realidade dos sujeitos envolvidos nesse processo de formação? Justifique.

Sim, foram trabalhados conteúdos de acordo com a realidade do aluno, propondo atividades diversificadas para nossa formação, mostrando como ensinar na teoria e na prática.

- 13) Na sua opinião, de que maneira podemos desenvolver o gosto pela leitura?

Fazendo leitura compartilhada, trazendo temas da nossa realidade, textos que eles gostem, que sejam significativos.

14) De e acordo com a sua concepção, defina “**texto**”.

Há vários tipos de textos: músicas, desenho, conto, poema etc.

15) Segundo seus conhecimentos, responda o que são os gêneros textuais. Qual é a importância de se trabalhar diversos gêneros de texto em sala de aula?

Tudo aquilo que faz parte da leitura. É muito importante trabalhar com vários gêneros de texto, porque vai proporcionar ao aluno o gosto pela leitura, uma melhor assimilação de conhecimento. E fica mais fácil quando se trabalha com textos que eles gostam, é o caso dos textos ilustrados.

16) Para você um professor que não tem o hábito da leitura pode formar alunos leitores? Explique.

Não, porque quando não se gosta de fazer algo, fica muito difícil incentivar alguém a gostar.

17) Explique a frase: “professor que não produz texto produz alunos improdutivos”.

O professor que não produz textos, produz alunos improdutivos porque, da maneira que ele mesmo não cresceu, não pode incentivar o seu aluno a progredir.

18) Na sua opinião, o que se deve saber para “**saber português**”? Justifique.

Ler, saber socializar o que escreve, interpretar e gostar do que faz, porque quem faz tudo isso, faz uso nas suas atividades diárias.